

**Universidade Federal do Rio de Janeiro**  
**Instituto de Psicologia**  
**Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica**

Adicção sexual: um combate contra Eros?

**Ney Klier Padilha Netto**

2017



## **Adicção sexual: um combate contra Eros?**

**Ney Klier Padilha Netto**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Marta Rezende Cardoso

Rio de Janeiro

Fevereiro/2017

## **Adicção sexual: um combate contra Eros?**

**Orientadora: Marta Rezende Cardoso**

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos à obtenção do título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

Aprovada por:

---

Profa. Dra. Marta Rezende Cardoso

---

Prof. Dr. Paulo César de Carvalho Ribeiro

---

Profa. Dra. Claudia Amorim Garcia

---

Prof. Dr. Julio Sergio Verztman

---

Profa. Dra. Fernanda Pacheco Ferreira

Rio de Janeiro

Fevereiro/2017

Padilha Netto, Ney Klier

Adicção sexual: um combate contra Eros?/Ney Klier Padilha Netto.  
Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2017.

118 f.; 29,7 cm

Orientadora: Marta Rezende Cardoso.

Tese (Doutorado) – UFRJ/IP/Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, 2017.

Referências Bibliográficas: f. 114-118.

1. Adicção sexual. 2. Sexualidade. 3. Compulsão. 4. Psicanálise.
5. Tese (Doutorado). I. Cardoso, Marta Rezende. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Instituto de Psicologia/ Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica. III. Título.

## **Dedicatória**

Aos meus irmãos Bruno, Bernardo e Brenno, cada um refletindo diferentes aspectos da minha própria existência e personalidade.

## Agradecimentos

Agradeço à minha mãe e ao meu padrasto, pela aposta na minha trajetória como pesquisador e fornecimento de uma base sólida e consistente para a minha formação pessoal e profissional.

Ao meu pai, “*in memoriam*”, pelas experiências alegres, viagens e bons momentos que mantenho vivos na memória.

Às minhas tias Eleonora Ballista e Flávia Vasconcelos, por serem fadas-madrinhas, permitindo que a realidade, mesmo com toda improbabilidade, comporte instantes mágicos, dignos de contos-de-fadas.

À Família Ballista: Avô José, Avó Ione e Avó Cida, pelos alicerces atemporais.

À Sheila, pela sua dedicação e imprescindível organização doméstica.

Ao Professor Eduardo Ponte Brandão, pelo incentivo à Pesquisa nos tempos de Graduação, pela orientação que antecedeu a minha entrada no Mestrado, pelo exemplo positivo. Sem a sua ajuda, jamais teria conseguido chegar tão longe.

À Professora Ana Maria Rudge, pelo acolhimento tão significativo para mim na época da seleção de Mestrado.

À Professora Claudia Garcia, por me acompanhar desde o meu início no Mestrado e continuar possibilitando excelentes trocas e aprendizados no Doutorado, com afeto e sabedoria.

À Professora Monah Winograd, pela leveza e profundidade das trocas, pelo encontro alegre no início do percurso de Doutorado, pelo incentivo e pelo acolhimento.

Aos Professores Júlio Verztman e Regina Herzog, que sempre transmitem muita serenidade e conhecimento, enriquecendo, em diferentes momentos, o meu percurso de Pesquisa.

Ao Professor Vincent Estellon, pelo breve, mas feliz encontro.

Aos Professores Paulo Carvalho Ribeiro e Fernanda Pacheco Ferreira, por estarem participando, com suas contribuições, da conclusão deste percurso tão intenso e produtivo do Doutorado.

À Professora Angela Perricone, pela introdução à Língua Francesa nos tempos de Mestrado.

À Carmen Tourinho, grande heroína da vida real, que mantém vivas a beleza e a riqueza do trabalho realizado no Núcleo de Assistência em Saúde Mental Casa Verde.

À Ana Paula Sanzana, pelo apoio e pelos alicerces no trabalho em Saúde Mental.

Aos demais técnicos e estagiários do Núcleo Casa Verde – aprendo tanto com vocês! São quase dez anos de trabalho, crescimento, e grande felicidade nas pequenas coisas.

À Sonia Caldas Serra e Sara Lipman, pelo trabalho clínico e pelo apoio fundamental em diferentes fases da minha vida.

Aos meus amigos tão valiosos, seja os que me acompanharam, seja os que ainda me acompanham, nos meus altos e baixos, nas minhas conquistas e tempos de recuo, nos meus avanços e retrocessos. A vida não teria a mesma graça sem vocês.

À Leila Amorim, nosso laço é inquebrável.

Ao Renato, pelo companheirismo e pela liberdade. E pelos momentos mágicos. *Je t'aime*.

Agradecimento especial a Ana Gazal e Evelyn Brasil, para sempre meus anjos da guarda.

À Valéria Barros, pela amizade, pela atenção cuidadosa e pela assistência jurídica.

Ao Pedro Henrique Bernardes Rondon, pela revisão atenciosa, gentil e afetuosa de todos os meus trabalhos acadêmicos publicados e, agora, da presente tese.

À CAPES, pelo financiamento da minha pesquisa.

À Alice e ao José Luiz, pela ajuda e pelo apoio na secretaria do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ.

Aos alunos da Equipe de Iniciação Científica que acompanhei como Professor Tutor, Arthur, Danielle, Camila, Lívia, Camylla, e Mariana Rondon; por me permitirem experimentar a alegria da transmissão.

Aos meus colegas e companheiros da Equipe de Pesquisa, que há tantos anos fazem o trabalho ser mais prazeroso, produtivo e enriquecedor. Patrícia Paraboni e Camila Peixoto Farias, sempre no meu coração. Morgana Rech, sempre um doce. Pedro Efken, André Luiz Vale, Diana Borschiver Adesse, Ana Maria Guerrero, Gabriela Maia, Aline Demantova, Daniel Senos, Raquel Del Giudice Monteiro e os demais, só tenho a agradecer.

À minha orientadora Marta Rezende Cardoso, pela atenção nutridora, pelo incentivo e pela minha verdadeira formação na vida acadêmica. Agradeço também a amizade, a generosidade e o acolhimento que alumiarão o longo e árduo percurso desde o início do Mestrado até a conclusão do Doutorado. Juntos, construímos uma belíssima parceria. Que as sementes que plantamos continuem aflorando no horizonte.

## **Resumo**

Adicção sexual: um combate contra Eros?

**Ney Klier Padilha Netto**

Orientadora: Marta Rezende Cardoso

Resumo da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

O objetivo desta tese é realizar investigação aprofundada do quadro da adicção sexual através da análise dos fatores psíquicos implicados em sua gênese, fenomenologia e dinâmica de funcionamento. Nessa modalidade de adicção, a realização do ato sexual se impõe ao sujeito de modo compulsivo. A adesão incontrolável a diferentes práticas sexuais corresponde, no plano intrapsíquico, a um regime situado além do princípio de prazer: resposta extrema que revela em sua base graves prejuízos na economia e na dinâmica psíquica do sujeito adicto.

Os fundamentos narcísicos e edípicos envolvidos nessa situação clínica constituem importante elemento de reflexão. O apelo imperativo ao ato sexual é acompanhado de profundo distanciamento do objeto quanto ao plano afetivo da relação. O outro é desinvestido em sua condição de objeto alteritário posto que os parceiros do *sex-addict* são desumanizados, relegados à condição de anonimato. Nessa recusa da alteridade, o sexo assume viés narcísico e patológico; o sujeito busca na relação objetal a contenção narcísica que não pôde ser interiorizada em etapas iniciais de seu desenvolvimento psíquico. Por sua vez, a questão da singularidade do Complexo de Édipo na adicção sexual tem grande relevância, particularmente quanto à sua vertente originária em cujo núcleo reside a fantasia da cena primitiva.

Essencialmente, a prática sexual assume dimensão crua e abrasiva, o “sexual” se desvencilhando progressivamente do universo da fantasia e do das trocas objetais. O trabalho de Eros se torna empobrecido em benefício de um pulsional mortífero; o ato sexual se aproxima de um ato de destruição psíquica.

**Palavras-chaves:** Adicção sexual; Sexualidade; Compulsão; Psicanálise; Tese (Doutorado).

Rio de Janeiro

Fevereiro/2017

## **Abstract**

Sexual addiction: a combat against Eros?

**Ney Klier Padilha Netto**

Tutor: Marta Rezende Cardoso

Abstract of the Thesis presented to the Post-graduation Programme of Psychoanalytic Theory, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, as a part of the requisite for obtaining the Doctor's Degree in Psychoanalytic Theory.

The purpose of this thesis is to carry out an in-depth investigation of the sexual addiction through the analysis of the psychic factors involved in its genesis, phenomenology and functioning dynamics. In this mode of addiction, the performance of the sexual act imposes itself on the subject compulsively. The uncontrollable adhesion to different sexual practices corresponds, at the intrapsychic level, to a regime situated beyond the pleasure principle: an extreme response that reveals in its base serious damages in the psychic economy and dynamics of the addict subject.

The narcissistic and oedipal foundations involved in this clinical situation are an important element for reflection. The imperative appeal to the sexual act is accompanied by a deep detachment from the object as far as the affective level of the relationship is concerned. The other is disinvested in its condition of other-object since the partners of the sex-addict are dehumanized, relegated to the condition of anonymity. In this refusal of otherness, sex assumes a narcissistic and pathological bias: the subject seeks in the object relation the narcissistic containment that could not be internalized in the initial stages of his psychic development. On the other hand, the issue of the singularity of the Oedipus complex in sexual addiction has great relevance, particularly in regard to its original aspect, in the nucleus of which lies the fantasy of the primitive scene.

Essentially, sexual practice takes on a crude and abrasive dimension, the "sexual" progressively disengaging itself from the universe of fantasy and that of object exchange. Eros' work becomes depleted for the sake of a deadly drive. The sexual act approaches an act of psychological destruction.

**Keywords:** Sexual addiction; Sexuality; Compulsion; Psychoanalysis; Thesis  
(Doctor's Degree).

Rio de Janeiro  
February/2017

## Sumário

Introdução.....	13
Capítulo I.....	16
Excesso e compulsão na adicção sexual.....	16
I.1 – O <i>sex-addict</i> : precariedade do desejo e supremacia da exigência.....	16
I.2 – A adicção sexual sob a perspectiva da psicopatologia.....	20
I.3 – Da “intoxicação libidinal” à “compulsão à repetição”.....	26
I.4 – Das neossexualidades às necessidades.....	31
I.4.1 – O ato sexual como “ <i>mise-en-scène</i> ” nas perversões.....	32
I.4.2 – Empobrecimento do desejo na dinâmica pulsional do adicto.....	36
I.5 – Corpo sensorial e autoerotismo nas adicções sexuais.....	40
I.6 – Desobjetalização e prazer no registro “além do princípio de prazer”.....	45
Capítulo II.....	50
Um encontro ameaçador com o outro.....	50
II.1 – A ameaça do encontro com a subjetividade do objeto sexual.....	50
II.2 – O <i>sex-addict</i> : um libertino em crise?.....	54
II.3 – Apelo compulsivo ao sexo: retranscrição de um apelo ao outro?.....	58
II.4 – Feminilidade, angústia e desamparo.....	60
II.4.1 – O colapso da angústia-sinal no <i>sex-addict</i> .....	62
II.4.2 – Desamparo e exteriorização: uma patologia de fronteiras.....	65
II.5 – O “caso” Brandon.....	67
II.6 – Aterrorizado pela própria sexualidade?.....	70
Capítulo III.....	78
Um Édipo sem fronteiras: a insistência do arcaico no <i>sex-addict</i> .....	78
III.1 – A dimensão do Édipo na adicção sexual.....	78
III.2 – A dupla face da cena primitiva.....	82
III.3 – Édipo originário: a <i>phantasia</i> inconsciente.....	87
III.4 – A violência da cena primitiva.....	90
III.5 – Impacto da cena primitiva.....	93
III.6 – Um Édipo à beira dos limites.....	95
III.6.1 – O extremo do “sexual”: extremo do risco.....	98
III.6.2 – Diluição das fronteiras.....	101
Considerações Finais.....	105
Referências.....	114

## Introdução

A referência à sexualidade constitui o ponto fundamental da Psicanálise, que se esforça na direção de elucidar suas repercussões inconscientes. Com a Pós-Modernidade, diferenças significativas no manejo da vida sexual consolidaram-se, trazendo novas questões ao método psicanalítico, em seu corpo teórico e clínico, acerca das determinações e destinos do sofrimento subjetivo. A repressão do sexual já não tem o mesmo peso de outros tempos, apesar de ainda ser um dos pilares que sustentam a organização do psiquismo e da sociedade. O sujeito deve abdicar de certas satisfações para poder ingressar na cultura e fazer parte da civilização. Em certa medida, esse postulado é atemporal.

Se no final do século XIX a sexualidade era por excelência objeto da defesa, do recalque e, portanto, matéria-prima do desejo inconsciente, neste início do século XXI continua sendo fator imprescindível na determinação do funcionamento psíquico. Entretanto, o seu manejo intrassubjetivo já não está tão predominantemente atrelado às defesas ligadas ao recalque de suas representações incompatíveis com o ego. Em quadros psicopatológicos que se evidenciam cada vez mais na clínica cotidiana, parece haver a presença de uma dimensão traumática em sua base, aquém da ordem representativa.

A nossa pesquisa de Doutorado emerge exatamente no contexto de investigação de problemáticas psíquicas que desafiam o panorama teórico e clínico da Psicanálise, estando voltada para o quadro da adicção sexual. Neste, a sexualidade se impõe ao sujeito como algo que ele não consegue controlar. A aderência a diferentes práticas sexuais ultrapassa os critérios essenciais de estabelecimento do princípio de prazer, resultando em intensos prejuízos na dinâmica psíquica e no cotidiano do sujeito adicto.

O adicto sexual ou *sex-addict*, dessa forma, se distingue do homem comum pelo fato de estender consideravelmente o tempo dedicado à busca de situações sexuais diversas. A lógica é simples, habitualmente não exige grandes manobras de sedução nem roteiros específicos. Da primeira troca de olhares com o parceiro à consumação do ato sexual não há complexidade, romance ou cortejo. Perdem-se apenas instantes. É como se, de certa forma, o *sex-addict* conseguisse reconhecer cúmplices em meio à multidão, pessoas dispostas à parceria sexual, sem envolvimento afetivo ou emocional.

Essencialmente, o sujeito é impelido a agir, a buscar a satisfação sexual, não importando as consequências a curto ou longo prazo.

O desenvolvimento de nossa pesquisa segue estreita linha de continuidade com o percurso iniciado por nós na dissertação de Mestrado “A violência do sexual e o impacto da pulsão de morte”, realizada no Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ, defendida em fevereiro de 2012. Nesse trabalho – vinculado à equipe de pesquisa coordenada pela Professora Marta Rezende Cardoso, justamente dedicada ao tema do trauma, do excesso pulsional e da questão dos limites e fronteiras na vida psíquica –, tivemos por objetivo problematizar o conceito de pulsão sexual na obra freudiana, explorando suas diferentes dimensões, abrangência e significação.

Dedicamos particular atenção aos problemas teóricos referentes à introdução do conceito de pulsão de morte e o seu impacto sobre a teoria da sexualidade. Isto porque Freud, para fundamentar a oposição entre pulsão sexual e pulsão de morte, restringiu a pulsão sexual ao domínio das pulsões de vida (Eros) – pulsões que tendem à ligação e à manutenção dos laços. A nossa proposta foi então interrogar até que ponto seria possível conciliar os aspectos violentos e destrutivos da sexualidade humana com a dimensão de ligação inerente a Eros.

Notadamente, a questão que norteou o nosso percurso no Mestrado está na base da problemática que viemos a investigar no Doutorado: na adicção sexual, a sexualidade perde em grande parte seu potencial fantasístico, passando a servir como motor de uma busca desmedida e destrutiva de prazer que não comporta a possibilidade de vínculo libidinal com o outro. Se o panorama teórico e clínico da Psicanálise sempre colocou a questão da sexualidade no centro da discussão, a problemática do sexo vivenciado como situação de adicção ainda não foi tratada com a devida atenção e interesse por esse campo específico do saber. Os estudos psicanalíticos sobre o assunto são escassos e, com raras exceções, fragilmente sistematizados, insuficientemente desenvolvidos.

Nossa pesquisa de Doutorado visa, portanto, a investigação teórica aprofundada da adicção sexual, com a finalidade última de contribuir para o avanço da compreensão dessa modalidade particular de adicção. Nossa meta é promover a interlocução entre os aspectos metapsicológicos e psicopatológicos intrínsecos à abordagem psicanalítica, pretendendo adentrar territórios de compreensão ainda pouco explorados sobre o tema.

No primeiro capítulo de nossa tese, o objetivo inicial é avaliar o quadro da adicção sexual e aprimorar sua definição, delineando suas características mais marcantes. Mostraremos como nessas situações clínicas o apelo ao sexo se torna uma exigência

imperativa, coercitiva, o sujeito não conseguindo negociar psiquicamente com os entraves e obstáculos para a realização imediata de seus impulsos sexuais, cada vez mais transbordantes. Faremos inicialmente uma incursão ao território da Psicopatologia, com o intuito de reconstruir o percurso de emergência da noção de adicção sexual nesse importante âmbito do saber. Em seguida, buscaremos na clássica obra freudiana subsídios para uma consistente investigação psicanalítica do quadro em questão.

Veremos como na adicção sexual os pilares simbólicos que sustentam a psicosexualidade tendem a entrar em colapso, a prática sexual assumindo uma condição crua e abrasiva, o sexual se desvincilhando progressivamente do universo da fantasia e do das trocas objetais. À medida que o trabalho de Eros se torna severamente empobrecido em benefício do pulsional mortífero, nossa investigação se dirige à *relação eu-outro* nesse conturbado panorama, tema de estudo do nosso segundo capítulo. Qual seria o tipo de relação que o *sex-addict* estabelece com seus parceiros? Ao procurar incessantemente o “outro” para uma interação sexual, qual seria o verdadeiro estatuto dessa busca?

Analisaremos a dimensão de conquista desenfreada do objeto sexual, esta assumindo características tortuosas e paradoxais. O apelo imperativo ao ato sexual é acompanhado de profundo distanciamento do objeto no que concerne ao plano afetivo da relação. O encontro com o outro é parcializado, desumanizado, sendo o parceiro sexual relegado à condição de anonimato. Ao nos determos, primeiramente, nos fatores narcísicos implicados nessa dinâmica de funcionamento, posteriormente, nos interrogaremos sobre os fundamentos edípicos nela envolvidos.

O objetivo de nosso terceiro capítulo é, portanto, o de explorar nas determinações da adicção sexual o papel do complexo de Édipo, dando especial relevo à sua vertente originária, a qual tem na construção da cena primitiva o seu núcleo essencial. Esse eixo de trabalho nos conduzirá, por fim, a refletir sobre a adicção sexual em suas manifestações mais radicais e extremas, onde a crescente adesão a situações de risco por parte do *sex-addict* se torna paradigmática de uma busca sem limites e perigosa que, em seu sentido mais profundo, revela determinadas contingências de uma tumultuada história relacional.

# Capítulo I

## Excesso e compulsão na adicção sexual

O nosso objetivo no presente capítulo é, primeiramente, avaliar o quadro da adicção sexual e demarcar sua singularidade frente a outros quadros de violência psíquica. Na parte inicial de nossa reflexão, procuraremos reconstruir o percurso referente à emergência do conceito de adicção sexual no território da psicopatologia e, subsequentemente, no da teoria psicanalítica. Se em termos conceituais a teoria freudiana oferece os fundamentos para uma apreciação psicanalítica do quadro, em termos de tematização direta sobre o mesmo foram os estudos sobre a perversão sexual que trouxeram à tona a problemática do sexo como uma adicção.

Contudo, conforme nos empenharemos em mostrar, os registros da organização perversa e o do quadro adictivo, apesar dos pontos de convergência, não podem ser tomados como inteiramente equivalentes entre si. Procuraremos então dissociá-los e, a partir dessa dissociação, indicar como nas adicções sexuais a atividade sexual se desvencilha progressivamente de coordenadas simbólicas significativas. O recurso à passagem ao ato monopoliza o campo de respostas possíveis para a descarga da força pulsional. O gozo sexual, buscado numerosas vezes por dia, de forma imperativa e irremediável, serve como importante protótipo de uma busca de prazer no registro do “além do princípio de prazer”.

Questionaremos então o que essa busca irrefreável e patológica revela sobre a constituição do corpo erógeno, corpo devassado pelo pulsional e pela polimorfia dos prazeres. Se no apelo desmedido ao sensorio tão próprio à adicção sexual está uma resposta elementar ao transbordamento pulsional, faz-se necessário investigar o papel do autoerotismo na constituição psíquica e sua implicação nos estados destrutivos da psicosssexualidade. Em seguida, avaliaremos o estatuto do prazer neste contexto onde o sujeito não consegue sair de uma espiral destrutiva de passagens ao ato.

### I.1 – O *sex-addict*: precariedade do desejo e supremacia da exigência

Vincent Estellon dedica bastante atenção ao tema da adicção sexual, relatando casos clínicos, descrevendo suas características e buscando embasamento metapsicológico para elas. Em sua trajetória clínica, o autor (2002) acompanhou casos

nos quais as práticas sexuais podem ser comparadas, em seu funcionamento, a uma busca incessante de drogas. A adicção sexual, para ele, corresponde a um modo particular de escolha de objeto, parcial, no qual intensos sentimentos de solidão, tristeza e desespero são acompanhados de uma rara vontade de erradicar e esgotar o sexual.

Visivelmente em sociedades ocidentais e capitalistas o sexo mais do que nunca se tornou produto de consumo, moeda de troca e instrumento de poder. Para Estellon (2011, 2014a), os comportamentos sexuais fazem parte da evolução onde reina a lei da oferta e demanda, a regra da livre concorrência, tornando-se objeto cujo estatuto é similar ao de qualquer outra mercadoria. O acesso à pornografia, por exemplo, não somente se desenvolveu, mas banalizou-se. O que é desejado na vida do homem comum deve ser adquirido em questão de instantes, inviabilizando o tempo de espera e de frustração. A sexualidade tornou-se recreativa e até mesmo imperativa. “Pois em efeito, tudo se passa como se o slogan do novo superego social tivesse se tornado: deve-se gozar sem entraves” (Estellon, 2011, op. cit., p. 127 – Tradução nossa).

Não é difícil supor que esse panorama facilite o aumento de soluções adictivas. Estellon (2014a) indica que a associação entre os termos “adicção” e “sexualidade” não é anódina, interrogando até que ponto a última não se encontra na origem de toda dependência. Afinal, “não somos mais passionais, senão adictos, quando se trata de nossa vida amorosa?” (Estellon, 2014a, op. cit., p. 89 – Tradução nossa).

Se na tradição psicanalítica, o analista é conduzido a “perseguir” o sexual onde este possa se encontrar oculto, no trabalho com *sex-addicts*, o desafio é diferente: o sexual não se esconde sob a máscara do sintoma neurótico, do disfarce dos interditos, mas se apresenta de forma explícita e espantosa. O sujeito descreve as minúcias de suas aventuras sexuais, imerso em detalhes cuja literalidade ofusca a sua imersão no universo metafórico. Nessa crueza do sexual, paradoxalmente, o erotismo não se faz reluzir (Estellon, 2012).

Na adicção sexual, o sujeito perpetua uma série de atuações sexuais de modo incessante: das mais desorganizadas e parciais – como práticas que envolvem apenas o contato com partes do corpo do parceiro através de fendas em paredes de banheiros públicos, clubes noturnos ou lugares clandestinos; orgias, onde há intensa multiplicidade de formas e objetos sexuais; passando por práticas solitárias e isoladas do contato com o outro, como a masturbação e o consumo de pornografia em níveis desenfreados – até práticas sexuais que se aproximam do encontro com o objeto total, onde o sujeito tem contato com o parceiro de modo mais direto e regular, apesar de estar emocionalmente ausente da relação.

Estellon (2002, op. cit.) menciona características fundamentais da adicção sexual: encontros anônimos e superficiais em detrimento de relações de apego e de reconhecimento da alteridade; atividade repetitiva que seria, paradoxalmente, dessexualizante; busca extrema de encontro com o objeto, por mais que as racionalizações e explicações sobre essas atividades no discurso do adicto digam o contrário; práticas sexuais que vão na contramão da libido de objeto, estando a serviço da libido do ego; luta contra um intolerável afeto de solidão ou abandono.

O confinamento da libido objetual em libido do ego – questão que será aprofundada por nós no segundo capítulo da presente tese –, ao reduzir progressivamente as forças eróticas da primeira, é uma armadilha que recai sobre o próprio ego, que vai ficando cada vez mais privado de suas capacidades fantasísticas e de sonho, atacado pelo excesso da força pulsional disruptiva, traumática. Sucede-se então a repetição, a automação de um circuito economizador de fantasias que reduz as possibilidades de encaminhamento criativo para a sexualidade.

O sujeito é impelido a agir, a buscar a satisfação sexual, mesmo que essa busca o prejudique em suas tarefas cotidianas, em suas relações familiares e responsabilidades profissionais. O *sex-addict* vira noites, atrasa-se para o trabalho, perde oportunidades, perde a credibilidade, até chegar ao ponto da exaustão. Coloca a própria vida em risco, obstinado a cumprir determinado comando interno, que exige descarga e não cessa de gritar ordens. O imperativo de gozo sexual ultrapassa os critérios essenciais de estabelecimento do princípio de prazer.

Mesmo quando não atua diretamente, o *sex-addict* está obcecado por alguma circunstância sexual idealizada, que se manifesta através de rumações obsessivas sobre atividades sexuais, visitas recorrentes a páginas de pornografia na *internet*, horas intermináveis em aplicativos de encontros sexuais, entre outras circunstâncias que o aprisionam na espiral destrutiva da compulsão à repetição. Nela, ele desperdiça imensurável cota de energia.

Diferentemente de autores que colocam a adicção como problemática situada entre o desejo e a necessidade, Jacques André (2008) pontua que o impasse incide entre o desejo e a exigência. O desejo pressupõe a falta e a espera, a construção de uma fantasia. A esperança de realizá-lo movimenta e faz trabalhar o psiquismo. O objeto da pulsão é contingente e em sua substituição múltipla e metafórica, se complexificam as operações para se obter a descarga. Ao desejar, o sujeito pode renunciar e separar-se de determinado objeto, para depois se vincular a outra coisa, outro objeto, outro ideal.

Em contrapartida, na adicção o sujeito é escravo, perde totalmente o poder de escolha. A violência da pulsão sexual se faz notar de maneira estrondosa. O circuito entre impulso e ação torna-se estreito e fixado. É próprio da pulsão pressionar ininterruptamente. Contudo, na melhor das hipóteses, o sujeito encontra múltiplos caminhos para direcionar essa força constante. Na solução adictiva, perde-se a multiplicidade relativa ao desejo e se evidencia a fixidez do imperativo, da exigência. “A exigência reclama muito, reclama mesmo demais, aumenta com a satisfação mais do que é acalmada. Impossível contentá-la, a exigência é insuportável, tirânica, faz com que os desejos se tornem ordens” (André, 2008, op. cit., p. 156).

O critério que refere a adicção sexual a uma psicopatologia se relaciona justamente com a noção de exigência: em dado momento, o adicto sente-se asfixiado em seu circuito compulsivo, sem a possibilidade de optar por outro caminho de satisfação. A vida do indivíduo gira em torno do sexo, em detrimento de todo o resto. A sexualidade se impõe como algo que ele não consegue mais controlar. Isto o leva a sentimentos de vazio, tristeza, vergonha e extremo desespero. O caráter obsessivo e imperioso da busca sexual é a grande marca da adicção (Morellini, 2008).

Para Estellon (2002, op. cit.), é como se o *sex-addict* estivesse possuído por uma força misteriosa que o empurra para o ato e para a conquista. Em suas manifestações mais radicais, o sujeito frequentemente se precipita em um “agir puro”, aquém inclusive do processo primário, que pressupõe o plano fantasístico. O corpo parece estranhamente possuído, fato que culmina na busca de sensações puras em detrimento de qualquer laço humanizante.

As atuações sexuais compulsivas não se inscrevem, não se integram na memória. O sujeito, por exemplo, que tem quatro parceiros por dia, é muitas vezes incapaz de lembrar os primeiros nomes e até mesmo os rostos de seus parceiros. Restam apenas impressões, resquícios de sensações quais restos diurnos que participam da composição do sonho. Todavia, esses resquícios não são acompanhados de uma atividade representativa (Estellon, 2002, 2003).

A busca de um “objeto-sexual-prótese” (Estellon, 2002, op. cit., p. 184) se faz imperativa, imprescindível para que o sujeito atinja níveis basais de equilíbrio e tranquilidade psíquica. O parceiro sexual, nas práticas adictivas, assume participação numa função reparadora através não de seu reconhecimento como objeto alteritário, mas de sua disponibilidade para auxiliar o sujeito em uma busca peculiar de prazer e distanciamento das funções intelectuais e de pensamento. Nesse sentido, o parceiro é visto

somente conforme aspectos parciais: o tamanho de seu órgão genital, determinada característica corporal, porte físico, entre outros. A sexualidade perversa polimorfa encontra livre expressão, na primazia do sexual pré-genital, parcializado, que não converge rumo ao investimento totalizante do objeto.

Tendo colocado em perspectiva as características mais marcantes da adicção sexual, no tópico a seguir reconstruiremos o percurso referente à emergência do conceito no campo da psicopatologia. Reconstrução que se revela oportuna, não apenas devido à surpreendente escassez de abordagens psicanalíticas sobre o tema, mas, também, por viabilizar o exame de dados históricos fundamentais – dados que, em última instância, constituem o solo epistemológico de nossa pesquisa. O nosso objetivo, ao refazermos esse percurso, é prover maior consistência à descrição do quadro.

## **I.2 – A adicção sexual sob a perspectiva da psicopatologia**

No território da psicopatologia, a concepção de adicção sexual apresenta diferentes formas e significações, não existindo parecer unânime sobre a questão. Desde o final do século XIX até os manuais atualmente vigentes de classificação das doenças, é possível encontrar grande variedade de terminologias, conceitos e distintas abordagens relativas ao tema. No entanto, apesar das divergências e diferentes perspectivas, a descrição sintomatológica do quadro, notadamente, parece não variar muito.

Michael Foucault, em sua arqueologia dos saberes, mostrou que a ideia de sexualidade fora construída no século XIX pelo discurso médico, o que representou, dentre inúmeros outros aspectos, o estabelecimento de uma nova divisão entre a norma e o desvio (Roudinesco & Plon, 1998; Garcia-Roza, 1984). Trata-se de período histórico no qual o ideal patriarcal começou a declinar e novas formas de construção do saber emergiram. Dentro desse contexto, a preocupação com a questão da sexualidade passa a ser compartilhada por todos os cientistas do final do século XIX os quais, a partir de então, passam a concebê-la como fator imprescindível na determinação da atividade humana.

Em 1886, o psiquiatra europeu Richard von Krafft-Ebing dedicou parte de sua obra médico-forense “*Psychopathia Sexualis*” ao quadro de “hiperestesia sexual”. Em sua descrição, o impulso sexual, ao elevar-se continuamente, atinge grau patológico tanto em homens quanto em mulheres. “O poder do impulso sexual nesses casos pode alcançar a importância de uma necessidade orgânica, e realmente colocar em perigo a liberdade de

escolha” (Krafft-Ebing, 1892[1886]/1916, p. 48-49 – Tradução Nossa). O instinto sexual passa a permear todos os pensamentos e sentimentos do indivíduo, levando-o a frequentes e violentos impulsos para a gratificação sexual. Os juízos intelectuais, a autoconsciência e a sanidade sofrem grave deterioração. Verdadeira calamidade psíquica se estabelece.

Numa seção posterior da obra acima referida, Krafft-Ebing (1892 [1886]/1916, op. cit.) ainda cita casos de “satíriase” e “ninfomania”, termos derivados da mitologia grega, referentes às variantes masculina e feminina, respectivamente, de estados de exaltação psíquica nos quais a intensidade do impulso sexual é proeminente.

Além de Krafft-Ebing, médicos como Havelock Ellis e Magnus Hirschfeld, em suas investigações, também descreveram rico panorama de distintos comportamentos sexuais excessivos, persistentes e socialmente desviantes, fundamentando-os através de exemplos clínicos. O trabalho pioneiro desses pesquisadores foi precursor dos conceitos e concepções que vieram a emergir no século XX (Kafka, 2010).

A noção de “dependência sexual” foi introduzida com força significativa em meados da década de 1970, mesmo que de forma não linear. Até então, o conceito de “hipersexualidade”, referente à exacerbação dos impulsos sexuais, era ocasionalmente tematizado no campo das ciências médicas, mas sem articulação clara com o espectro das dependências. Através de extensa e rigorosa revisão da literatura sobre o tema, Jim Orford (1978, 1985) resgatou o interesse da comunidade científica na questão, ao enfatizar a ideia de um comportamento sexual não parafilico (ou não desviante) como dependência sexual, identificando-o legitimamente no campo das adições, traçando paralelos entre o mesmo e outras formas de dependência como o alcoolismo e o jogo compulsivo.

Orford (1978, 1985) argumenta que o quadro de “hipersexualidade” é uma forma de dependência frequentemente negligenciada e criticada pelo saber médico, pois não está referida ao abuso de substâncias psicoativas, mas a um comportamento que se impõe continuamente apesar dos efeitos prejudiciais à vida do sujeito. Por se tratar de um comportamento considerado normal quando exercido moderadamente, os critérios de “patologização” do mesmo seriam reconhecidamente difíceis e controversos. “Esse tópico raramente recebe séria atenção científica no presente momento” (Orford, 1985, op. cit., p. 92 – Tradução nossa).

Para o autor, o criticismo e a negligência do saber médico estão relacionados ao fato de a ideia de “hipersexualidade” como entidade nosológica ser precariamente definida, baseada em constructos pouco consistentes como “perda de controle”, trazendo à tona a

frágil questão da relatividade pessoal e social do que seria “normalidade sexual” para cada indivíduo, bem como o duplo parâmetro de julgamentos morais para ambos os sexos.

No último caso, afirmar que uma mulher sofre de dependência ao sexo, por exemplo, seria, no mínimo, delicado, tendo em vista a história de intensa repressão sexual feminina ao longo das décadas e séculos anteriores. “Esses problemas de conceptualização e definição são similares em discussões sobre outros comportamentos excessivos como a bebida e o jogo” (Orford, 1978, op. cit., p. 299 – Tradução nossa). É importante observar que esses mesmos problemas de conceituação no campo da psicopatologia permanecem vigorando até os dias de hoje, apesar da crescente atenção concedida ao tema.

Neste quesito da atenção, Patrick Carnes, em seu livro *“Out of Shadows: Understanding Sexual Addiction”* (1992), publicado originalmente em 1983 sob o título *“The sexual addiction”*, popularizou em ampla escala a noção de “adicção sexual”, reconhecendo nela uma condição psicopatológica, sendo o estopim para a emergência de inúmeros artigos, pesquisas, programas terapêuticos, grupos de apoio, e até centros de reabilitação especificamente voltados para essa modalidade de adicção.

Na esfera médica e na literatura científica, a noção de adicção sexual foi formalmente desenvolvida por Aviel Goodman, psiquiatra de orientação psicanalítica e defensor da ideia de “adicção comportamental”. Como ponto de partida para a compreensão do quadro, segundo o autor, “(...) é suficiente observar que a adicção se refere a um padrão de comportamento sexual essencialmente caracterizado por (1) perda de controle, e (2) continuação apesar das consequências nocivas” (Goodman, 1992, p. 304 – Tradução nossa).

Os critérios defendidos por Goodman, de acordo com Estellon (2014a, op. cit.), dão lugar privilegiado à subjetividade porque, na descrição dos sintomas, o próprio sujeito reconhece o comportamento problemático que continuamente tenta dominar sem sucesso. Portanto, é imprescindível que seja levada em consideração a percepção que o sujeito tem de ser “presa” de um processo que lhe escapa e o aprisiona, do mesmo modo que bastante atenção é concedida aos mecanismos biológicos em outras adicções. Nesse sentido, o sentimento de alienação, conjugado à perda da liberdade de se abster da conduta adictiva, são variáveis essenciais da adicção comportamental (Estellon, 2014a, op. cit.).

Dando um passo à frente, Goodman (1992, op. cit.) defende que o termo “adicção sexual” é o mais apropriado para denominar o quadro. “Enquanto que há concordância geral que o padrão de comportamento descrito como “compulsividade sexual” ou “dependência sexual” ou “adicção sexual” de fato existe, significativa controvérsia

envolve a questão de como essa síndrome deve ser designada” (Goodman 1992, op. cit., p. 303 – Tradução nossa). Para o autor, os termos “adicção”, “compulsão” e “dependência”, apesar das conotações similares, caracterizam processos distintos.

O termo “compulsão” se refere ao comportamento incitado pela tentativa de evitar estados intrapsíquicos adversos ou desprazerosos. A atividade sexual assume o viés de função defensiva. Engloba também o fato de ser um comportamento que não é desfrutado em termos de prazer ou visto como uma finalidade em si mesmo. Sendo definido como atividade imperiosa da qual o sujeito não deriva prazer algum, o termo “compulsão”, em sua significação estrita, iria contra os frequentes relatos de adictos sexuais que descrevem grande prazer antes e durante a atividade sexual, apesar da culpa e do remorso que sentem *a posteriori* (Coleman, 1986; Goodman, 1992, op. cit.).

Já o termo “dependência” se refere ao comportamento motivado por uma tentativa de alcançar determinado estado prazeroso através da gratificação de necessidades básicas ou derivativas. “Enquanto o conceito de dependência sexual é coerente com o prazer que as pessoas derivam da atividade sexual, ele negligencia o caráter defensivo do comportamento sexual (...), que envolve tanto a gratificação quanto a fuga do desconforto interno” (Goodman, 1992. op. cit., p. 304 – Tradução nossa).

O conceito de “adicção”, por sua vez, abrangeria ambas as dimensões de “compulsão” e de “dependência”, sendo o mais favorável para caracterizar o quadro em suas nuances heterogêneas. Nessa direção, o comportamento adictivo é distinguido tanto pela capacidade de produzir efeitos prazerosos quanto por constituir um recurso para fuga a estados internos dolorosos. Todavia, na presente tese, fundamentada no saber psicanalítico, teremos oportunidade de argumentar sobre a qualidade e a especificidade do prazer experimentado na adicção sexual, bem como sobre os mecanismos psíquicos na base de seu funcionamento – o que, em última instância, não invalidaria os termos “dependência” e “compulsão” para uma designação correta do quadro.

Notadamente, a denominação “adicção sexual” ou qualquer termo similar não consta nem no CID-10, da Organização Mundial de Saúde, nem no DSM-V, da Associação Psiquiátrica Americana. No primeiro (OMS, 1995), está presente a designação “apetite sexual excessivo”, inserida no capítulo F52 que abrange as disfunções sexuais não causadas por transtorno ou doença orgânica. Listada sob o código F52.7, ela é subdividida em “satíriase” para os homens e “ninfomania” para as mulheres. Nenhuma descrição adicional é incluída.

Já no DSM-V (APA, 2013), a situação difere bastante e não é possível encontrar qualquer categoria diagnóstica equivalente a adicção sexual. O termo “hipersexualidade” aparece apenas como sintoma secundário de alguns quadros parafílicos. Entretanto, é digno de nota que o transtorno de “hipersexualidade” (*hypersexual disorder*) chegou a ser proposto em 2009 como categoria diagnóstica específica, através de sério estudo publicado pelo psiquiatra Martin P. Kafka, membro da APA (Kafka, 2010). Nele, o transtorno é concebido principalmente como um distúrbio não parafílico do desejo sexual, com forte componente de impulsividade.

Através de sua proposição, Kafka (2010) buscou conjugar e integrar diferentes perspectivas psicopatológicas das noções de “desregulação da excitação e do desejo sexual”, “impulsividade sexual”, “adicção sexual” e “compulsividade sexual”. Sua proposição foi recusada.

Contudo, a omissão da APA não é algo constante na história pregressa do DSM. Vale observar que a primeira vez que o quadro figurou nesse importante manual foi na terceira edição do mesmo, publicada no ano de 1980 (DSM-III). Mesmo assim, não apareceu sob a nomenclatura de “adicção sexual”, sendo incluído na categoria de “transtorno psicosssexual não classificado nos outros itens”, através da seguinte descrição: “sofrimento relacionado a um padrão de conquistas sexuais com uma sucessão de indivíduos que existem apenas como coisas a serem usadas (Don Juanismo e ninfomania)” (APA, 1980, p. 283 – Tradução nossa).

Na versão revisada dessa terceira edição, o DSM-III-R (APA, 1987), o termo “adicção sexual” aparece subjacente a essa descrição, mas ainda subordinado à categoria imprecisa de “transtorno sexual sem outra especificação” da seguinte forma: “sofrimento relacionado a um padrão de conquistas sexuais e *outras formas de adicção sexual não parafílica*, envolvendo sucessão de pessoas que existem apenas como coisas a serem usadas” (APA, 1987, p. 296 – Tradução nossa; o grifo é nosso).

Nas edições posteriores do manual, o DSM-IV (APA, 1994) e a sua versão revisada, DSM-IV-R (APA, 2000), a descrição permanece similar, todavia, com a instigante exclusão da expressão “formas de adicção sexual não parafílica”, reaproximando-se da caracterização original de 1980.

Para Estellon (2014a), diversos fatores pesaram para a omissão deliberada da Associação Psiquiátrica Americana, principalmente um estudo neuropsicológico da Universidade da Califórnia e de Los Angeles (UCLA), publicado em 2013, que põe em questão a ideia de “adicção” em sujeitos que sofrem de “hipersexualidade”. O motivo

determinante, no entanto, seria o número insuficiente de pesquisas com resultados conclusivos no que se refere aos critérios diagnósticos, de acordo com os parâmetros estabelecidos de cientificidade. Para os leigos, como para alguns pesquisadores, a questão é saber se as pessoas implicadas nessas atividades sexuais compulsivas precisam realmente colocar-se em posição de queixa. Outros autores mais libertários enxergam na patologização dos comportamentos sexuais uma moralização normativa sob o rótulo encobridor de pesquisa científica.

Divergências à parte, apesar da ausência de estudos epidemiológicos que utilizem critérios diagnósticos padronizados, pesquisas estimam que a incidência do quadro varia entre 3% e 6% na população adulta geral dos Estados Unidos, afetando cerca de dezessete milhões de homens e mulheres estadunidenses (Karila, Wéry, Weinstein, Cottencin, Petit, Reynaud & Billieux, 2014; Estellon, 2014a, op. cit.). Números que podem ser considerados, no mínimo, bastante expressivos. Enfim, de todos os aspectos que constituem a adicção sexual, um parece ser recorrente, mesmo que não unânime, nos debates e na literatura sobre o assunto: a sua ocorrência acarreta graves prejuízos psíquicos e sociais para o indivíduo.

Após termos reconstruído as etapas mais significativas do percurso de emergência do conceito de adicção sexual no campo da psicopatologia, discutiremos o surgimento dessa noção no âmbito do saber psicanalítico. Como nos afirma Giugliano (2003, p. 275 – Tradução nossa) “desde que o sexo como adicção é relativamente um novo conceito, existe uma escassez de teorias, particularmente psicanalíticas, no que concerne à adicção sexual especificamente”. Poucos teóricos nesse campo específico do saber se dedicaram ao tema e, quando alguma atenção lhe foi dada, frequentemente sua tematização veio mesclada com os estudos sobre a perversão sexual.

Cabe lembrar que, ao fundar a psicanálise, erigindo inovadora plataforma de trabalho e pesquisa, Freud não se dedicou de modo sistemático ao tema das adicções, mas, evidentemente, ao complexificar e aperfeiçoar a sua teoria da psicosexualidade, alcançando novas camadas de compreensão do funcionamento psíquico através dos conceitos metapsicológicos de pulsão, princípio de prazer e, enfim, compulsão à repetição – mecanismo de funcionamento aquém do campo do sexual e do prazer –, ele ofereceu os elementos de base para a construção de uma concepção psicanalítica das adicções. A seguir, examinaremos os entrecruzamentos de sexualidade, pulsão e compulsão à repetição em sua teoria clássica, com o propósito de estabelecer os pilares que nos permitam defender uma abordagem psicanalítica da adicção sexual.

### **I.3 – Da “intoxicação libidinal” à “compulsão à repetição”**

Para Décio Gurfinkel (1993, p. 141), em termos psicanalíticos, a adicção pode ser definida como “tentativa compulsiva à realização de uma ação, ação que se repete incessantemente e é dirigida a um mesmo objeto (ou tipo de objeto)”.

O autor (2011) pontua que a base da abordagem psicanalítica sobre as adicções encontra-se, historicamente, na teoria da sexualidade. A noção do sexo como uma adicção foi sugerida por Freud no final da década de 1890. Em 1897, em carta a Fliess, o fundador da psicanálise cogitou conceber a masturbação como o “vício primário” do sujeito: “... Comecei a compreender que a masturbação é o grande hábito, o ‘vício primário’, e que é somente como sucedâneo e substituto dela que outros vícios – álcool, morfina, tabaco etc. – adquirem existência” (Freud, 1897/1969, p. 323). Apesar de essa ideia não ter sido propriamente desenvolvida por ele em publicações que vieram a emergir posteriormente, em sua essência, ela contém aspectos importantes que nos auxiliam no exame do quadro que hoje é denominado “adicção sexual”.

Segundo Gurfinkel (2011, op. cit., p. 153), “este protótipo primário não envolve um objeto (a droga, a bebida, o jogo, etc.) (...), o que nos sugere que uma das dimensões distintivas da adicção é a ação compulsiva, e menos o objeto (...)”. Nesse sentido, a atividade masturbatória, do ponto de vista do “agir”, prenunciaria novas perspectivas para a investigação psicanalítica, cujo ponto de partida pode ser situado na teorização sobre as neuroses atuais. Nos primórdios da teoria freudiana, essa teorização possibilitou uma primeira e elementar articulação entre sexualidade e adicção. A ideia principal se refere ao acúmulo de excitação sexual que não encontra descarga no campo psíquico, sendo análogo a um estado de “intoxicação libidinal”.

Freud (1894/1969) postulou que o ingresso da excitação sexual na esfera psíquica desemboca na formação do afeto sexual. Este, por sua vez, vincula-se a representações, “dando vida” a estas. Diferentemente do que ocorre nas psiconeuroses, nas neuroses atuais – grupo que, inicialmente, abrange a neurastenia e a neurose de angústia – haveria uma falha nesse processo de transposição psíquica da sexualidade. Ou seja, a excitação sexual somática não se transformaria em estímulo psíquico (afeto sexual), ficando à margem do campo representativo.

“Logo ficou claro para mim que a angústia de meus pacientes (...) tinha muito a ver com a sexualidade” – escreve Freud (1894/1969, op. cit., p. 235). Na neurose de angústia,

por exemplo, haveria acúmulo de excitação somática, de natureza sexual. Esse acúmulo “intoxicante” seria acompanhado de um “decréscimo da participação psíquica dos processos sexuais”, sendo o estopim para a emergência da angústia (Freud, 1895/1969, p. 109).

Gurfinkel (2011, op. cit., p. 155) indica que “a gênese dos sintomas das neuroses atuais só pode ser qualificada de tóxica. Ou seja: há uma toxicidade da dimensão somática da libido que está ligada a um regime econômico do *atual* (...)”. O autor lembra ainda que Freud, ao supor a existência de substâncias químicas de natureza sexual no organismo, fez explícita correspondência entre as mesmas e os efeitos do uso adictivo de substâncias psicoativas. Em relação à neurose atual e ao acúmulo de excitação correspondente é possível entrever que:

(...) nos detalhes de seus sintomas e (...) sua característica de exercer influência em todo sistema orgânico (...), mostram uma inconfundível semelhança com os estados patológicos que surgem da influência crônica de substâncias tóxicas externas e de uma suspensão brusca das mesmas – as intoxicações e as situações de abstinência (Freud, 1917/1969, p. 388).

Fora do âmbito do sentido e da história representativa pregressa do sujeito, a neurose atual é prototípica de estados psicopatológicos que não se enquadram no paradigma clássico da neurose e do recalque da sexualidade. O excesso de excitação sexual somática se converte em intensa angústia (neurose de angústia) ou em sintomas físicos (neurastenia) como pressão intracraniana, dispepsia, sensações de dor, estado de irritação em um órgão, enfraquecimento ou inibição de uma função, inclusive a sexual. Há emprego anormal da excitação. A etiologia dessa disfunção estaria literalmente na vida sexual corrente do homem ou da mulher: episódios de coito interrompido, relações sexuais insatisfatórias e frustrantes com o cônjuge, masturbação excessiva obstruindo a potência sexual na relação com a (o) parceira (o) sexual; entre outros padrões de comportamento sexual desfavoráveis. A libido, conseqüentemente, assume teor excessivo, tóxico e sem absorção psíquica.

Cabe observar que na adicção sexual, este mesmo excesso excitatório rende o sujeito em repetidas passagens ao ato que nunca atingem limiar satisfatório. Em comum na lógica de ambos os quadros está a intoxicação direta pela excitabilidade sexual somática que não encontra encaminhamento psíquico. Entretanto, como bem interroga Estellon (2002, op. cit.), ao contrário das neuroses atuais que acumulam tensão libidinal – amontoamento gerador de angústia e outros sintomas físicos –, como explicar na adicção sexual a

misteriosa e indefinível alavanca que empurra o sujeito à insaciável tentativa de evacuação dessa tensão?

Ao sugerir que frequentemente casos de neurastenia tinham como causa principal a masturbação incontida, que extraía toda a potência sexual do sujeito, tornando sua vida sexual demasiadamente insípida, Freud (1898/1969) propõe que o tratamento desses casos é similar ao dos toxicômanos, trazendo à tona a questão da abstinência: o médico precisa privar o paciente da masturbação imoderada, com a finalidade de equilibrar os investimentos de sua força libidinal, restituindo-lhe a possibilidade de contato sexual “normal”.

No que tange aos métodos de tratamento, o sucesso da “abstinência”, tanto no caso das neurastenias quanto no das toxicomanias, seria apenas efêmero e superficial, à medida que o médico se contenta apenas em privar seus pacientes da masturbação ou da substância narcótica, respectivamente, sem legitimamente preocupar-se com a fonte da qual brota a “necessidade imperativa” (Freud, 1898/1969, op. cit., p. 262). Em ambos os casos, Freud localiza a fonte desse impulso irrefreável no fator sexual.

Aqui, Freud chega ao ponto essencial de sua concepção sobre a relação entre sexualidade e adicção: a pesquisa psicanalítica evidencia que o uso crônico de narcóticos ou substâncias tóxicas serve como recurso substitutivo, direto ou indireto, para a falta de satisfação sexual. Com a inviabilidade de restituir uma vida sexual satisfatória – prazerosa e salutar –, inevitavelmente o paciente sofreria uma recaída, sendo novamente “arrastado” pela dependência.

Para fundamentar a sua descoberta dos fatores sexuais na etiologia de diferentes quadros psicopatológicos, Freud recorreu ao termo pulsão (*Trieb*), definindo-o como o “representante psíquico de uma fonte endossomática e contínua de excitação” (Freud, 1905/1969, p. 159). Diferentemente dos estímulos exteriores que chegam ao organismo, as pulsões são estímulos de origem interna e ininterrupta. A ancoragem da pulsão no corpo somático é uma constante em sua obra. A ordem psíquica, tendo a força pulsional como motor para o seu funcionamento, seria um território aberto, enquanto a pulsão, por sua vez, seria uma espécie de instinto perdido, sem pré-determinações e objetos fixos para alcançar a satisfação.

Quanto ao estatuto do objeto, pode-se dizer que o objeto da pulsão “é aquilo em que, ou por meio de que, a pulsão pode alcançar a sua meta. Ele é o elemento mais variável da pulsão e não está originalmente vinculado a ela” (Freud, 1915/2004, p. 149). O objeto é o que está contraposto ao sujeito, e não necessariamente é uma pessoa inteira, mas pode

assumir diversas formas: determinada parte do próprio corpo ou do corpo alheio, um objeto inanimado, uma atividade, etc. É algo em direção a que o sujeito se lança, impulsionado pela pressão da força pulsional (Gurfinkel, 1993, op. cit.). “Ao longo dos diversos destinos, (...) o objeto poderá ser substituído por intermináveis outros objetos (...)” (Freud, 1915/2004, op. cit., p. 149). De acordo com essa perspectiva, o problema das dependências patológicas estaria relacionado à fixação exacerbada a determinado objeto, indo justamente contra o pressuposto de sua contingência.

A primeira teoria das pulsões, tendo como eixo o princípio de prazer-realidade, opôs a pulsão sexual à pulsão de autoconservação, oposição na qual as exigências da sexualidade colocariam em perigo a integridade do ego. No pano de fundo dessa lógica, está o funcionamento do princípio de prazer. Esse princípio, relacionado às exigências da sexualidade, regula os processos psíquicos, direcionando-os para a obtenção de prazer e evitação do desprazer. O princípio de realidade, por sua vez, expressa as exigências da realidade externa que frequentemente se sobrepõem ao princípio de prazer e aos imperativos da pulsão sexual, mas não os contradiz, servindo para uma adequação desses impulsos aos propósitos da vida social e cultural.

Os impasses e limites do primeiro modelo para abarcar os fenômenos da vida psíquica em sua totalidade, especialmente os de cunho traumático, levaram Freud a uma segunda teoria – que, apesar de não anular a primeira, possibilitou novas perspectivas de compreensão para os entraves do funcionamento psíquico. O questionamento sobre a predominância absoluta do princípio de prazer foi o fator-chave para a mudança.

Isto porque a observação de situações de sofrimento psíquico onde se impunha a atualização compulsiva de experiências desprazerosas não poderia ser apropriadamente explicada pelo primeiro modelo. Ao avaliar esses fenômenos através de diferentes caminhos, especialmente o dos sintomas da neurose traumática, Freud chega à noção-chave de compulsão à repetição. Nela, a insistente repetição de experiências penosas no plano psíquico, onde nenhuma obtenção de prazer pode realmente estar em jogo, não se confunde com os efeitos do desejo recaiado nem com as privações decorrentes do princípio de realidade. A compulsão à repetição expressa uma tendência “mais arcaica, mais elementar e mais pulsional do que o princípio de prazer, o qual ela suplanta” (Freud, 1920/2006, p. 148).

Todavia, essa compulsão a repetir já diz respeito a uma tentativa elementar de trabalho psíquico, sendo a resposta possível perante uma circunstância traumática. O trauma, nesse contexto, resulta de afluxo inassimilável de excitação, que cria grave

perturbação no funcionamento psíquico, impedindo temporariamente a atuação do princípio de prazer. A compulsão à repetição, portanto, pode ser entendida como o esforço de “captura” e “enlaçamento” desse excesso excitatório traumático que não pôde ser assimilado.

O processamento das excitações se coloca como tarefa primordial do aparelho psíquico, sendo anterior à instauração do princípio de prazer – que depende desse “enlaçamento” das excitações psíquicas para entrar em execução e assim regular os processos psíquicos em direção à obtenção de prazer. As manifestações da compulsão à repetição exibem caráter “altamente pulsional”, pois sinalizam uma tentativa imprescindível de domínio das excitações – evitando, dessa forma, uma perturbação extrema do funcionamento psíquico, inundado por “excesso” pulsional. A partir dessa proposição, Freud chega a uma nova concepção de pulsão.

Numa linha de continuidade com essas descobertas, a pulsão é caracterizada em 1920 como “força impelente interna ao organismo vivo que visa a restabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas” (Freud, 1920/2006, op. cit., p. 160). Trata-se de uma força que se distingue em duas espécies: a pulsão de morte, que visa ao retorno a esse “estado anterior” – o estado inorgânico – e Eros, conjunto das pulsões de vida, que está continuamente realizando a renovação da vida, impedindo a inércia psíquica e a biológica. Cabe ressaltar que Eros reúne em seu conjunto as pulsões tematizadas no primeiro modelo: as sexuais e as de autoconservação.

O caráter regressivo, compulsivo e irreduzível da repetição nos fenômenos de cunho traumático corresponderia justamente à essência da pulsão. Todavia, esse caráter regressivo seria próprio da pulsão de morte e não da sexual. “... O que ainda nos incomoda é o fato de não podermos provar, justamente no caso da pulsão sexual, a existência de um caráter de compulsão à repetição” (Freud, 1920/2006, op. cit., p. 176). A sexualidade deixa de ser o protótipo para a definição de pulsão. Esse fato tem particular relevância numa leitura psicanalítica das adições.

Conforme assinala Gurfinkel (1993, op. cit., p. 172), “sabe-se que Freud utilizou a compulsão à repetição como o primeiro modelo da pulsão de morte. E, curiosamente, a compulsão repetitiva é a própria marca da adicção”. Para o autor (2011, op. cit.), a adicção é uma das figuras mais características da compulsão à repetição, onde o fenômeno se apresenta de forma extremamente crua e direta. Porém, como já havíamos indicado anteriormente, “ainda que se suponha que a adicção é pura compulsão à repetição, uma

espécie de neurose atual (...), pode-se vislumbrar nela também uma função defensiva para o Eu” (Gurfinkel, 2011, op. cit., p. 63). Em outras palavras, a compulsão à repetição não se confunde com o pulsional mortífero, pois é justamente uma tentativa de defesa e de domínio do ego perante o “traumático” da pulsão.

É importante observar que após a introdução do conceito de pulsão de morte, Freud desfaz a equivalência absoluta entre prazer e redução de tensão, enfatizando que o acúmulo de excitação pode ser sentido como prazeroso no psiquismo, assim como a diminuição da tensão pode ser sentida como desprazerosa. “(...) Muito embora prazer e desprazer estejam ligados a esse fator, não podemos mais associá-los de modo direto ao aumento ou à diminuição dessa quantidade de estimulação (...)” (Freud, 1924/2007, p. 106). O prazer e o desprazer dependeriam não apenas de um fator quantitativo, mas também de um fator *qualitativo* – que, por sua vez, Freud reconhece ser difícil de delimitar.

Não é difícil perceber que no panorama apresentado acima está essencialmente o embrião da problemática da adicção sexual, onde a atividade sexual se torna uma modalidade de defesa ante o traumático da vida psíquica, sendo regida pelo mecanismo da compulsão à repetição, trazendo à tona duas importantes questões: (1) quais seriam as determinações desse estado de submissão do sujeito aos imperativos do ato sexual?; e (2) qual seria a especificidade e a qualidade do prazer sexual nessa resposta particular à erupção excitatória?

Com o intuito de começarmos a colher as ferramentas necessárias para responder tais questões, revisitaremos pontos fundamentais da obra de Joyce McDougall sobre a proposição de “sexualidade adictiva”, tendo em vista o fato de que a autora foi a primeira pesquisadora no campo da psicanálise a articular a questão do exercício compulsivo da sexualidade com a noção de adicção.

#### **I.4 – Das neosexualidades às necessidades**

Na literatura psicanalítica, a prática compulsiva da sexualidade foi primeiramente e principalmente tematizada através dos estudos sobre a perversão sexual. A primeira psicanalista a se dedicar exaustivamente ao tema foi Joyce McDougall. Ao consultarmos a bibliografia sobre o assunto, identificamos certa indissociação entre os registros da organização perversa e o da compulsão sexual – fato que nos leva a indagar se poderíamos realmente tomar como equivalentes ambas as categorias. Ao separarmos um registro do

outro, o nosso esforço se dirige a demarcar os pontos de semelhança e diferença entre perversão e adicção sexual, com o objetivo último de elucidar a singularidade da última nesse panorama. O exame dessa questão nos orienta em direção à fundamentação de quais seriam as determinações do estado de submissão do sujeito aos imperativos do ato sexual.

#### **I.4.1 – O ato sexual como “*mise-en-scène*” nas perversões**

Ao se propor a examinar a economia psíquica da sexualidade quando esta cumpre a função de uma droga, McDougall (1995/1997) traça importante paralelo entre as sexualidades desviantes e as sexualidades adictivas, denominando-as respectivamente “neossexualidades” e “neonecessidades”.

Para a autora (1982/2012), a sexualidade perversa não está referida apenas aos desvios no caminho para a satisfação sexual, mas sim a uma organização psíquica complexa e estável cujo propósito é o de reparar fendas profundas no processo de constituição narcísica. A autora, de certa forma inspirada pelo trabalho de Robert J. Stoller (1975), enxerga nessa organização uma dimensão de particular compulsividade no campo da sexualidade.

Contudo, McDougall (1995/1997, op. cit.) mostra-se cautelosa com o uso do termo “perversão”, pois este constantemente leva o interlocutor a uma conotação depreciativa, implicando degradação da vida psíquica e sexual. A autora prioriza então a denominação “neossexualidades” para a categoria que abrange as práticas exibicionistas, voyeuristas, sadomasoquistas, fetichistas, entre outras. Busca, desse modo, não somente evitar julgamentos de valor atrelados ao uso do termo “perversão”, mas evocar algo semelhante a “neo-realidades” que certos pacientes frágeis ou psicóticos criam com a finalidade de encontrar soluções para o seu sofrimento psíquico (Pirlot, 2006).

Em conformidade com a proposta de McDougall, Eiguer (2010), em seu trabalho de pesquisa sobre as perversões, esclarece algumas imprecisões relativas ao tema. O autor destaca a importância do uso do termo para a compreensão de funcionamentos comuns a diferentes pacientes. A perversão, em sua estrutura inconsciente, seria a expressão generalizada de certa ausência de juízo ético, da ignorância do desejo do outro, do recurso ao mesmo dispositivo defensivo – a clivagem ou a negação –, da teorização de doutrinas que necessitam de confirmação pela prática, através de atuações compulsivas.

Mais significativamente, Eiguer menciona essas características como denominador comum de duas modalidades distintas de perversão: as perversões morais e as sexuais.

As primeiras condizem com a noção de “perversidade”, nas quais se incluem a perversão narcísica, o sadomasoquismo moral, a mentira compulsiva (mitomania), a impostura, o jogo patológico, a piromania, a cleptomania, a predação moral, etc. As perversões morais se expressam através de comportamentos de manipulação do outro, que o perverso tenta dominar, utilizar, degradar ou depreciar. O sujeito é movido pelo prazer de fazer mal, pela malevolência, embora com frequência mostre-se superficialmente amigável (Eiguer, 2010, op. cit.).

Já as perversões sexuais, evidentemente, incidem na esfera do prazer sexual, por desvios de alvo e objeto, conforme Freud (1905/1969, op. cit.) postulou em sua teoria clássica. Pode-se citar como exemplos o sadomasoquismo sexual, o exibicionismo, o voyeurismo, o fetichismo, a sexualidade de grupo ou grupal – “*échangisme*” –, a pedofilia, o travestismo, o “*frotteurisme*”, a bestialidade.

Um aspecto extremamente importante a ser destacado é o fato de que as perversões sexuais “tornam-se particularmente perniciosas quando existem em concomitância com a perversão moral” (Eiguer, 2010, op. cit., p. 19 – tradução nossa) – proposição que nos leva à seguinte premissa: não necessariamente uma perversão sexual é paralela a uma perversão moral. Nesse sentido, estamos atentos ao fato de que não obrigatoriamente a estrutura perversa da vida sexual esteja acompanhada de perversidade manifesta na relação do sujeito com o objeto. E vice-versa.

Feita essa distinção, Eiguer afirma que não se pode esperar do perverso qualquer sentimento de culpabilidade, arrependimento e até mesmo vergonha, seja no campo da relação com o outro, seja no campo das práticas sexuais.

Seguindo essa lógica, para McDougall (1995/1997, op. cit., p. 192), no que se refere ao erotismo, “o único aspecto de uma fantasia que poderia legitimamente ser descrito como perverso seria a tentativa de impor a imaginação erótica a um outro que não consentisse nisso ou que não fosse responsável”. Tratar-se-ia da circunstância onde

(...) um indivíduo impõe desejos e condições pessoais a alguém que não deseja ser incluído naquele roteiro sexual (como no caso do estupro, do voyeurismo e do exibicionismo) ou (...) seduz um indivíduo não-responsável (como uma criança ou um adulto mentalmente perturbado) (McDougall, 1995/1997, p. 192).

A perversão sexual ou “neosexualidade”, por sua vez, não pressupõe obrigatoriamente esse aspecto de imposição das próprias demandas sexuais a um outro. Em última instância, McDougall sugere que apenas os relacionamentos poderiam ser

intitulados perversos. Entretanto, apesar da ressalva, a autora não abandona totalmente o uso do termo “perversão”, independentemente do teor da relação com o objeto.

Fatores psíquicos tanto qualitativos quanto quantitativos desempenham papel fundamental nesse quadro: “os aspectos qualitativos se referem à estrutura psicosexual dinâmica do indivíduo, e os quantitativos, ao papel da atividade sexual na sua economia psíquica” (1995/1997, op. cit., p. 192). No que se refere à dimensão qualitativa, o aspecto de criação, de construção de algo distinto e particular que vem a reger a vida sexual do sujeito, é o fator substancial que vem definir as neossexualidades.

“Muitos desvios sexuais são verdadeiras criações” – afirma McDougall (1995/1997, op. cit., p. 190). Em seus analisandos, a autora (Ibid., p. 187) observa

uma variedade infinita de roteiros eróticos, inclusive travestismo, o uso de objetos e adornos fetichistas, jogos sadomasoquistas, etc., que acontecem na qualidade de interlúdios em suas relações sexuais, talvez pondo fogo no prazer erótico dentro de um relacionamento amoroso estável.

Contudo, não é disso que se trata na organização sexual perversa. O que realmente a caracteriza é a criação de um roteiro, que aprisiona o sujeito em determinadas condições às quais ele precisa se submeter para desfrutar o gozo sexual. A singularidade de cada roteiro se constitui como condição *sine qua non*, peça única e imprescindível do teatro erótico que permite ao sujeito o acesso às relações sexuais. Ao descrever, em seus relatos clínicos, a sintomatologia de um exibicionista, de um fetichista e de um pedófilo, a autora observa:

uma característica que me impressionou nesses analisandos que tinham construído desvios complexos era que, frequentemente, eles eram incapazes – ou mesmo ficavam aterrorizados – de imaginar mínima modificação em seus roteiros ritualizados. Muitas vezes pareciam incapazes de devanear livremente a propósito de temas sexuais (McDougall, 1995/1997, op. cit., p. 190).

O universo fantasístico, cuja plasticidade é essencial para a consolidação do vínculo libidinal com o outro, apesar de precário, obedece a determinado roteiro simbólico, implicando algo próximo a uma “*mise en scène*” por parte do sujeito. Nesse campo, as relações sexuais exigem complicadas manobras, condições e figurinos, de modo semelhante às encenações teatrais. O gozo sexual é alcançado apenas mediante condições peculiares e fixadas.

Na argumentação de McDougall, as neossexualidades vêm responder a um conjunto duplo de problemas, os relacionados ao conflito edipiano e aqueles que incidem na esfera

da sexualidade primitiva – as primeiras concepções da criança sobre o corpo erógeno, as estimulações corporais internas e externas, suas satisfações e frustrações arcaicas, etc. Na perpetuação da cena neossexual, os conflitos que se instauram em ambos os níveis, ao invés de ser elaborados, são continuamente recusados, rejeitados. Mantém-se assim, a duras penas, a homeostase narcísica e libidinal.

Nesse sentido, as neossexualidades constituem as soluções possíveis que o indivíduo, em sua vida infantil, foi capaz de forjar diante de comunicações parentais contraditórias e desencaminhadoras a propósito da sexualidade e suas manifestações: identidade de gênero, os papéis sexuais, as noções de masculinidade e feminilidade, etc. Basicamente, são criações cujo objetivo principal é o combate a sentimentos avassaladores de perda de identidade e estados de vazio – luta continuamente perpetuada que, segundo a autora, desemboca em uma espécie de adicção ao sexo. “Um fator que pode caracterizar o perverso (...) é o fato de que ele não tem escolha, sua sexualidade é fundamentalmente compulsiva” (McDougall, 1978/1992, p. 55 – Tradução nossa).

Ao comentar a obra de McDougall, assinala Ferraz (2010) que o ato sexual perverso corresponde a uma *mise-en-scène*, equivalente à produção de uma castração lúdica, cujo objetivo é provar simbolicamente que a castração não é perigosa nem mutilante, mas sim prazerosa e até mesmo condição para o gozo. O aterrorizante medo de ser castrado passa a ser coercitivamente encenado para provar ao sujeito que o desfecho da situação é passível de ser alterado.

Não importam as contingências do cenário, do roteiro: se exige objetos específicos como chicotes e palmatórias; se vigoram atos como superficialmente dilacerar e estrangular o parceiro ou a si próprio na prática sexual; se exige uma perda de controle de órgãos como os esfíncteres ou do próprio feito do orgasmo; se exige humilhar ou ser humilhado pelo parceiro. Em todos esses casos, o ato sexual assume a significação inconsciente de triunfo sobre a castração.

O drama pode ser fantasiado e encenado sob formas diversas: uma punição materna ou paterna, a reprodução de uma castração narcísica ou pré-genital, e até mesmo a consecução de uma ameaça que coloque em risco o corpo ou a própria vida. Mas o triunfo nesse cenário reside no fato de que a meta da castração é apenas ludicamente alcançada (...) (McDougall, 1982/2012, p. 252 – Tradução nossa).

Na abordagem de McDougall, a problemática da castração assume caráter mais amplo, estando referida, em termos narcísicos, à perda da representação corporal em sua integralidade, à devastação do sentimento de identidade, ao esfacelamento do senso de

coesão egoica – o que de modo algum anula a concepção clássica referente às angústias edípicas em torno da representação da perda do falo e suas nuances. Assim, o terror à castração, em sua face mais arcaica, estaria relacionado a fantasias de desintegração do corpo e morte biológica.

Para a autora (1982/2012, op. cit., p. 251 – Tradução nossa), a pessoa “que cria uma perversão reinventou, de certa forma, a sexualidade humana em seus aspectos genitais e heterossexuais”. Contudo, esta nova realidade sexual não é alcançada sem custo ou reveses para o sujeito. “O ato que sustenta a nova teoria sexual está altamente carregado de angústia, experimentado como se possuísse uma força compulsiva fora de controle” (McDougall, 1982/2012, op. cit. p. 252 – Tradução nossa). Mesmo que a compulsividade e a angústia se tornem erotizadas através do roteiro, o sujeito tem a impressão de que não escolhe nem domina suas manifestações sexuais. Portanto, é no contexto da perversão sexual que McDougall chega à concepção de “sexualidade adictiva” – termo cunhado e defendido por ela própria.

#### **I.4.2 – Empobrecimento do desejo na dinâmica pulsional do adicto**

Segundo Gurfinkel (2011, op. cit.), a “sexualidade adictiva” se refere à instrumentalização direta do sexo como objeto de adicção, numa configuração perversa, sendo a modalidade de adicção sobre a qual McDougall mais se debruçou. “Ao se entregarem a façanhas sexuais frenéticas e compulsivas, tais adictos tratam seu parceiro menos como pessoa e mais como uma droga, ou seja, um objeto inanimado” (Gurfinkel, 2011, op. cit. p. 404).

Ao retomar a teoria freudiana, McDougall (1995/1997, op. cit.) destaca as noções de apoio, autoerotismo e pulsão parcial, imprescindíveis para o entendimento do processo de emergência da pulsão sexual. O processo de apoio da sexualidade em uma função vital, no qual a pulsão sexual emerge ao destacar-se do objeto externo original – encontrando satisfação autoerótica antes de ser novamente empregada no objeto da realidade externa (Freud, 1905/1969) – serve como ponto fundamental para a discussão sobre o que se torna problemático não apenas nas adicções sexuais, mas nas adicções em geral. Em relação às primeiras, a autora escreve:

À noção de neo-sexualidades eu acrescentaria a de “neonecessidades”, nas quais o objeto, o objeto parcial ou a prática sexual são buscados incansavelmente, à maneira de uma droga. Esses indivíduos vão

recorrer apenas a objetos inanimados, eroticamente investidos (chicotes, algemas, sapatos, etc.), ou a uma garantia adictiva de parceiros que correm o risco de ser tratados como objetos inanimados ou intercambiáveis (McDougall, 1995/1997, p. 198).

Ao inserir as adições sexuais no panorama das “neonecessidades”, McDougall (1995/1997, op. cit.) indica o empobrecimento do plano do desejo na dinâmica pulsional do adicto. A sexualidade perde grande parte de seu potencial fantasístico, tornando-se imperativa – via única e imprescindível para que o sujeito atinja níveis basais de estabilidade e segurança intrapsíquica.

Vale ressaltar que não se trata de um retorno ao plano da necessidade *stricto sensu*, já que estamos diante de um sujeito habitado pela força pulsional. Por esse motivo, a autora utiliza o termo “neonecessidade”, que nos remete a uma exigência que é da ordem do pulsional e, portanto, do psíquico, mas simula algo mais primário. É importante ser considerado que no âmbito das “neonecessidades” – âmbito do pulsional – a demanda de satisfação é ininterrupta, não há esgotamento pontual como no caso das necessidades estritas.

McDougall (1995/1997, op. cit.) busca assim examinar a natureza do comportamento adictivo, observando primeiramente que a etimologia do termo “adicação” se refere a um estado de escravidão, de submissão do sujeito a algo que o excede em força e poder. Embora o adicto possa sentir-se escravizado, o objeto de sua dependência – álcool, substâncias ilícitas, drogas psiquiátricas, sexo e até mesmo outras pessoas –, é vivenciado inicialmente como essencialmente “bom”, tornando-se alvo de uma busca que é frequentemente sentida como a única que fornece significação à sua vida.

Em termos gerais, “a solução adictiva é uma tentativa de cura de si mesmo diante de estados psíquicos ameaçadores” (McDougall, 1995/1997, op. cit. p. 202). O recurso à substância ou ao ato adictivo, quando criado ou descoberto, torna-se frequente com a finalidade de atenuar ou anestésias vivências emocionais para as quais o sujeito não encontra outras vias ou modos de manejo. O recurso a determinado objeto ou ato adictivo tende a corresponder a períodos do desenvolvimento nos quais fracassou a integração dos objetos internos que cuidam e apaziguam as tensões pulsionais. É possível dizer que com a ausência de uma função de contenção bem interiorizada, o sujeito encontra-se sem anteparo frente às intensidades pulsionais.

Nessas circunstâncias, as práticas sexuais compulsivas vêm representar uma tentativa de impedir que a autoimagem narcísica, precariamente construída nos estádios iniciais de desencadeamento do psicosexual, se desintegre. Basicamente, o ato sexual é

utilizado não somente para reparar a imagem narcísica fragilizada e dissipar sobrecargas afetivas, mas também serve como recurso para contrainvestir forças destrutivas que ameaçam o ego com o desmoronamento.

Os parceiros e os roteiros sexuais se tornam continentes para as partes perigosas e prejudicadas no indivíduo adicto, as quais, então, são dominadas de maneira ilusória, ao adquirir controle erótico sobre um parceiro ou por meio de um jogo de domínio dentro dos parâmetros de um roteiro sexual (McDougall, 1995/1997, op. cit. p. 204-205).

Quando vinculado ao encontro com o outro, o desejo sexual inconscientemente desperta profundos temores, devido à precariedade de interiorização das funções maternas e paternas, o que denota a fragilidade dos objetos internos essenciais. Esta ausência de constelação identificatória dá margem a um vácuo interno, vazio simbólico que serve como brecha para a criação de soluções adictivas, cuja finalidade é dispersar o conflito psíquico e a dor mental.

Se nas neossexualidades o que está em jogo é a construção de um roteiro sexual específico – ligado ao conjunto de experiências infantis – cujo objetivo maior é fazer frente aos resquícios perturbadores da comunicação parental sobre questões relativas à sexualidade, nas neonecessidades a sexualidade é utilizada de forma compulsiva e desesperada, desempenhando precariamente o papel de uma função de contenção, não conquistada previamente pela interiorização de elementos apaziguadores provenientes da relação parental. Todavia, pensamos que, no caso da sexualidade adictiva, diferentemente das sexualidades desviantes, não há obrigatoriamente a construção de um roteiro particularizado para o exercício da vida sexual.

Reconhecemos que ambos os registros facilmente se confundem, pois nas “neossexualidades” o sujeito está submetido a determinado imperativo de gozo sexual – seja qual for o roteiro criado por ele. Já nas “neonecessidades”, apesar de não envolverem necessariamente um roteiro específico e asfíxiante, pois o sujeito pode fazer uso de múltiplos recursos e atos para experimentar os prazeres da sexualidade, a compulsividade ligada ao uso dessas práticas acaba desembocando também em um circuito fechado, aprisionante. E, vale ressaltar, determinadas práticas sexuais desviantes, “neossexuais”, podem tornar-se adictivas para o sujeito, aproximando-o do registro de uma “neonecessidade”.

Contudo, no último caso, o roteiro sexual construído está ancorado em significações inconscientes, possui alto valor simbólico, constituindo assim uma modalidade de

organização subjetiva, diferentemente do ato adictivo – que apesar de ser uma resposta ao “disruptivo” da vida psíquica, não pode ser considerado um dispositivo organizador.

Independentemente de haver ou não um caráter de perversidade na relação com o objeto, a perversão é uma forma de estruturação psicosexual cuja economia psíquica frequentemente assume proporção de excesso, aproximando-a do registro de uma adicção. Nesse sentido, apesar da semelhança no que tange aos aspectos quantitativos, os aspectos *qualitativos* da organização perversa não podem ser estendidos de modo absoluto para os diferentes casos de sexualidade adictiva. Os registros são amplamente diferentes, o que não quer dizer que frequentemente não se entrecruzem.

Para McDougall (1978/1992, op. cit.), existem traços perversos de caráter comuns a diferentes estruturas, sendo as adicções e a delinquência seguramente comparáveis até certo ponto à perversão. “(...) Todas estas categorias clínicas têm algo em comum com o desvio sexual e podem ser diferentes métodos de resolução dos mesmos conflitos inconscientes básicos, mas falta-lhes a qualidade específica de erotização consciente das defesas” (McDougall, 1978/1992, op. cit., p. 55-56 – Tradução nossa).

Nessa direção, a ausência da construção de roteiro distinto e particular para fruição do gozo sexual, conjugada à questão da possível ausência de significação inconsciente vinculada à recusa da castração em seus níveis diversos – narcísico, pré-genital e genital – no cerne das atuações, talvez seja o fator determinante que possa vir a distinguir a sexualidade adictiva de uma perversão.

Se no território da adicção sexual propriamente dita não podemos exatamente afirmar que há uma significação inconsciente regendo as práticas adictivas, qual seria o fator de base para as consecutivas passagens ao ato do adicto?

“Abordar o frágil domínio da sexualidade e de suas diversas práticas no registro das precariedades não é anódino: mal assegurada, efêmera, sujeita à revogação, dependente do outro, a sexualidade é, por essência, precária” – escreve Estellon (2005, op. cit., p. 63, – Tradução nossa). Todavia, o autor questiona em que aspectos as sexualidades adictivas seriam mais precárias que outras. A urgência da demanda, a dependência do efeito de gozo sexual, a pobreza da criatividade, o sentimento de não existir fora do terreno adictivo e o aumento de doses para atingir a tranquilização são elementos descritos como cotidianos nos “toxicômanos da sexualidade” (Estellon, 2005, p. 63-64 – Tradução nossa).

Como foi visto, McDougall (1995/1997, op. cit.) afirma que as sexualidades adictivas comunicam um pedido urgente de reparação narcísica. De maneira

complementar a isto, Estellon (2002, op. cit.) situa o núcleo do problema em estágio arcaico de constituição do corpo erógeno, aquele que precede não apenas a etapa narcísica, mas também a de consolidação do autoerotismo. Os acidentes e traumatismos na constituição desse estágio estariam em primeiro plano nas adicções sexuais – fato que nos conduz a um exame mais aprofundado da relação entre corpo sensorial e autoerotismo.

### **I.5 – Corpo sensorial e autoerotismo nas adicções sexuais**

A sexualidade adictiva pode ser considerada expressão de falha exacerbada do autoerotismo. Há desequilíbrio do nó autoconservação/autoerotismo, desembocando na repetição patológica da adicção, conforme pontua Estellon (2002, op. cit.). Em muitos casos o sujeito precisa, por exemplo, desfrutar do gozo sexual ao menos cinco vezes por dia para poder dormir tranquilo à noite.

O conceito freudiano de autoerotismo se refere, em termos gerais, a uma modalidade de satisfação sexual que prescinde da presença real do objeto. Trata-se de “um comportamento sexual infantil precoce pelo qual uma pulsão parcial, ligada (...) à excitação de uma zona erógena, encontra a sua satisfação no local, isto é, (...) sem recorrer a um objeto exterior; (...) sem referência a uma imagem unificada do corpo” (Laplanche & Pontalis, 1982/2010, p. 47).

Mais significativamente, o autoerotismo pode ser entendido como a etapa de emergência da psicosexualidade que precede a formação do narcisismo infantil e o reconhecimento dos objetos como alteritários. Inicialmente, apoiando-se nas funções corporais que sustentam a vida, a pulsão sexual rapidamente se destaca, torna-se independente e atua de maneira autoerótica, através de diferentes zonas erógenas. A força pulsional atua sem convergência a uma direção específica, sem unidade e sem relação com o objeto total. Apesar de prescindir da presença real do objeto, autores pós-freudianos como Jean Laplanche (1993/1997), especialmente aqueles vinculados à psicanálise francesa, ressaltaram a importância de considerar no autoerotismo a presença do objeto ou de fragmentos deste no plano da fantasia.

Nesta direção, torna-se fundamental recorrer à noção de realização alucinatória do desejo, em que determinada carga excitatória encontra satisfação através da reprodução alucinatória de percepções, transformadas em imagens mnésicas de experiências de apaziguamento do início da vida. O desejo infantil está ligado a inscrições psíquicas, a

traços mnésicos que são reinvestidos e reativados na ausência do objeto que propiciou previamente a vivência de satisfação original. “(...) O reaparecimento da percepção é a realização do desejo” (Freud, 1900/1969, p. 595).

Não se trata da satisfação de uma necessidade biológica, mas de algo que perpassa o biológico e se inscreve no âmbito psíquico. As percepções transformadas em signos de satisfação “têm sempre um caráter sexual, uma vez que o desejo sempre tem como móbil a sexualidade” (Roudinesco & Plon, 1998/2001, op. cit., p. 147).

A experiência de amamentação serve como protótipo de uma situação que perpassa o plano da satisfação da necessidade e abre vias de emergência da pulsão sexual e instauração do desejo. Com a ausência do objeto real – nesse caso, o seio materno –, a criança em sua atividade de sucção pode criar por vias alucinatórias o objeto perdido. O seio alucinado nada mais é do que a reativação de uma imagem mnésica da percepção do seio real – reativação que serve como recurso precursor da fantasia, vindo apaziguar o acúmulo de excitação no corpo-psiquismo infantil, através de uma modalidade autoerótica de satisfação.

A dialética entre presença e ausência se constrói bem no início da vida psíquica, estando intrincada à qualidade das interações e laços precoces que injetam certo ritmo na vida de relação. São as repetidas experiências de satisfação que criam o objeto primário, levando a criança a um estado de “anseio” sempre que dele necessita para a satisfação de suas demandas pulsionais e biológicas. Quando o objeto externo suficientemente assegurador é interiorizado, a criança utiliza-se de suas próprias capacidades autoeróticas para brincar e se tranquilizar.

O autoerotismo, nesse sentido, é resposta psíquica à perda do objeto e serve como base de edificação da subjetividade e da construção dos limites entre o eu e o outro, o dentro e o fora, interioridade e exterioridade. O prazer de associar, a capacidade de devaneio, o desejo de investir nos objetos e outros fatores que permitem ao infante poder diferenciar o dentro e o fora, presença e ausência, são derivados da satisfação alucinatória do desejo (Jeammet, 1999). Portanto, não é difícil supor que esse trabalho inicial e elementar é imprescindível para a boa instauração do autoerotismo.

Nesse contexto, a adicção sexual seria marcada, essencialmente, pela precariedade de produções simbólicas derivadas da realização alucinatória do desejo, capazes de produzir presença na ausência. Essas produções são resultantes de uma capacidade depressiva, faltante nesses quadros, comprometendo as vias de consolação alucinatória. Como resultado, o *sex-addict* encontra-se sem anteparo frente às intensidades pulsionais

– afetivas e sexuais –, já que tanto a capacidade depressiva quanto a consolação alucinatória apresentam como função proteger o sujeito das elevações excitatórias (Estellon, 2002, op. cit.).

Nesta balança onde há pouca fantasia e muita excitação, a sexualidade se apresenta de forma bruta, crua e se coloca de maneira indomável, exigindo do sujeito cada vez mais satisfação e descarga. É como se houvesse a transformação de um afeto indefinível e transbordante em excitação sexual, evitando compulsivamente o acúmulo de tensão. Há regressão do pensamento ao ato. Consequentemente, os processos de pensamento estão empobrecidos em benefício da sensorialidade periférica.

Desse modo, Estellon (2002, op. cit., p. 188 – Tradução nossa) define o *sex-addict* como “adicto do corpo sensorial”. A excitação sexual torna-se tóxica, transbordante, delineando o que ele denomina “circuito curto”, primado do impulso. Observa-se aí considerável regressão sensorial e erotização fisiológica. O sujeito se lança sem qualquer precaução aos riscos e sacrifícios da sexualidade, naufragando nos mares de uma sensualidade bruta que não se transpõe em trabalho psíquico, em trabalho de Eros.

À sexualidade adictiva tradicional, com múltiplos parceiros por dia, mas numa relação de sucessão temporal, adicionam-se muitas vezes práticas relacionadas a orgias, com múltiplos parceiros ao mesmo tempo. Essas práticas viriam responder às angústias de fragmentação, permitindo ao sujeito perder-se, ao mesclar-se a outros corpos, e paradoxalmente experimentar mais do que habitualmente os limites e contornos do seu corpo. “Mãos acariciam em todos os lugares” (Estellon, 2002, op. cit., p. 191 – Tradução nossa).

Por intermédio do prazer tátil, o corpo pode ser sentido, experimentado de forma mais apurada, fazendo-se assim existir de maneira mais integrada. Nesse sentido, as práticas sexuais adictivas, em suas diferentes manifestações, podem fornecer, em parte, uma função de contorno ou envoltório corporal. Nesta busca de uma segunda pele,

o *sex-addict*, através da multiplicação de seus encontros sexuais mais ou menos anônimos, encontra antes de tudo os corpos, entra em contato com a pele de outros, a qual desempenha (...) uma função de contenção inegável, assegurando-o da autopercepção de seu próprio contorno corporal (Estellon, 2002, op. cit., p. 193 – Tradução nossa).

Tratar-se-ia de uma espécie de retorno ao autoerotismo, reduzido nessas práticas à sua expressão mais autossensual. Pode-se dizer que se trata de um autoerotismo no qual “Eros seria atrofiado em favor do auto” (Estellon, 2002, op. cit., p. 194 – Tradução nossa).

Pierre Fédida (1990/1991), ao evocar Eugen Bleuler, já havia formulado a concepção de um autoerotismo sem Eros, através de rigoroso estudo sobre o autismo, no qual vislumbrou a potencialidade de distinguir essa entidade clínica de outros estados, por ele denominados “autísticos”, que não se confundem com o autismo propriamente dito. “Tais fenômenos (...) apresentam como principal particularidade o fato de se encontrarem isolados de uma fala que possa descrevê-los, produzindo apenas *imagens sensoriais* experimentadas pelo analista de uma forma diversa daquela que poderia ser chamada ‘metáforas’” (Fédida, 1990/1991, op. cit., p. 152).

Fédida (Ibid.) busca então, através da percepção e interpretação de processos referentes ao autismo, criar um modelo que sirva como paradigma para se pensar outros estados que não se reduzem, assim como não se confundem, com essa entidade clínica. Determinadas síndromes remetem imediatamente a essa intuição, particularmente certas toxicomanias, anorexias, bulimias, farmacodependências, distúrbios psicossomáticos, entre outros quadros que a psicanálise, francesa especialmente, inclui na categoria de estados limites. Estamos aí diante dos limites da metaforização, dos processos de representação e simbolização da força pulsional, entre outros limites.

No caso das adicções sexuais, estaria em jogo basicamente a busca incessante de uma integração psíquica do corpo, que ficou comprometida pela precária interiorização de experiências satisfatórias e apaziguadoras no contato com o objeto primário. “Na sexualidade adictiva, os parceiros – objetos parciais – parecem ser tratados sob um modo quase autístico: utilizados como partes do corpo, e as partes do mundo exterior experimentadas como pertencentes ao próprio corpo” (Estellon, 2002, op. cit., p. 192 – Tradução nossa).

O fato de a prática sexual envolver um parceiro não a descaracteriza como algo próximo dos fenômenos autísticos. E esses fenômenos, na descrição de Fédida (1990/1991, op. cit.), se articulam justamente com uma vertente rudimentar, sem fantasia, do autoerotismo, na qual sensações corporais são buscadas e exploradas com pouca ou nenhuma equivalência simbólica.

(...) o autismo seria subtração de *eros*, mas, correlativamente, excesso de *autos* funcionando, de uma certa maneira, privado do movimento de *eros*. Como se fosse preciso compreender que *o autismo é um tautismo*, já que, como o *eros* está ausente (ou derivado), *autos* é incapaz de encontrar forma através das formas que só poderão ser engendradas graças à circulação de *eros* (Fédida, 1990/1991, op. cit., p. 164).

Essa ausência de formas se articula com a precariedade do autoerotismo, justamente porque o último se refere a “formas vivas de fantasia capazes de se autogerar” (Id., *ibid.*, p. 158). O autoerotismo resulta da perda do objeto real, perda que vai incitar a sexualidade no plano da fantasia, como capacidade de criar ou recriar simbolicamente o objeto perdido – e que vai, em última instância, servir como “suporte temporal das formas” (Id., *ibid.*, p. 167). Nos “estados autísticos”, porém, o funcionamento “auto” em hipótese alguma se concilia à modulação engendrada pela circulação de Eros.

Quando a atividade representativa não supre eficazmente a ausência das figuras de apego, pode ocorrer, por parte da criança, significativo investimento perceptivo-motor do ambiente ou apelo excessivo a condutas de autoestimulação (Chabert, Ciavaldini, Jeammet & Schenckery, 2006). Neste colapso do trabalho metaforizante, é possível identificar outra modalidade de autoerotismo, rudimentar e avessa à ligação. Nela, a mobilização de sensações corporais substitui e mascara o sofrimento psicológico. Nesse caso, não se trata de um

auto-erotismo positivo, libidinal, ligante, portador de experiências de prazer associadas ao objeto, que incita o devaneio, a busca de satisfação alucinatória do prazer e o trabalho de representação; mas de seu oposto, o auto-erotismo negativo, destruidor, com uma função anti-introjeção e antipensamento (Chabert, Ciavaldini, Jeammet & Schenckery, 2006, *op. cit.*, p. 31 – Tradução nossa).

O recurso excessivo ao campo sensorial, à intensidade das sensações, serviria como maneira de evitar, na subjetividade, a posição depressiva. Por conseguinte, “o prazer sensorial tomado sobre o próprio corpo bascula em funcionamento autocrático fechado sobre si mesmo” (Estellon, 2014a, *op. cit.*, p. 91 – Tradução nossa). O envoltório constituído pela excitação sensorial vem anestesiar uma intolerável e dificilmente elaborável força de desligamento. O autoerotismo termina por ser reduzido à sua expressão mais autossensual.

O que se verifica na adicção sexual é justamente uma constante *regressão* a essa dinâmica elementar. O sujeito responde a uma situação psíquica adversa refugiando-se no campo estrito das sensações corporais e suas variações. A resposta sexual compulsiva ao traumático, ao transbordamento pulsional interno, se torna inerente a qualquer afeto de angústia, não abrindo espaço para os devaneios autoeróticos.

Em outras palavras, o afeto subsequente à separação/aproximação do objeto não é apreendido psiquicamente, sendo transferido para uma sensação corporal de falta.

Mais do que sofrer de sentimento depressivo relativo à qualidade da presença ou da ausência do outro, o sujeito sofrerá da sensação da falta de um produto (...) em uma atividade na qual ele pensa poder mais facilmente regular a si próprio (Estellon, 2014a, op. cit., p. 91 – Tradução nossa).

A privação de sonhos, de devaneios, resulta num quadro em que o sujeito adocece cada vez mais e Eros não pode mais circular, cedendo espaço a seu antagonista, Tânatos.

## **I.6 – Desobjetalização e prazer no registro “além do princípio de prazer”**

Em sua argumentação sobre a intersubjetividade da pulsão, Roussillon (2004a) defende a pertinência de uma diferenciação no seio da sexualidade infantil entre uma sexualidade arcaica (precoce ou primeira) e uma sexualidade propriamente infantil, no sentido tradicional do termo. O sexual infantil é organizado pela dupla questão da diferença dos sexos e das gerações, enquanto o sexual arcaico é comandado pela questão da diferenciação eu/não-eu.

Ao se deter nas características do sexual arcaico, o autor defende diferentes formas de prazer, que podem ser conjugadas e integradas apenas se o encontro com o objeto suprir minimamente determinadas condições relacionadas à qualidade do vínculo objetal. O prazer ligado às zonas erógenas, estimulado primeiramente pelas funções de autoconservação e depois tornado independente e autossensual, é apenas potencialmente subjacente ao autoerotismo. Ou seja, a estimulação das zonas erógenas e o prazer sensual decorrente dessa estimulação não necessariamente se transpõem em trabalho de Eros.

O que permite a passagem deste prazer autossensual, predominantemente sensorial, para o prazer autoerótico, que garante imersão inicial no plano fantasístico, é a possibilidade de o infante experimentar o prazer de encontro com o outro, com o objeto primário. Este último diz respeito ao jogo em que acordos e ajustes recíprocos entre adulto e criança encontram via satisfatória, sendo a condição *sine qua non* para o desencadeamento satisfatório do autoerotismo, ou seja, para a possibilidade de representação psíquica dos prazeres erógenos.

A atividade representativa, a troca simbólica do objeto real pelo objeto na fantasia, vem suprir a distância que a criança sofre das condições primárias de satisfação, à medida que gradualmente precisa se afastar da relação corpo a corpo com o adulto. Se o encontro com o outro não abrange minimamente uma dimensão prazerosa, prazeres primitivos

como o da autoconservação e o das zonas erógenas permanecem com escassas possibilidades de integração psíquica. Como consequência dessa não integração, o princípio prazer-desprazer que rege o psiquismo entra em curto-circuito, ameaçando a própria sobrevivência do indivíduo (Roussillon, 2004b). Contudo, vale questionar qual seria o estatuto do prazer que não se integra psiquicamente, que não se conforma ao funcionamento do princípio de prazer.

Neste horizonte, Roussillon (2004b, op. cit., p. 437) traz significativas contribuições ao propor diferenciação entre o “prazer-descarga” e a satisfação subjetiva que resulta do prazer de encontro com o objeto. A experiência de satisfação é tributária da constituição de um laço suficientemente seguro com o objeto investido e construído subjetivamente, numa etapa inicial, primária, como um duplo de si. Já o prazer ligado à descarga pulsional não produz necessariamente o sentimento de satisfação, sentimento que depende do compartilhamento de afeto, de partilha do prazer.

As formas alienantes de dependência estariam relacionadas às formas de prazer sem compartilhamento. Nas sexualidades adictivas, parece haver justamente certa recusa ou impossibilidade de compartilhamento do prazer, de trocas intersubjetivas com o parceiro sexual, que é mero auxiliar numa prática que visa anestesiar e apaziguar afetos catastróficos de solidão, desamparo e abandono. O sujeito fica preso a um circuito pulsional mortífero, no qual o excessivo recurso ao “prazer-descarga” não se transpõe em trabalho de ligação psíquica.

Ao propor os conceitos de função objetalizante e desobjetalizante, André Green (1986/1988) oferece importantes ferramentas para se pensar a articulação entre pulsão e objeto e as consequências derivadas dessa relação em diferentes situações clínicas. O autor denomina função objetalizante a expressão psíquica das pulsões de vida, que procura garantir não apenas a possibilidade de investimento nos objetos internos e externos, mas também a própria criação de objetos na ausência do objeto *stricto sensu*. A possibilidade de investir, de criar vias de ligação para a força pulsional, é o que melhor caracteriza a função objetalizante.

A objetalização seria uma função sexual, aquilo que permite acesso à ligação e aos objetos. “A meta objetalizante das pulsões de vida tem como consequência principal realizar, mediante a função sexual, a simbolização” (Green, 1986/1988, op. cit., p. 68). Assim, o papel de Eros não se restringe apenas ao de criar uma relação com o objeto (interno e externo), pois também se estende ao de transformar estruturas em objeto, mesmo quando o objeto não está diretamente em questão.

Em contraposição à função objetalizante, haveria a função desobjetalizante, expressão da pulsão de morte na vida psíquica. A desobjetalização, por meio do desligamento, ataca não somente os vínculos objetais estabelecidos por Eros, mas também tudo o que poderia fazer as vezes de objeto, como o próprio ego, e o próprio fato do investimento (Scarfone, 2005). Em sua expressão mais radical, a função desobjetalizante, após desinvestir os demais objetos e desinvestir o ego, destrói a própria possibilidade de investimento.

(...) tenho defendido a existência (...) de uma função desobjetalizante que previne objetos de ser formados ou tende a desqualificar (...) aqueles que foram constituídos, fazendo-os dessa forma perderem seu caráter único ou sua originalidade, ou até mesmo sua individualidade, relegando-os ao anonimato (Green, 2000/2002, p. 84-85 – Tradução nossa).

Se nas adições sexuais o parceiro sexual é totalmente relegado ao anonimato, inexistente em sua singularidade e desinvestido como objeto-alteritário, não é difícil supor que estamos diante de evidente manifestação da função desobjetalizante. O fato de o *sex-addict* buscar inúmeros parceiros sexuais em curto intervalo de tempo não está referido aos esforços de ligação das pulsões de vida. Essa busca está no sentido contrário ao estabelecimento de vínculos e compartilhamento de prazer. O prazer buscado não resulta em satisfação subjetiva, fica restrito ao domínio de um autoerotismo sem trabalho de Eros, sem objetalização.

Não há investimento significativo no outro, nem em aspectos da fantasia que enriquecem a vida sexual – o que não descaracteriza a adicção sexual como uma tentativa de dominar algo da ordem do pulsional mortífero, sem representação. O problema é que essa tentativa de dominação não encontra efetivação, não se sofisticava a ponto de viabilizar ao sujeito o acesso ao campo de elaboração, e por esse motivo torna-se patológica.

A predominância da função desobjetalizante possui estreita relação com a qualidade do autoerotismo na vida infantil, já que este último permite o investimento e a criação do objeto na falta de sua presença real, concreta. Não se trata de uma atividade na qual o infante está imerso em isolamento profundo do objeto, como nos fenômenos autísticos – que ilustram bem a radicalidade da função desobjetalizante. A satisfação autoerótica é subordinada à qualidade do prazer experimentado na relação com o outro e suas expressões carregam em si os traços desse compartilhamento de prazer. Em última instância, pode-se dizer que o autoerotismo é o vetor inicial, a via primária que permite o desencadeamento da função objetalizante na vida intrapsíquica.

Se resulta de uma “apresentação” alucinatória, a satisfação autoerótica não é mais que uma retomada, que uma reapresentação ou representação, da satisfação obtida com o objeto; depende (...) do que pôde ser produzido com o objeto, na relação (...) primária com ele, daquilo que foi apreendido com outro objeto que se fez espelho, “objeto-duplo”, da criança (Roussillon, 2001, p. 1380-1381 – Tradução nossa).

Os afetos catastróficos que ameaçam a integridade psíquica do sujeito adicto podem estar referidos justamente a uma falha da função de espelho que exerce o objeto primário, a essa impossibilidade de se experimentar o prazer no encontro com o outro. Como consequência desse desencontro de prazeres, o autoerotismo permanece rudimentar, com poucas vias representativas sendo abertas. No caso das adicções sexuais, esse fato assume proporção imensa. Apesar do excesso de práticas sexuais e de trocas íntimas com diversos corpos “sem rosto”, e apesar da imersão do *sex-addict* no plano do gozo sexual – literal e incessante –, o encontro com o outro não resulta legitimamente em prazer.

Se o autoerotismo quando propriamente desenvolvido é a matriz do processo de simbolização, da possibilidade de investir nos objetos (internos e externos), pode-se dizer que o *sex-addict*, na radicalidade de sua busca, está inserido em outra lógica de satisfação, aquela onde há constante regressão a uma esfera rudimentar e predominantemente sensorial da psicosexualidade. Consequentemente, através de involuntária e permanente destituição narcísica do parceiro, o apelo incessante ao sexo culmina em profundo desinvestimento da relação objetal.

O objeto sexual passa a ser procurado de modo compulsivo, parcializado, dissociado de seus aspectos afetivos e/ou fantasísticos. O encontro com o objeto “total” se apresenta como aterrorizante ameaça. Todavia, o sujeito se dirige ao objeto, vê-se impelido a procurá-lo, situação que continua a nos interrogar, teoricamente, sobre a particularidade que marca essa busca imperativa. Sustentamos a hipótese de que haveria, nesse “império dos sentidos”, nessa busca pelo objeto sexual, paradoxal tendência a uma desobjetalização. Daremos prosseguimento à elaboração dessa hipótese no capítulo seguinte.

Como nos afirma Jacques André (2013, p. 95 – Tradução nossa), na adicção sexual, “o sujeito trava ‘combate sexual’ contra Eros, contra a vida psíquica; evitar que esta se abra, (...) quando a abertura ameaça tornar-se abismo”. Vale questionar qual seria a ameaça em jogo que promove tamanho retraimento da relação objetal. Se abrir-se para

o outro equivale à abertura ao próprio mundo interno, por que esta abertura ameaça tornar-se abismo?

A seção seguinte de nossa pesquisa se dirige, portanto, ao exame da relação eu-outro nesse panorama, por meio da análise dos fatores que estariam na base da circunstância impeditiva do laço objetual fundamentalmente presente nesses casos. Ao mesmo tempo drasticamente desinvestido em seus aspectos afetivos e subjetivos, o objeto é desesperadamente procurado para uma interação sexual. Qual seria a singularidade dessa dinâmica particular e paradoxal de relação de objeto nas adicções sexuais?

## Capítulo II

### Um encontro ameaçador com o outro

No presente capítulo, nossa proposta é refletir sobre a singularidade do modo de relação de objeto nas adições sexuais. De que forma o *sex-addict* se relaciona com seus incontáveis parceiros sexuais? Nossa reflexão se inicia com o delineamento do panorama da busca incessante por um objeto sexual, o qual tende a ser indefinidamente substituído e, cabe ressaltar, não investido em sua existência própria na relação sexual. O objeto é utilizado de modo parcial e desumanizado. Quais seriam as determinações desse “troca-troca” desvairado, onde o outro é descartável, existindo para o adicto apenas como um corpo sem rosto, sem história e sem importância?

Apesar do descarte imediato dos objetos, o *sex-addict* é impelido a buscá-los, a empenhar-se na sua conquista. Através dessa dupla vertente da conquista/destituição do objeto sexual, analisaremos a estreita relação entre libertinagem e adicção sexual, buscando aprofundar, por meio desse contraponto, a especificidade do movimento de sedução desenfreada e, quase simultaneamente, abandono e rejeição do parceiro na situação da adicção sexual.

#### II.1 – A ameaça do encontro com a subjetividade do objeto sexual

Como afirma André (1995/1996, p. 132), o psicanalista não se surpreende mais com a suposta liberação sexual na sociedade contemporânea, pois sabe que a abertura em jogo “não se traduz de maneira equivalente por uma liberdade da vida psíquica em relação à angústia e seu eventual cortejo de sintomas”.

Na mesma direção, para Estellon (2015), no plano intrapsíquico, a liberdade sexual é sempre difícil de se conquistar. Apesar do exibicionismo, autoproclamado e excessivamente difundido nos meios atuais de comunicação, a sexualidade humana permanece um território que, no plano inconsciente, desperta múltiplos pavores, inibições, conflitos, sintomas e angústias. “E o psicanalista é bem fundamentado para entender como os primeiros amores, excitações, ódios, feridas, conflitos, e mesmo os sonhos, são determinantes da vida amorosa e sexual do adulto” (Estellon, 2015, p. 112 – Tradução nossa).

Se Freud observou que os antigos colocavam ênfase na pulsão e não no objeto, contrastando com o que acontecia em seu tempo, André (1995/1996, op. cit.) indica que o pêndulo possivelmente tenha se movido novamente para o outro lado, o da pulsão. O objeto tornou-se intercambiável, rebaixado frequentemente à categoria pouco delimitada de “parceiro”.

André (Id., *ibid.*) menciona uma pesquisa da revista *Elle*, realizada em abril de 1993, concernente à vida sexual de suas leitoras, com todas as particularidades que caracterizam a prática sexual feminina – como, por exemplo, os percentuais e proporção dos atos sexuais, orgasmos clitoridiano e vaginal, escolha de posições e orifícios – : “(...) Depois de constatar uma atividade em alta e uma diversidade regozijante, a revista conclui: não lhes perguntamos se tudo isso acontecia com o marido, o amante ou o entregador de pizzas” (André, 1995/1996, op. cit., p. 132). Em termos psicanalíticos, a pulsão sexual enfim se sobrepôs à imposição do objeto amoroso na vida do sujeito contemporâneo.

Nesse sentido, a adicção sexual seria apenas o extremo radical de um fenômeno que ocorre em larga escala nas sociedades ocidentais e capitalistas, não se confundindo com o panorama de pressuposta emancipação generalizada da vida sexual. Ou seja, em sua dinâmica psíquica, o quadro apresenta determinadas singularidades que perpassam as diferenças de gênero, de estruturação psicosexual e, até mesmo, de exercício desenfreado da sexualidade.

No plano psicopatológico, segundo Estellon (2015, op. cit., p. 111 – Tradução nossa), a adicção sexual representa uma forma de “hipocondria das condutas sexuais, em paralelo a uma vida amorosa esvaziada, surda ao desejo e ao sonho”. Os órgãos sexuais seriam análogos a órgãos dolorosos, que reclamam e solicitam um cuidado jamais suficiente, dando margem à repetição compulsiva. Há, neste caso, uma deterioração não apenas da vida amorosa, mas, paradoxalmente, da vida erótica como um todo.

Nessa modalidade de adicção, acrescenta o autor (2012, op. cit.), há um funcionamento em “*zapping*”, ou seja, o sujeito desloca seus investimentos freneticamente, passando de um objeto para outro, rejeitando qualquer possibilidade de estabilidade relacional. De modo análogo a um sujeito insatisfeito, ininterruptamente trocando de canal em seu televisor, sem conseguir encontrar nada que realmente o satisfaça, o *sex-addict* está sempre substituindo o objeto.

Esse funcionamento em *zapping* se sustenta principalmente pelo elo visual, preenchendo a vida psíquica com imagens e sensações, sem que haja tempo para uma

efetiva elaboração desse império de estímulos. Para sentir-se livre, o sujeito continua trocando indefinidamente de objeto, até chegar ao ponto de não mais suportar essa servidão à mudança. No extremo oposto do colecionador, que acumula objetos e zela pelos mesmos, o *sex-addict* não “quer”, não pode conservar experiência alguma. O parceiro se reduz a um corpo-objeto, que serve apenas como fornecedor involuntário de “serviço” para um corpo em estado de demanda urgente de estimulação erógena.

Nesse movimento de regressão ao que há de mais sensório na sexualidade, o sujeito se refugia no campo estrito das sensações, tornando-se cada vez mais incapaz de aceder a uma esfera de conflitualização psíquica. Entretanto, nos instantes do encontro, compartilha de uma intimidade corporal muitas vezes absoluta, onde o outro se faz necessário, mesmo que não haja nenhum laço humanizado sustentando esse encontro, essa junção de corpos. Se os aspectos singulares e subjetivos do outro não se fazem valer aqui, o que estaria na base deste “troca-troca” desvairado?

“O verbo “*zapper*” engloba numerosas dimensões: a do esquecimento, do incômodo da espera, do sentimento de tédio anunciando uma ruptura” (Estellon, 2012, op. cit., p. 121 – Tradução nossa). As experiências sexuais repetitivas são objeto de um processo psíquico assemelhado à anulação retroativa. “Nada de inscrição, nada de traços, nada de memória para esses encontros, sem sequência, sem passado ou futuro” (Estellon, 2015, op. cit., p. 114 – Tradução nossa). A temporalidade permanece fixada em um presente puro, imobilizado. Futuro e passado, nesse sentido, não são colocados temporalmente sob perspectiva. O encontro com novos corpos é sempre o encontro com o “mesmo”.

A substituição do objeto é prioritária em relação ao seu consumo, fazendo com que o *sex-addict* contorne de maneira pragmática, as angústias tanto de invasão e de abandono, quanto de possessão. No entanto, poder-se-ia argumentar que, antes da substituição do objeto sexual, o que realmente se faz predominante é o desinvestimento deste no encontro sexual, independentemente da quantidade de objetos em jogo na vida do sujeito.

“As estratégias defensivas levam o *sex-addict* a sentir toda construção durável – implicando a estabilidade – como medíocre (a rotina) ou como uma coerção a mais” (Estellon, 2012, op. cit., p. 121 – Tradução nossa). Não à toa, o sujeito cai na própria armadilha da impaciência: a vida perde as cores e o que se evidencia são sentimentos de vazio, tédio e futilidade perante as perspectivas da realidade. No pano de fundo, estaria a profunda descrença nos benefícios de uma relação a dois, seja ela afetiva ou sexual. “Os

*sex-addicts* experimentam grandes dificuldades para acreditar que encontrarão no outro as respostas para seus desejos” (Estellon, 2012, op. cit., p. 120 – Tradução nossa).

Encarcerado pela lógica da desesperança e do desinvestimento do objeto, na qual os parceiros a conquistar são intercambiáveis, o sujeito parece não esperar nada do outro, apenas uma estimulação erógena do envoltório da pele, seus orifícios e suas saliências. “Esse ‘cuidado’ sexual (...) se efetua sobre um modo funcional, operatório e pragmático, sem calor afetivo” (Estellon, 2014b, p. 152 – Tradução nossa). No máximo, um requisito mais ou menos “fetichizado” é exigido em termos de características físicas e estéticas do corpo do parceiro, mas não se pode dizer que esse outro “coisificado” na prática sexual seja, de fato, idealizado.

A desesperança no que concerne ao encontro com o outro, articulada à desqualificação do objeto, tornado intercambiável, facilmente substituível e, finalmente, destrutível através do desinvestimento radical, pode ser entendida como solução totalitária, que se impõe e permite ao sujeito se proteger da decepção e do sofrimento depressivo (Estellon, 2015, op. cit., p. 113 – Tradução nossa).

Acreditar pressupõe o sentimento de confiança não apenas no outro, mas também em si próprio. A própria etimologia do termo confiança, cuja significação de origem seria “com fé”, aponta para isso. “Sujeito às fragilidades narcísicas e às carências afetivas das quais não quer saber, o *sex-addict* usa o corpo dos outros para se embriagar e se esquecer de que não acredita mais em nada, nem nele mesmo” (Estellon, 2012, op. cit., p. 120 – Tradução nossa). A inviabilidade do “acreditar” – seja no outro, seja na relação, seja em si próprio –, traz em si a inabilidade em dar sentido à sua experiência no mundo.

Na base desses excessos, dessas “manias sexuais” manifestas, estaria a tentativa desesperada de resguardar-se de uma melancolia latente, rigorosamente enraizada. “Mantendo o controle e o domínio sobre o desejo dos outros, estas soluções ‘maníacas’, ‘contramelancólicas’ dizem o quanto o medo da perda e o da passividade estão articulados ao narcisismo de morte, ao masoquismo e à melancolia” – pontua Estellon (2015, op. cit., p. 113 – Tradução nossa).

As noções de duração, de conquista e de laço associativo se encontram aqui extensivamente suprimidas. Todavia, apesar da violência silenciosa do esquecimento e da destituição da existência subjetiva do parceiro, pensamos haver, nestes casos, algo de uma mínima conquista do objeto. O *sex-addict* sabe seduzir e se conectar com o outro anônimo; há um diálogo de inconscientes, um ímpeto de enlaçar e tomar para si o corpo

do outro. O que se sucede, porém, é a extrema precariedade desse encontro. A vida sexual se revela amplamente insípida, frustrante e insatisfatória.

Em “*Psychanalyse du libertin*”, Alberto Eiguer (2010) considera a adicção sexual como uma modalidade extrema e frustrada de libertinagem. A dupla questão da conquista/destituição do objeto sexual serve como importante ferramenta teórica em sua reflexão. A libertinagem é definida como o exercício livre, descompromissado e descomedido da sexualidade, da sedução e da conquista do objeto sexual, podendo se apresentar “sob uma forma simples, a libertinagem corrente, e sob uma forma complexa, da qual derivam a adicta e a perversa” (Id., *ibid.*, p. 48 – Tradução nossa).

Se na libertinagem corrente, o sujeito exerce uma sedução imediata, transitória e compulsiva na relação com o objeto, isso não tem necessariamente implicação psicopatológica. Pode ser considerada legítimo estilo de vida, subjacente a uma filosofia proclamada e defendida: a de desfrutar ao máximo de todos os encontros sexuais, desprezar as convenções e os códigos sociais, sustentando a crença na futilidade de qualquer relação que envolva laço afetivo significativo com o outro. O libertino quer satisfazer seus desejos eróticos a qualquer preço, não medindo esforços para se desembaraçar de todos os fatores que entravam a realização de seu “projeto hedonista”.

Contudo, como veremos, na adicção sexual esse “projeto hedonista” fracassa radicalmente.

## **II.2 – O *sex-addict*: um libertino em crise?**

Todo libertino, segundo Eiguer (2010, *op. cit.*), ama a liberdade, a independência, os prazeres e o excesso. Existem os libertinos habituais e os ocasionais. É comum encontrar muitos sujeitos que se intitulam libertinos. O sedutor inveterado, *à la Don Juan*, é talvez o modelo mais emblemático desse perfil, mesmo que não seja o único. Toda ocasião é propícia para o galanteamento, para o cortejo de novos e possíveis objetos sexuais. Seus atos e palavras são impregnados de sensualidade. As histórias que conta, seus princípios enunciados, transbordam volúpia e fascínio sexual. O libertino é “um *expert* no amor, um fino conhecedor do outro gênero, de seus gostos, de seus valores, de seus costumes” (Eiguer, 2010, *op. cit.*, p. 35 – Tradução nossa).

Basicamente, o libertino apresenta propensão muito acentuada à sedução e à conquista do objeto, o que, para ele, é ainda mais importante do que a prática sexual. O seu foco é a conquista do prazer: “alguns são adeptos de uma sexualidade desenfreada,

outros ou os mesmos se liberam de toda restrição moral” (Id., *ibid.*, p. 15 – Tradução nossa). Apesar da procura incessante por um objeto sexual, são reticentes no que tange ao laço conjugal, à partilha de uma vida a dois. Essa perspectiva é vivenciada como coerção, como aprisionamento.

De modo análogo ao *sex-addict*, o libertino não acredita na relação conjugal e defende essa descrença com convicção. Isto se dá por razões bem claras para ele. A duração de uma relação amorosa levaria inevitavelmente ao desencanto com o objeto, à perda da intensidade do encontro e da conquista. Seria o fim do entusiasmo que permeia toda nova descoberta – emoção que ele procura acima de tudo. Além disso, a intimidade psicológica com o parceiro sexual não lhe interessa. Estabilidade e constância na relação amorosa equivaleriam ao tédio e à frustração. Os gozos passados são esquecidos e a busca por prazer é a cada instante renovada.

O libertino vive permanentemente no tempo presente, como se não houvesse perspectiva de futuro nem nostalgia em relação ao que já foi desfrutado. Isto o leva a advogar uma ética particular, onde aparece muitas vezes desprovido de moralidade, insistindo na legitimação da deslealdade, da infidelidade e da traição. Vincular-se afetivamente ao objeto de sedução seria perder uma parte de si: a liberdade tão estimada e apreciada. O seu desejo é urgente, tenso, e provoca frenesi constante. O parceiro sexual se torna, portanto, indefinidamente intercambiável.

Com base nesses dados, o panorama acima apresentado poderia ser identificado, em vários aspectos, ao da adicção sexual. De acordo com Eigner (2010, *op. cit.*), tanto o libertino quanto o adicto constroem “neonecessidades”, ou seja, a partir de sensações intensamente vivenciadas, ambos desenvolvem modos alternativos de excitação e satisfação, subvertendo e complexificando suas vidas eróticas. “Esses caminhos paralelos constituem um desafio aos erotismos habituais, e o sujeito utilizará os mais diversos argumentos para ridicularizar os preconceitos; estes caminhos alternativos serão de ora em diante preferidos e procurados com prioridade” (Eigner, 2010, *op. cit.*, p. 33 – Tradução nossa).

Porém, apesar dos inegáveis paralelos, “a adicção sexual não é, pelo menos não exatamente, a libertinagem. Em comum, ambas têm a multiplicação de experiências eróticas, mas a adicção é consumista, visa à quantidade, em uma busca frenética e insaciável de presença e calor” (Id., *ibid.*, p. 35 – Tradução nossa). A libertinagem, por sua vez, visa à qualidade. Ao contrário do adicto, o libertino, apesar de sua inapetência ao laço, busca e cultiva o prazer em seus aspectos qualitativos. E, mais significativamente,

não é totalmente escravizado por seus impulsos sexuais, apesar de eventuais excessos nesse campo em particular. O libertino não suporta ceder à espera, mas consegue negociar com os entraves e as impossibilidades quanto à realização imediata de seus impulsos. Tem mais clareza em relação ao que deseja e suas metas são delineadas de maneira consistente.

Em contrapartida, apesar de ocasionais idealizações românticas, o *sex-addict* se encontra consumido pelo ímpeto ao sexo – que, no cotidiano do sujeito, se reduz à sua dimensão mais crua. Ele já não é mais “senhor de si”. Por essa razão, apresenta forte carga de sofrimento psíquico, mesmo que de modo mais implícito do que explícito. E, notadamente, a relação com o outro é fonte de diversos tormentos como, por exemplo, sentimentos de culpa, vergonha e solidão, que se manifestam de forma singular nos diferentes casos. A relação sexual torna-se uma medida extremada para refugiar-se de qualquer sentimento, qualquer conflito que possa emergir a partir de sua dinâmica psíquica interna.

Feita essa distinção, a experiência mostra haver recorrentes passagens entre libertinagem e adicção sexual. “Nem o adicto sexual nem o libertino conseguem manter relacionamentos com os outros, seja cultivá-los ou desenvolvê-los. O adicto sexual, porque é muito apressado, muito desesperado para encontrar o ideal de ternura que lhe falta” – conclui Eiguer (2010, op. cit., p. 36 – Tradução nossa).

Por conseguinte, o referido autor se interroga se não seria mais preciso considerar-se a adicção sexual como uma forma de libertinagem, pois muitas vezes o limite que separa uma situação da outra se desfaz: “um libertino em crise é orientado em direção a uma sexualidade indiferenciada e cada vez mais insípida: uma sexualidade solitária, condenada a ‘farejar’ a companhia de um outro no breve momento do encontro” (Eiguer, 2010, op. cit., p. 33 – Tradução nossa). A relação sexual se reduz a uma interação vazia. É justamente nesse “desencontro” com o outro na esfera da relação sexual que o libertino em crise se assemelha ao *sex-addict*, ao perder as rédeas em sua busca insaciável. A sedução do objeto acaba assumindo caráter bem distinto daquele que se apresenta na libertinagem simples e corrente. A adicção sexual pode ser considerada, dessa forma, uma variação tortuosa, maníaca e radical da libertinagem.

Com relação à adicção sexual, afirma Estellon (2015, op. cit.) que quando a relação de objeto chega a esse nível de precariedade, não fica claro qual seria o motor inconsciente de tal busca maníaca: se seria o amor, o ódio, ou pura excitação. Sob o disfarce manifesto da sedução transitória haveria uma valência agressiva: “acoplar” se

transforma em “abandonar”, “destituir” e, finalmente, em “destruir”. Os próprios adjetivos utilizados na prática clínica para qualificar essas práticas não são triviais do ponto de vista do teor agressivo que comportam – como, por exemplo, “partir para a caça”. Cada corpo novo é um corpo a ser sacrificado para que a “caça” possa continuar. A sedução e a conquista do objeto seriam apenas disfarces para um uso particular e desumanizado do mesmo.

Quando esse objeto desaparece, o ego não é de forma alguma afetado. Isso faz com que ele não seja frio nem quente. Esta lógica desobjetalizante leva de maneira muito pragmática a uma utilização do objeto até o seu abandono-destruição na indiferença absoluta (Estellon, 2015, p. 113 – Tradução nossa).

O esquecimento do objeto por parte do *sex-addict*, o desaparecimento de seus traços na memória psíquica, procede de um movimento de “assassinato psíquico” do parceiro, o qual deve desaparecer, tanto em sua singularidade, quanto em sua estraneidade. Não à toa, durante muito tempo os estudos psicanalíticos sobre a adicção sexual permaneceram atrelados à lógica da relação perversa com o objeto sexual.

A desconsideração muitas vezes traiçoeira do parceiro, a indiferença perante os seus aspectos singulares e subjetivos, bem como, frequentemente, dos riscos da contaminação possível via prática sexual, poderia ser entendida como traço de perversidade, mas a questão é, na verdade, bem mais complexa, porque o *sex-addict* não impõe, no sentido de forçar, suas demandas sexuais a ninguém; suas relações se dão em comum acordo com parceiros anônimos cujos nomes não serão lembrados no dia seguinte. Usualmente, não há coação ou violência manifesta contra o parceiro sexual.

Junto ao rebaixamento dos parceiros que coisifica, o *sex-addict* rebaixa sua própria sexualidade, porque é proibido amar e ser amado, é proibido desejar, experimentar e dividir afetos humanizantes. Fazê-lo “funcionar” requer que os parceiros se rendam às suas exigências, mas, sobretudo, que não se apeguem a ele (Estellon, 2015, op. cit., p. 116 – Tradução nossa).

Vale questionar se, ao descartar compulsivamente os objetos, através de sua extrema destituição subjetiva, o *sex-addict* não se encontraria profundamente a eles aprisionado. Não seria o “apelo ao sexo” uma retranscrição profunda e desconcertante de um sufocado “apelo ao outro”, mascarado nessa modalidade de prática, onde o verdadeiro encontro se revela impraticável? Desejar o objeto e permitir que uma entrega afetiva tivesse lugar seria equivalente a ser “fagocitado” por esse objeto?

### II.3 – Apelo compulsivo ao sexo: retranscrição de um apelo ao outro?

Mostra Eiguer (2010, op. cit.) que haveria um apelo ao objeto, uma demanda de cuidado e ternura nas determinações inconscientes da busca do *sex-addict*, que se manifesta de forma particular e distorcida. “É possível que o adicto seja submergido por expectativas contraditórias e que, por esse fato, anule o escopo de seu projeto. Ele sente, na verdade, ressentimento no que concerne ao encontro com o objeto, no qual deposita grandes expectativas” (Eiguer, 2010, op. cit., p. 36 – Tradução nossa). Tende a idealizar um objeto de desejo inalcançável, nunca disponível na realidade externa. Anseia por conforto e acolhimento. Todavia, em seu dia a dia, é totalmente incapaz de atingir qualquer satisfação subjetiva no encontro com o outro.

A escolha de parceiro se revela decepcionante por recair sobre seres sem rosto, incapazes de condizer à expectativa asseguradora, ao conforto procurado. Há um curto-circuito entre o que o sujeito almeja e o que busca na realidade externa; há um abismo entre o que ele diz querer e o que consegue fazer. Se a princípio parece ser o caminho para aceder ao ideal relacional, a sexualidade acaba revelando-se estranhamente insatisfatória, a despeito de seu exercício compulsivo.

Nessa mesma direção, Estellon propõe que é possível reconhecer na “busca desmedida e frequentemente autodestrutiva” do *sex-addict* “um apelo em direção a um laço de aliança, um pedido para ascender ao amor de objeto” (Estellon, 2005, p. 64 – Tradução nossa). Não obstante a frieza, o anonimato e a concretude que apresenta, a sexualidade adictiva comportaria a esperança de encontro com um objeto idealizado.

Nessa problemática fronteira, estaria em jogo a tênue questão dos limites psíquicos, particularmente a extrema dificuldade do sujeito para lidar com a proximidade e, especialmente, com o distanciamento e possível perda do objeto. Assombrado pelas angústias relacionais de abandono e intrusão, o adicto forjaria em suas práticas compulsivas uma espetacular estratégia fóbica que lhe permite afastar-se do encontro com o outro, tornando inviável a possibilidade do laço afetivo. Em tal configuração, seria melhor a certeza de seu fracasso do que os horrores de sua incerteza. “Se o que é procurado inconscientemente é o amor, o que é demandado na realidade é apenas questão de sexo” (Estellon, 2011, p. 134 – Tradução nossa).

A partir dessa perspectiva, é possível entender como o outro passa a ser consumido, instrumentalizado como objeto de prazer. “Nos *sex-addicts*, tudo o que é solicitado ao parceiro, é, sobretudo, não existir como um sujeito que fala. Nesse sentido,

o parceiro é desumanizado, mercantilizado nessa espiral de ‘cada vez mais’” (Estellon, 2005, op. cit., p. 70 – Tradução nossa). Esse uso do objeto como prótese teria a finalidade de contrabalançar o impacto extremo que a relação objetal ameaça causar na dinâmica intrapsíquica. Sempre abandonando os parceiros que seduz, o *sex-addict* “se afasta do risco de ser confrontado à perda do amor (...). Abandonar para não ser abandonado parece ser o seu lema” (Estellon, 2014b, op. cit., p. 152 – Tradução nossa).

Em conformidade com essa posição, sublinha Gurfinkel (2011, p. 191-192) que “a saída adictiva é essencialmente uma via alternativa que substitui a relação com o objeto ali onde ela fracassou, reagindo defensivamente ao estado de dependência que seria inerente à relação”. Não se trata apenas de autossatisfação patológica, mas de uma independência patológica.

Analisando temática afim, Roussillon (2004a, op. cit.) propõe que nos sofrimentos identitário-narcísicos, o sujeito permanece preso a um circuito pulsional demasiadamente fechado, antecipando inconscientemente forte decepção proveniente da rejeição ou indiferença do objeto, transformando assim potencialidade de trabalho psíquico em certeza de fracasso. Em termos psíquicos, a prisão que se torna a adicção sexual pode ser mais segura do que os horrores das oscilações e incertezas inerentes a qualquer vínculo afetivo significativo.

Mas por que o amor objetal e suas possíveis rupturas se colocariam como ameaça tão grave para o sujeito – que se veria impelido a procurar o objeto sexual de modo desesperado, irrepreensível, mas parcializado, desumanizado? Pensamos haver uma espécie de “sombra do amor” na literatura psicanalítica sobre o tema, no sentido de que a esfera do amor é colocada, de diferentes formas, como motor inconsciente da busca do *sex-addict*, ao mesmo tempo em que também é situada como “agente atravancador” de um verdadeiro encontro com o outro. Poderíamos realmente alçar o amor ao posto de “ator protagonista” nas determinações inconscientes da adicção sexual?

O que nos parece efetivamente em jogo na lógica defensiva de procura incessante e subsequente destituição do objeto sexual, é a alternância de uma posição subjetiva do sujeito, que tenta escapar de uma situação de *passividade* perante o encontro com o outro. Nessa direção, o retorno que Jacques André faz à teoria da angústia em Freud para problematizar a concepção psicanalítica de feminilidade pavimenta um caminho de importância singular neste ponto de nossa pesquisa, e nos orienta em direção a uma proveitosa elaboração para as nossas indagações.

Para André (1995/1996, op. cit.), o rebaixamento do objeto, sua regressão ao estatuto vago de “parceiro”, o exercício desenfreado da sexualidade, e a conseqüente labilidade das relações amorosas ofereceriam compensação extrema para a angústia feminina de perda do amor do objeto. Nesse contexto, haveria articulação fundamental entre as noções de angústia, feminilidade e desamparo no que tange ao estabelecimento dos destinos da vida sexual e amorosa.

A feminilidade, de acordo com a abordagem do autor, transcende a questão de gênero e remete a uma posição subjetiva do sujeito, confrontado ao perigo e à ameaça de um desamparo avassalador. Por conseguinte, a angústia que funciona, no caso da adicção sexual, como motor que leva à intensa degradação do objeto sexual, estaria profundamente vinculada às origens femininas da psicosexualidade e suas conotações de dependência e violência psíquica. Essa proposição exige exame devidamente detalhado e aprofundado, a que nos dedicaremos a seguir.

#### **II.4 – Feminilidade, angústia e desamparo**

Em seu clássico ensaio “Mal-estar na civilização” (1930/1969), Freud faz a ressalva de que, apesar da aparente autonomia e delimitação, o ego está sempre correndo o risco de desintegração e desmoronamento, pois suas fronteiras não são permanentes e imunes a qualquer conjuntura. “No auge do sentimento de amor, a fronteira entre ego e objeto ameaça desaparecer” (Freud, 1930/1969, op. cit., p. 75).

Ao enumerar as formas pelas quais o homem se esforça para conseguir a felicidade em meio à turbulência da vida cotidiana, Freud menciona a busca de satisfação em amar e ser amado. O amor tem variadas formas, que vão das mais diretamente sexuais até as mais inibidas em sua finalidade erótica. Todavia, o amor sexual ou erotismo genital proporcionaria uma das mais intensas experiências de prazer, fornecendo um modelo sem equivalentes para a busca de felicidade. Nessa direção, o sujeito buscaria os objetos da realidade externa, visando alcançar a felicidade almejada através de um relacionamento físico e emocional com eles. Mas, ao se fixar a um objeto de amor, logo se encontra em situação de vulnerabilidade.

Sem demora, a busca de amor revela seu lado problemático, não isento de mal-estar: “nunca nos achamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, nunca tão desamparadamente infelizes como quando perdemos o nosso objeto amado ou o seu amor” (Freud, 1930/1969, op. cit., p. 90). Amar pressupõe a disponibilidade para

enfrentar um dos maiores sofrimentos com o qual o ser humano tem que arcar: o desamparo que advém da rejeição do objeto amado ou da perda de seu amor.

André (1995/1996, op. cit.) sugere que o amor seria uma das configurações da psicosexualidade que expressam a feminilidade da vida psíquica. O estado de desamparo da criança em relação ao adulto, a posição sexual feminina e a abertura para os desligamentos da análise constituiriam as outras. Sob esse ângulo, amar e ser amado coloca em questão o problema da feminilidade, da entrega e da passividade perante o outro – que, quanto mais afetivamente estimado, mais necessário e vital se torna. E a ameaça de perder algo vital é uma perspectiva apavorante.

O amor objetal implica o confronto com a alteridade, apesar de todos os esforços do sujeito, muitas vezes, para encobrir o outro com o “mesmo” – ou seja, encobrir a alteridade com idealizações provenientes do narcisismo, esboços de fetichização e outros meios para tentar fechar aquilo que acaba de se (re) abrir na relação (André, 1995/1996, op. cit.). Amar o objeto sexual seria, de qualquer forma, a retranscrição de um estado de dependência infantil e, por essa razão, protótipo de uma posição subjetiva feminina que o sujeito se veria convocado a ocupar. Pois o amor, entendido em sua parte não narcísica, “é ‘agarrar-se’ aos objetos do mundo exterior, abertura mantida para o outro e sua alteridade e, nesse ponto, homogênea do estado de desamparo do pequeno ser humano” (André, 2001, p. 109).

A abertura ao outro na relação amorosa é, portanto, análoga a uma suscetibilidade à perda de seu amor, à angústia que provém da ameaça dessa perda. Sustentar essa abertura é poder arcar com o preço, mesmo que de modo profundamente inconsciente. Essa mesma angústia “é o motor da análise e de seu progresso: em si mesma é abertura para os enigmas do interior” (Id., *ibid.*, p. 104). Confrontar-se a essa ameaça, ser tomado por essa angústia de perda, já seria indicativo de um trabalho psíquico, de simbolização.

Entretanto, em nosso entender, na dinâmica relacional da adicção sexual, diferentemente de outras configurações que expressam a labilidade das relações amorosas e sexuais, a hipótese da tentativa de destituição do parceiro sexual como compensação para a angústia de perda do amor não se sustenta. A angústia de perda do amor, como iremos argumentar, já indica a efetiva diferenciação eu/outro e a possibilidade de investimento no objeto, sendo expressão de uma feminilidade secundária e estruturante. Sendo assim, o fracasso em jogo nos quadros dos quais nos ocupamos remete à reincidência de angústias primitivas, situadas aquém da ameaça de perda do amor, e evocam um feminino essencial e arcaico, próprio à vida psíquica.

#### II.4.1 – O colapso da angústia-sinal no *sex-addict*

Na teoria freudiana, o perigo relacionado à perda do amor existiria simplesmente porque na primeira infância “o indivíduo realmente não está preparado para dominar psiquicamente as grandes somas de excitação que o alcançam quer de fora, quer de dentro” (Freud, 1926/1969, p. 144). O abandono, o desinteresse ou a indiferença do objeto externo seriam equivalentes a um colapso intrapsíquico, já que sem o amparo do outro, o infante sucumbiria à própria turbulência pulsional, afogar-se-ia nas ondas violentas de excitação. Sendo assim, “num certo período da vida seu interesse mais importante realmente é que as pessoas das quais ele depende não devem retirar seu carinho dele” (Id., *ibid.*, p. 144). Pois, o abandono do objeto externo na realidade concreta fatalmente reverteria em destruição do mundo interno.

O trauma, sob esse viés, reside na experiência de desamparo por parte do ego frente a um acúmulo de excitação com o qual não consegue lidar, seja de origem externa ou interna. A angústia de perda do amor é uma angústia sinalizadora, que antecipa o perigo que a perda *ainda* iminente do objeto pode vir a acarretar. Diante dessa ameaça, o sistema egoico aciona a instância prazer-desprazer, gerando a angústia-sinal. Através do recalçamento, paralisa o processo excitatório alavancado pelo id que o ameaça com o perigo. A angústia-sinal nada mais é que a reação psíquica ao vivido de desamparo, passividade relativa ao traumático, sendo reproduzida após a situação de perigo como um sinal em busca de ajuda. “O ego, que experimentou o trauma passivamente, agora o repete ativamente, em versão enfraquecida, na esperança de ser ele próprio capaz de dirigir seu curso” (Freud, 1926/1969, *op. cit.*, p. 162).

A questão da passividade do ego diante da violência pulsional coloca em relevo o tema da feminilidade – que, no pensamento de André (1995/1996, *op. cit.*), seria indissociável da relação entre angústia e perigo pulsional interno. Se na teoria freudiana a perspectiva da perda de amor seria a angústia que se faz predominante nas mulheres – em contraposição à angústia de castração, prevalente nos homens –, haveria paralelo inegável entre essa angústia feminina e a angústia infantil, resultante do mais extremo desamparo. No primeiro caso, a angústia tem sua origem na perspectiva do ataque pulsional anteriormente vivenciado, agressão excitatória que parte da vida intrapsíquica, como dissociação entre força pulsional e simbolização. A angústia feminina de perda do amor seria, portanto, uma retranscrição da angústia do *infans* desamparado.

O fato de ser uma “retranscrição”, uma expressão secundária de algo primário, nos permite entender essa proposição da seguinte forma: “o ser-penetrado, que qualifica a posição feminina, mantém com o ser efratado, que define a abertura da criança pequena para a vida psicosexual, uma relação de superposição” (André, 1995/1996, op. cit., p. 131). Essa superposição já aparece no texto freudiano “Inibições, sintomas e ansiedade” (1926/1969, op. cit.), mas de forma não explicitamente reconhecida ou elaborada por Freud.

Nesse panorama, André (1995/1996, op. cit.) vem a questionar o que realmente constitui a feminilidade da vida psíquica, que se expressa não apenas na ameaça de perda do amor do objeto, mas encontra seu fundamento na ameaça de total colapso egoico diante das irrupções resultantes do encontro com o outro. Qual a especificidade dessa ameaça, que irrompe e mobiliza a vida subjetiva?

Apesar de não responder diretamente essa questão, Freud nos oferece as ferramentas necessárias para tal desafio. A questão do trauma e do desamparo exige a consideração de uma dimensão até então pouco explorada em sua teoria clássica: a da sedução originária e seus efeitos traumáticos sobre a criança. “A dimensão do trauma, tendo por pano de fundo o estado de desamparo do bebê, remete o ataque à sua origem: de fora e não de dentro” (André, 1995/1996, op. cit., p. 130). O ataque pulsional que agride e ameaça desintegrar o ego tem sua origem em algo anterior às carências e faltas do objeto primário na relação primordial de cuidados.

Inspirando-se na teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche (1987/1992), André propõe que o “fora” precede o “dentro” da seguinte forma: o colapso do ego pelos representantes pulsionais – a não ser confundidos com as representações psíquicas – é precedido por algo mais constitutivo e originário da vida psíquica: a “efração da criança pelas intromissões do adulto protetor/amoroso, que mistura a seus gestos os sentimentos inconscientes oriundos de sua própria vida sexual” (André, 1995/1996, op. cit., p. 130). Não apenas o adulto precede a criança, mas suas intenções, gestos e cuidados são impregnados pela própria alteridade do inconsciente no lidar cotidiano com o pequeno ser. A criança seria inevitavelmente “penetrada” pela sexualidade adulta nas etapas originárias da vida psíquica.

A defasagem entre o universo sexual adulto e as possibilidades de integração desse universo pela criança está na origem do excesso pulsional – uma origem traumática, decorrente de forte disparidade entre dois polos, o adulto e o infantil. Haveria no confronto entre o adulto e a criança uma relação de atividade-passividade – relação

totalmente assimétrica, pelo fato de o psiquismo do adulto ser infinitamente mais rico. Essa assimetria constitui o ponto de partida para o recalçamento originário – recurso defensivo que divide o psiquismo infantil, originando as instâncias psíquicas. Conseqüentemente haveria um movimento de “fechamento” do sujeito que se sucede à sua abertura radical ao outro, movimento constitutivo das instâncias, de assimilação do “outro” no interior e sua emergência sob a forma de inconsciente, verdadeira alteridade interna, resultante do confronto extremo e anterior com uma alteridade externa.

Se num primeiro momento a alteridade externa tem magnitude sem precedentes e impacta o corpo-psiquismo infantil de tal forma que se torna impossível pensar a emergência da vida psíquica sem esse confronto originário, posteriormente a perda do amor do objeto remeteria novamente o sujeito a essa posição de passividade perante o outro, agora um outro interno, uma alteridade que o habita em suas profundezas e o ameaça com o engolfamento. Entregue à solidão e à aridez do desamparo, o sujeito se veria hipoteticamente dominado pela violência pulsional. A passividade radical perante o outro externo dá lugar à passividade radical perante o outro interno. Em outras palavras, com a perda do investimento e do interesse do outro, o sujeito estaria entregue ao próprio caldeirão pulsional, à turbulência interna que paradoxalmente teve sua origem nesse contato imprescindível e fundamental com o objeto.

Chegamos, assim, ao ponto crucial que desejamos ressaltar em nosso exame sobre as adições sexuais. A ameaça de perda do amor é um sinalizador estruturante, que vem a proteger o sistema egoico da efetivação do trauma. Pode-se dizer que é justamente essa “sinalização”, essa ameaça angustiante de perda, que parece colapsar nos casos dos quais estamos nos ocupando. A consequência disso seria o apelo desmedido ao sexo como o “remédio” possível no embate contra o desamparo que permeia a relação com o objeto. O apelo ao corpo e ao ato substitui, neste caso, a constituição da angústia-sinal.

O sexo passa a ser, então, uma estratégia defensiva, uma medida de reparação narcísica, e não um movimento de efetivo investimento objetal. Antes de ser um fracasso do amor objetal, a adição sexual é emblemática do *fracasso do próprio “encontro sexual”*, encontro que remeteria, inevitavelmente, o sujeito a uma inveterada posição de passividade perante o movimento desejante do outro. Se a origem da psicosexualidade compreende uma posição subjetiva feminina do sujeito perante o objeto, independentemente do gênero, o “encontro sexual” na vida adulta, em maior ou menor grau, promoveria uma “reprodução” desse enfrentamento originário e imprescindível.

#### II.4.2 – Desamparo e exteriorização: uma patologia de fronteiras

Assinala André (2001) que, ao contrário da angústia, o estado de desamparo indica uma vida psíquica que continua a ser vivida “fora de si”, numa desesperada abertura para um outro que não acolhe, não ampara, não responde satisfatoriamente. Se a angústia-sinal mobiliza e faz trabalhar, o desamparo paralisa. O desamparo encontra, no âmbito da psicopatologia, o seu primeiro termo justamente na obra freudiana: *Hilflösigkeit*. “Uma vez que não pode ser entendido fora da referência a *Hilfe*, a ajuda, a palavra alemã não é traduzível de maneira satisfatória em francês; em inglês, é *helplessness*” (André, 2001, op. cit., p. 101). Uma aproximação possível do significado original seria “estar sem ajuda”.

O desamparo significa concomitantemente “uma abertura máxima do psiquismo, profunda, sem fundo como um abismo, e a desqualificação do outro, como outro, em sua tentativa de responder ao desespero” (André, 2001, op. cit., p. 105). Em contrapartida, a angústia é a abertura para o interior, para os seus abismos e, de modo mais significativo, é a expressão daquilo que constitui a interioridade. Serve justamente como motor e matéria-prima do processo de diferenciação eu/outro. A permanência no estado de desamparo revela, portanto, a impossibilidade de constituição do objeto, de uma diferenciação com o outro e, dessa forma, de confronto com a interioridade – e, de modo análogo, com a alteridade.

Se no segundo tempo da teoria freudiana cada angústia corresponde a algum período específico da vida – angústia de castração à fase fálica, angústia de perda do amor à primeira infância, etc. –, no que tange ao desamparo, não seria possível distinguir o perigo de seu afeto específico correspondente. “O desamparo é ao mesmo tempo o perigo e o impacto psíquico desse perigo. O desamparo não é desamparo de... A angústia é sempre angústia de...” (André, 2001, op. cit., p. 104). Mesmo que, desde os escritos freudianos clássicos, a angústia seja por excelência sem objeto, ela não contraria a existência e a constituição deste no espaço intrapsíquico. “É antes a marca de um objeto em reticências; a angústia contém a espera de seu objeto, a abertura para este” (Id., *ibid.*, p. 104). Abertura que atinge proporções drasticamente imoderadas no estado de desamparo, violando as fronteiras que delimitam os espaços psíquicos e a relação do sujeito com as alteridades interna e externa.

O que no meu modo de ver aponta para a originalidade do desamparo em relação à angústia, naturalmente sem cristalizar aquilo que os distingue, é que ela indica que a vida psíquica permanece, que continua a ser vivida fora de si, na desesperada abertura sobre o outro, para o outro. Um outro que não responde (ou que responde mal). (Id., *ibid.*, p. 105).

A notória indiferença e o desinvestimento radical do *sex-addict* em relação ao objeto sexual são expressões desse panorama. No que tange a essa relação, reincide a seríssima dificuldade quanto à constituição do objeto e, dessa forma, de uma interioridade resultante da dolorosa diferenciação eu/outro. No plano de sua vida afetiva e erótica, é como se o *sex-addict* permanecesse preso a uma lógica regressiva, que impede o objeto de ser verdadeiramente constituído e investido. Certamente, isto não pode ser entendido de modo absoluto, pois não se trata de uma indiscriminação eu/outro, já que não estamos no território da psicose e da total loucura fronteira. Como nos estados limites, o ego permanece, neste caso, num estado de servidão interna ao objeto, mantendo-se demasiadamente aberto em suas fronteiras às suas variações e influências (Cardoso, 2005/2010).

Para se defender ou sobreviver a essa fragilidade fronteira, ou ele embarca numa fusão mortífera com o outro ou faz o movimento contrário, erigindo uma barreira quase intransponível para o objeto. Sabemos que frequentemente ambos os movimentos coexistem no sujeito fronteira, e no caso do *sex-addict* isto não é diferente. Ele busca a fusão completa com o outro na relação sexual concreta e mantém um fechamento asfíxiante no que tange à possibilidade de endereçar qualquer sentimento ao parceiro, seja de ódio, seja de amor, ou até mesmo de desejo. Nesse sentido, não é difícil supor que o confronto com a angústia é um grande fracasso e que é o desamparo que parece prevalecer no fundo dessa “relação objetal”.

Investir significativamente no objeto pressupõe, em primeiro lugar, um enfrentamento, por mais precário que seja, com a própria interioridade e suas turbulências. Ao não conseguir empenhar-se nessa empreitada, o ego permanece demasiadamente preso à exteriorização, à passagem ao ato, o sujeito buscando um corpo que só existe em sua materialidade, onde qualquer vestígio de subjetividade perturba, ameaça e até mesmo aterroriza.

Ao destituir o objeto sexual de sua existência subjetiva, o *sex-addict* cai na própria armadilha do desamparo: não pode investir efetivamente no parceiro, mas também não pode viver sem o seu contato, mesmo que este tenha esse caráter efêmero e vazio. Não

pode escolher, esperar, ponderar, pois tem que partir para a execução do ato. O objeto primário (que ampara, acolhe e protege) das etapas originárias da vida psíquica se reapresenta aqui de forma distorcida, revestido na multiplicidade de corpos sem rosto e sem vida. O outro na relação sexual passa a existir apenas em sua corporeidade, sendo que o fechamento extremo para qualquer tipo de sentimento na relação sexual tem como contrapartida a abertura sem limites para o outro, reencarnado aqui em sua dimensão primária e corpórea.

Neste ponto de nossa investigação, o enredo do filme “Shame” (McQueen, 2011) nos serve como rica ilustração do impasse vivido pelo *sex-addict* no campo do “encontro com o outro”. A obra cinematográfica retrata a história de Brandon – que, consumido pela força de sua adicção, vive numa espécie de universo paralelo, impossibilitado de dirigir qualquer sentimento para as pessoas com quem exerce suas práticas sexuais. Na superfície, Brandon poderia facilmente ser confundido com um libertino sexual. Todavia, o seu modo de se relacionar com incontáveis parceiras anônimas não resulta em entusiasmo, prazer ou contentamento.

Conforme procuraremos indicar em nossa análise do “caso”, o apelo desmedido ao sexo vem substituir a possibilidade de um verdadeiro encontro com o próprio desejo e suas turbulências, mascarando o “arrombamento narcísico” que se sucederia a um possível reconhecimento da existência subjetiva do outro na relação sexual.

## **II.5 – O “caso” Brandon**

“Shame” é um filme britânico lançado em 2011, co-escrito e dirigido por Steve McQueen, estrelado pelos atores Michael Fassbender, no papel de Brandon, e Carey Mulligan, no de Sissy. A história gira em torno de Brandon, jovem executivo, atraente e bem-sucedido. Sua vida é prejudicada pela busca incessante de prazer sexual, através de atividades diversas: masturbação excessiva, consumo exorbitante de pornografia e prostituição, e relações sexuais com pessoas anônimas que conhece em diferentes circunstâncias e com as quais não estabelece qualquer vínculo afetivo. Sua rotina é organizada de tal forma que lhe permite entregar-se às indulgências de seu vício sem comprometer significativamente a esfera de seus compromissos sociais. Todavia, esse panorama se modifica consideravelmente após o reaparecimento de sua irmã Sissy em seu cotidiano.

O filme começa com Brandon, morador de Nova York, em seu caminho rotineiro para o trabalho, num vagão de metrô, flertando com uma passageira que corresponde ao seu olhar de interesse. O rosto da moça exprime emoções diversas, contrastando com o dele, que se mostra habitualmente frio, anestesiado. Quando ela sai do vagão, ele vai atrás, sem sucesso, pois ela desaparece em meio à multidão presente na estação.

Este episódio inicial é intercalado com cenas de sua vida íntima, onde ele aparece muitas vezes desnudo, em diferentes situações, dentre elas, recebendo uma prostituta em casa, masturbando-se em seu chuveiro, e escutando o recado angustiante de uma mulher em sua secretária eletrônica. A cena inicial do filme é particularmente significativa, onde Brandon aparece sem roupa, deitado sozinho em sua cama. Apesar de acordado, com os olhos bem abertos, parece estar morto. Mesmo não demonstrando emoções, seu rosto narcotizado consegue ser tão expressivo quanto o da moça anônima do metrô.

Apesar de se masturbar no toalete do escritório e ter o seu computador de trabalho confiscado pela detecção de conteúdo pornográfico, sua dependência sexual não é percebida pelas pessoas com quem trabalha. Numa saída noturna com parceiros de trabalho, Brandon e seu chefe interagem com três mulheres num clube-bar sofisticado. Ao contrário de David, ele age de forma despreziosa e, ao sair do estabelecimento é abordado por uma delas, com quem se relaciona sexualmente numa das ruas próximas ao bar onde estavam.

Nesse mesmo dia, ao retornar para casa, depara-se com a inesperada presença de sua irmã Sissy, uma cantora que se apresenta ocasionalmente na cidade. Ela é a mulher que frequentemente deixa recados angustiados em sua secretária eletrônica e pede para ficar hospedada com ele por tempo indeterminado. Inicialmente a convivência entre os dois é harmoniosa, mas logo a presença da irmã em seu apartamento torna-se problemática, pois ela é emocionalmente demandante e muito invasiva.

Acompanhado de David, Brandon aceita o convite de sua irmã e a prestigia numa apresentação em que ela canta uma versão jazzística do clássico “*New York, New York*”, de modo competente e profundamente melancólico. Uma discreta lágrima no rosto de Brandon indica sua comoção com a interpretação que ela faz da canção. Logo após, David a corteja e os três acabam indo para o apartamento de Brandon, onde Sissy cede às investidas de David, apesar do evidente incômodo de Brandon com a situação.

Consumido por crescente aflição, ele não consegue conter-se enquanto Sissy se relaciona sexualmente com David no único quarto do apartamento. Brandon sai pelas ruas de Nova York para uma corrida noturna. Posteriormente, nesta mesma noite, Sissy tenta

dormir na cama com ele, alegando sentir frio na sala, onde dorme usualmente. Perturbado com o excesso de proximidade da irmã, que o abraça afetuosamente na cama, ele a expulsa agressivamente do quarto.

Sentindo-se impelido a mudar seu comportamento sexual, Brandon convida uma de suas colegas de trabalho, Marianne, para jantar fora, algo diferente para ele até então. No restaurante, o clima entre Brandon e Marianne é agradável, à medida que os dois conversam e começam a se conhecer melhor. Marianne, recém-separada, acredita no sucesso de uma relação afetiva. Brandon, por sua vez, diz não gostar da perspectiva de se casar, afirmando não entender o sentido de tamanho comprometimento. Ela pergunta quanto tempo durou a sua relação mais longa e ele responde que teriam sido quatro meses. Apesar do bom encontro entre os dois, a noite não se estende para além do jantar.

Ainda nessa noite, após seu retorno para casa, a irmã, Sissy, entra acidentalmente no toalete e flagra Brandon se masturbando. Constrangido com a situação, ele a ataca fisicamente acusando-a de estar espionando. Os dois brigam seriamente. Logo depois, ela encontra o notebook dele aberto num site de pornografia. Como consequência imediata dos desagradáveis episódios com Sissy, Brandon joga fora furiosamente todo o seu material pornográfico – centenas de revistas, vídeos e o seu notebook, absorvido por esse tipo de conteúdo. São sacolas imensas que ele despeja na rua. Ao voltar para casa, sente-se extremamente angustiado.

No dia seguinte, reencontra Marianne no escritório e a beija. Os dois saem imediatamente do ambiente de trabalho, aproveitando o entusiasmo do momento. Na suíte de um belo hotel envidraçado, se beijam e se acariciam, em uma impetuosa tentativa de se relacionar sexualmente. Contudo, ele não consegue manter a ereção, o que nele produz intensa perturbação. Afasta-se da cama e se distancia de Marianne. Ela é compreensiva com o impasse, dizendo estar tudo bem. Percebendo a frieza dele, ela considera melhor ir embora, deixando-o sozinho. Ainda neste mesmo dia e lugar, ele faz sexo com uma prostituta contra as janelas envidraçadas do hotel.

Posteriormente, Brandon diz a Sissy que ela precisa sair de seu apartamento e que, quando ele voltar de outra saída noturna que resolve fazer, não quer mais encontrá-la lá. Nesta noite, o seu declínio é evidente. Quando vai a um bar, suas tentativas de conquista assumem tom cínico e agressivo. Em curto espaço de tempo, se envolve em uma briga após assediar uma moça comprometida, tem contato sexual com um homem num clube-bar *gay* obscuro, e ainda visita um apartamento com duas prostitutas para um *ménage-à-trois*.

Após a noite de excessos, enquanto retorna para casa, no vagão do metrô, fica subentendido que houve um suicídio na estação. Aterrorizado, Brandon tenta sem sucesso falar com Sissy pelo celular. Acaba por encontrá-la ensanguentada na banheira de seu apartamento, com cortes profundos nos pulsos. Felizmente, Sissy sobrevive ao próprio golpe e os dois se reconciliam no hospital. Após deixar o estabelecimento, Brandon desmorona e chora em meio à tempestade.

## II.6 – Aterrorizado pela própria sexualidade?

Jacques André (2013), em obra dedicada ao tema da sexualidade masculina, no segmento dedicado ao exame da questão que nos ocupa, se detém brevemente no material trazido pelo filme “Shame”.

Para o autor, o enredo revela o entrecruzamento que pode se estabelecer entre sexualidade e autodestrutividade. Observa que Brandon não tem profundidade psicológica, sendo possível apenas constatar a intensidade de sua angústia melancólica. Por um lado, ele está integrado formalmente na vida social de Nova York. Por outro, é consumido pela força de sua adicção. Todavia, esta polaridade seria, no caso, mais paralela do que conflitual, não havendo oposição entre uma e outra, nem consistente dialética entre desejo e interdito. Brandon não fala sobre seu sofrimento, não sonha, não é atormentado por conflito subjetivo. Apenas age, escravizado por uma força inominável.

Esta falta de profundidade (...) é menos fraqueza do criador do que aspecto da verdade: uma vida contra o dentro, contra o interior, contra tudo o que ameaça abrir a caixa de Pandora... o amor, por exemplo, que se torna o pior dos adversários. Quando uma mulher propõe à Brandon uma relação, (...) é um fiasco (André, 2013, p. 125 – Tradução nossa).

Sobre esse ponto, também consideramos que o filme retrata com extrema exatidão o impasse sofrido pelo *sex-addict* no campo da relação com o outro. Quando percebe que sua adicção está fora de controle, após os desagradáveis episódios com sua irmã Sissy, Brandon tenta sair da rota destrutiva e seguir um caminho diferente. Convida a colega Marianne para jantar e parece realmente disposto a sair de sua redoma aprisionante para investir numa relação significativa, do ponto de vista afetivo, com alguém. Os dois se empenham e o resultado é inicialmente promissor.

Porém, ele não conseguirá se relacionar sexualmente com ela, certamente pelo fato de Marianne possuir valor afetivo para ele, o que em muito difere de suas outras inúmeras parceiras anônimas. Note-se, aliás, que após ela o deixar no hotel, cenário da fracassada

tentativa, Brandon se entrega às indulgências de sua adicção com uma prostituta. Esse episódio, frustrado no plano da tentativa de verdadeiro “encontro com o outro”, não traduz, em sua dimensão mais essencial, uma experiência de impotência sexual, mas, sim, de impossibilidade de vinculação afetiva. Portanto, aqui, reincide a pergunta: seria o *sex-addict* um “impotente” no campo do amor?

Como propõe André (2013, op. cit.), o apelo imediato que Brandon faz naquele momento a uma garota de programa, com quem o exercício do sexo não é problema, o coloca novamente nos trilhos da autodestruição. A masturbação compulsiva e o consumo de pornografia também cumprem a mesma função. O romance, a vinculação ao outro, já representaria uma abertura ao seu próprio mundo interno – abertura, ao mesmo tempo, para a alteridade do outro –, algo demasiadamente ameaçador. Se Jacques André (Ibid.), em seu exame, privilegia a recusa da dimensão amorosa no “desencontro” entre Brandon e Marianne, consideramos que esse aspecto particular não esclarece completamente a questão do impasse vivido pelo *sex-addict*.

Antes do “encontro amoroso” impossibilitado, o “encontro sexual” já constitui, em si mesmo, verdadeira fonte de tormentos e atribulações, sendo, nesses casos, paradigmático de uma procura muito anterior aos anseios e temores intrínsecos ao amor objetal. Reconhecemos que tanto o encontro sexual quanto a experiência da relação amorosa são, de certa forma, diferentes expressões da libido objetal, da possibilidade de o sujeito poder investir significativamente no objeto, mas não podem ser tomados como absolutamente equivalentes entre si. No caso do *sex-addict*, há um “desencontro”, na verdade, em ambas as esferas. Ele exerce compulsivamente sua sexualidade, mas não se “encontra”, de fato, com ninguém.

Com base na concepção de André sobre feminilidade (1995/1996, op. cit.), vale questionar se a própria experiência do “encontro sexual” não poderia ser também entendida como abertura ao desejo do outro e, mais significativamente, uma abertura ao próprio desejo e à condição necessariamente faltante de todo sujeito psíquico. O desejo, assim, não poderia ser entendido também como uma configuração psicosexual que expressa a dimensão do feminino na vida psíquica? Afinal, desejar não seria permitir-se uma abertura não apenas ao outro, mas às próprias faltas e abismos internos?

Assimetria entre criança e adulto, assimetria entre analisando e analista, assimetria entre ser amado e amante. O movimento de desejar e ser desejado também não deixa de ser uma imposição de entrega ao outro, seja à alteridade do parceiro desejante, seja à alteridade do próprio inconsciente. Antes de recusar a feminilidade do amor objetal,

sustentamos que o *sex-addict* recusa a feminilidade que o “encontro sexual” implica. Afinal, como conclui André (1995/1996, op. cit., p. 144-145), “a recusa da feminilidade pode ser entendida como a recusa da abertura para o interior, para o inconsciente (...)”.

Ao submeter-se ao encontro, ao aquiescer à relação sexual, o sujeito inevitavelmente já se confronta com o turbilhão de paixões, afetos e angústias. Corre o risco de ser engolfado pela abertura própria à intimidade corporal e subjetiva com o parceiro. Abrem-se possibilidades, tanto de significação e transformação simbolizante quanto de desamparo e desestruturação. Abrir-se pode significar não apenas construir, mas também sucumbir e até mesmo destruir-se.

Nesse sentido, concordamos com André (2013, op. cit.) quando ele diz que o *sex-addict* trava “combate sexual” contra Eros, contra a vida psíquica, contra tudo que ameça desconstruir seu frágil arsenal defensivo. Com Marianne, Brandon se viu diante de algo diferente: a subjetividade de uma mulher. Antes de temer vincular-se afetivamente a ela, Brandon foi incapaz de responder à sua solicitação desejante. Uma mulher com um rosto, uma história, uma demanda. Uma mulher que ele não poderia imediatamente “coisificar”, após o sexo descartar e simplesmente apagar da memória. Relacionar-se sexualmente com ela seria, de qualquer forma, uma abertura às turbulências do desejo, aos seus intrínsecos conflitos e contradições.

“Ao procurar parceiros que ele não ama e que não o amam, o *sex-addict* não estaria, na realidade, aterrorizado pela própria sexualidade?” – pergunta Estellon (2015, op. cit., p. 116 – Tradução nossa).

André Green (1996) argumenta que as defesas dos pacientes fronteirços, implicando, muitas vezes, profundas regressões da libido a etapas de fixação pré-genital, o protegem de lidar diretamente com os tormentos da sexualidade genital adulta. Desse modo, a proposta de Green nos parece se adequar muito bem à problemática dos *sex-addicts*, pois para o sujeito fronteirço

(...) dar à sexualidade e genitalidade sua importância plena levaria a grandes perigos para si mesmo, tais como a impossibilidade de aceitar a mínima frustração, os tormentos da decepção, as torturas do ciúme, as tempestades de ter que admitir que o objeto é diferente da imagem projetada sobre ele, a desorganização da destruição sem limites, quer do objeto ou de si mesmo em caso de conflito, etc. (Green, 1996, op. cit., p. 874 – Tradução nossa).

Como consequência da iminente possibilidade de desmoronamento subjetivo, o sujeito precisa abdicar inconscientemente de uma relação total, sucumbindo a violentas regressões libidinais que teriam, nesse sentido, a vantagem de protegê-lo da relação plena

com o objeto – e, subseqüentemente, do emaranhado de dúvidas, insatisfações e inseguranças que esta poderia lhe causar.

A natureza regressiva dos funcionamentos limites, de suas expressões “atuadas”, teria como pano de fundo, essencialmente, as conotações conflitantes dos objetivos genitais – como a diferença dos sexos e de gerações, a tolerância à alteridade, o conflito entre desejo e identificação com o objeto, a aceitação da perda do controle no prazer sexual, etc. (Green, 1996, op. cit.). Para evitar o temido confronto com a sexualidade adulta, objetal, e suas provas, o paciente-limite permaneceria preso à dimensão primária da vida sexual, aquela relacionada à não integração e à não totalização da relação com o objeto no espaço intrapsíquico. A vida sexual, nesse sentido, ficaria aprisionada a uma esfera narcísica patológica.

Blanchard e Decherf (2002) pontuam que o narcisismo relativo à constituição egoica, integrador e guardião da vida, se contrapõe a outro narcisismo, patológico, associado à exacerbação do polo defensivo do ego que, em resposta a uma circunstância traumática, passa a exercer o controle desmedido e domínio do objeto. A partir dessa diferenciação, baseada nos estudos de Green (1988) sobre o narcisismo em suas vertentes de vida e de morte, os autores se detêm sobre os mecanismos inconscientes que regem o encontro amoroso e a vida sexual. As suas hipóteses sobre o funcionamento sexual variam de acordo com as duas vertentes acima mencionadas: uma narcísica objetal e outra narcísica patológica.

Na vertente patológica, o sujeito é confrontado às angústias de morte e aos sentimentos de incompletude, falta e dependência vital. Ele busca na relação com o outro a contenção narcísica que não pôde ser interiorizada em etapas iniciais de seu desenvolvimento psíquico. Contudo, a relação com o parceiro sexual ou amoroso reativa de modo avassalador as angústias de intrusão e abandono, aguçando o acionamento de defesas arcaicas.

O sujeito passa então ou a controlar demasiadamente a sexualidade ou a exercê-la de modo compulsivo. Em ambos os casos, observa-se inclinação *ativa* de sua parte que não lhe permite entregar-se realmente à relação com o parceiro. O outro é utilizado apenas como complemento de si e o prazer alcançado a dois é solitário. O pavor de ser invadido ou abandonado permeia a relação. Esse terror da entrega impede a elaboração da passividade sexual, confundida inconscientemente com a passividade infantil (Blanchard & Decherf, 2002, op. cit.).

No outro polo, o do narcisismo integrador, o ego dirige-se à ligação, ao desejo de felicidade e de prazer do outro. A sua função defensiva e de controle figura em segundo plano, permitindo ao casal o acesso às profundezas psíquicas um do outro. Conjugam-se os investimentos perceptivo, sensorio e afetivo na constituição do laço. O sujeito pode então desfrutar do prazer de ser penetrado pelo desejo do outro ou de penetrar o outro para satisfazer o próprio desejo. Pode alternar subjetivamente entre as posições ativa e passiva, que se tornam reversíveis e intercambiáveis. A sexualidade ascende à sua vertente objetal, os investimentos libidinais deixando de ser absorvidos por defesas narcísicas.

Desse modo, é possível realizar um encontro com o objeto total e alcançar uma satisfação que engloba o conjunto da personalidade do parceiro. A aproximação com o objeto é vivida de modo não aterrorizante e viabiliza a momentânea supressão das barreiras do ego, sem que isso tenha consequências desastrosas para o psiquismo. A sexualidade pode enfim ser expressa em uma relação de trocas. “Os desejos de cada um enriquecem as experiências do casal como dois afluentes engrossando o fluxo do rio (...). O objetivo não é mais possuir, mas trocar os aspectos ativos e passivos da bissexualidade, ao contrário do que se produz na sexualidade narcísica patológica (...)” (Blanchard & Decherf, 2002, op. cit., p. 68 – Tradução nossa).

Na última, o parceiro sexual ou amoroso é utilizado em diferentes graus com a finalidade exclusiva de restituição narcísica, situação prototípica da adicção sexual. Com o parceiro, opera-se profunda regressão cujo paradigma é a relação de indiferenciação inicial. O afeto é substituído pelo ato, recurso defensivo que conduz a uma satisfação narcísica, ao orgasmo isolado da consideração do desejo do outro.

A relação sexual se torna uma busca de existência, de re-asseguração de si. O sujeito busca dominar o objeto de todas as formas possíveis para mantê-lo sob controle, com a finalidade de não ser acometido pelas angústias relacionais primitivas. No entanto, vale repetir que, no caso da adicção sexual, esse controle não é exercido através de imposição perversa ou violência sexual contra o parceiro, mas de uma indisponibilidade para investir propriamente nele. O não estancamento de feridas narcísicas aliena o sujeito em modalidades solitárias de obtenção do prazer sexual, mesmo quando acompanhado.

Nesse “desencontro” com o outro na adicção sexual, a sexualidade vai na contramão de tudo o que faz a sua originalidade: “a plasticidade, a polimorfia, a temporalidade longínqua do erotismo contra a abreviação da descarga, (...) quando a vida do desejo importa mais do que sua realização” (André, 2013, op. cit., p. 95 – Tradução

nossa). Tudo se passa como se o sujeito estivesse submetido à forma mais rudimentar da pulsão: a descarga. Não fica claro aqui se o sexo cura ou destrói.

Contudo, apesar do retraimento da relação objetal implicado nesses casos, cabe reiterar que as suas manifestações não excluem uma dimensão de endereçamento ao outro. Roussillon (2004a, op. cit.) traz significativas contribuições nesse sentido, utilizando o termo “intersubjetivo” para repensar a imprescindível questão da emergência psíquica do sujeito, situada no encontro com o outro-sujeito, habitado por uma vida psíquica inconsciente e pulsional.

O autor propõe que os processos intrapsíquicos, mesmo quando aparentemente isolados de um plano relacional, estão profundamente intrincados com o jogo que se estabelece no encontro intersubjetivo. Os impasses do funcionamento psíquico estão ancorados nos desencontros e frustrações provindos da relação com o outro, objeto fundamental da pulsão. “Não podemos mais pensar a pulsão e seu emergir psíquico sem levar também em conta a maneira pela qual ela é recebida, acolhida ou rejeitada pelo objeto que visa” (Roussillon, 2004a, op. cit., p. 737-738 – Tradução nossa). Isso porque a força pulsional não consiste apenas num imperativo de descarga, pois sempre comporta e transmite uma mensagem subjetiva, dirigida a outro sujeito. O autor enxerga no excesso pulsional um apelo ao objeto, movimento em direção ao outro, e não apenas quantidade excessiva de força de desligamento. Trata-se da concepção mensageira da pulsão.

Ao fazer a ressalva de que no pensamento psicanalítico não se deve confundir o objeto da pulsão com o objeto externo, Roussillon (2004a, op. cit.) afirma que há vai-e-vem permanente entre ambos, pulsação que não se esgota. No amor e no desejo pelo outro, objeto externo e objeto da pulsão se sobrepõem. Todavia, o objeto externo almejado não deixa de ser derivado de alguma construção psíquica, de um objeto interno propriamente dito, assim como este último não pode ser pensado sem a consideração dos resquícios e consequências da relação com o objeto externo na vida subjetiva, intrapsíquica.

Ao propor a sua concepção mensageira da pulsão, o autor enfatiza a sobreposição entre objeto interno e objeto externo, fato de que o pulsional que movimenta a vida psíquica traz em si essencialmente um endereçamento a outro-sujeito. “A contradição entre pulsão que procura o objeto e pulsão que busca o prazer me parece ser um avatar clínico particular da emergência da pulsão, o testemunho de fracasso do encontro, e não contradição essencial desta” (Roussillon, 2004a, op. cit., p. 739 – Tradução nossa). Longe de buscar apenas o prazer da descarga, a força pulsional se dirige ao outro-sujeito,

comportando mensagem subjetiva, com a potencialidade de ganhar forma simbólica e sentido. Todavia, essa potencialidade irá se concretizar apenas se determinadas circunstâncias forem cumpridas.

Assim, numa atuação disruptiva, por exemplo, não se trata apenas de evasão psíquica ou de uma tendência à descarga desprovida de sentido. Haveria aí uma mensagem em potencial, à espera de reconhecimento e qualificação por parte de um outro. Dessa forma, o sentido da ação não é dado imediatamente, nem de modo independente da resposta do outro-sujeito, mas construído em função da maneira como este a acolhe, permitindo ou não que as potencialidades latentes da mensagem inicial sejam desenvolvidas.

No caso do *sex-addict*, a sua imersão no território conhecido da adicção – que o aliena da relação investida no outro como objeto alteritário – pode ser pensada como resposta radical ao fracasso do encontro. É como se, de certa forma, a força pulsional não encontrasse, e de maneira contínua, um amparo na relação objetal. “Está aí o paradoxo: mesmo quando se deita com múltiplos parceiros diariamente, o *sex-addict* se sente isolado. Ao evitar qualquer sentimento, ele termina por morrer de solidão” (André, 2011, p. 109 – Tradução nossa). O gozo sexual deixa de ser vetor do prazer, passando a servir como expressão de extremo sofrimento subjetivo.

Uma cena notável do filme “Shame” (McQueen, 2011, op. cit.) ilustra bem essa proposição: após a noite de excessos que culmina no *ménage-à-trois* com duas prostitutas, a expressão facial de Brandon ao alcançar o gozo sexual não é de júbilo, mas sim de dor, revelando o calvário de sua adicção. Nesse impasse, prazer sexual e dor psíquica se confundem, tornando-se indissociavelmente vinculados.

É importante frisar que a relação que Brandon estabelece com sua irmã Sissy não é de indiferença ou frieza, mas, sim, de afeição, apesar de toda a angústia que ela lhe causa. Para autores como Estellon (2014a, op. cit.), isto serviria como exemplo da clivagem radical entre ternura e sensualidade, característica marcante dos casos de adicção sexual, onde frequentemente o sujeito dirige seus sentimentos ternos apenas àqueles com quem jamais poderá se relacionar sexualmente. No campo da sexualidade, o encontro com o outro é, em todos os sentidos, parcializado, regido pelo anonimato e pela não abertura a trocas afetivas, amorosas, etc.

Para além disso, determinados momentos do filme sugerem algo a mais, certa tonalidade incestuosa na relação entre Brandon e Sissy, mais notadamente numa cena em

que Brandon a expulsa agressivamente do quarto, após ela deitar-se em sua cama, abraçá-lo intimamente e pedir para dormir com ele.

Se o nosso exame até agora privilegiou a dimensão narcísica do desencontro do *sex-addict* com o outro, no capítulo seguinte de nossa pesquisa, iremos explorar com o devido rigor a dimensão edípica dessa questão, complementar e indissociável da problemática narcísica. Como bem pontua Estellon (2014a, op. cit.), reside precisamente no abandono problemático do Édipo o núcleo do impasse vivido por sujeitos cuja vida sexual e/ou amorosa apresenta-se imobilizada, como se estivesse “hipotecada” pelo valor persistente e invasivo dos primeiros objetos edípicos. Não resta espaço para potenciais novos parceiros. Esta singular circunstância exige averiguação aprofundada dos destinos do Édipo que aqui estariam em jogo.

No caso do *sex-addict*, ele padece de intensa dificuldade para amar e para desejar. Entregue aos imperativos do desamparo, a perspectiva de desejar e ser desejado parece amaldiçoada. Ironicamente, é a sombra do desejo que permeia a sua busca incessante, quase mecânica, pelo afago impossível, transcrito na desumanização impreterível, seja do objeto alcançado, seja do próprio encontro sexual.

## Capítulo III

### Um Édipo sem fronteiras: a insistência do arcaico no *sex-addict*

Neste capítulo vamos explorar o papel do complexo de Édipo nas determinações da adicção sexual, aspecto teórico de fundamental importância para a compreensão dos impasses que entram a relação do *sex-addict* com seus parceiros e com sua própria sexualidade.

Etapa crucial do desenvolvimento libidinal, o Édipo se configura como estrutura organizadora da vida psíquica e da relação do sujeito com seus objetos internos e externos. A construção da cena primitiva, dentro desse contexto, pode ser compreendida como o núcleo que circunscreve o longo, e muitas vezes tortuoso, processo edípico, ordenador subjetivo das relações. Assim, a função que a cena primitiva desempenha na dinâmica psíquica do *sex-addict* é valioso eixo de investigação em nosso trabalho.

#### III.1 – A dimensão do Édipo na adicção sexual

As escolhas sexuais e destinos da vida amorosa resultam de múltiplos investimentos identificatórios e circunstâncias do encontro com os objetos primordiais, que consolidam determinados esquemas na dinâmica psíquica. Na adicção sexual o sujeito é impelido a buscar um objeto sexual de modo profundamente parcializado e desumanizado, circunstância singular que exige exame aprofundado da travessia do complexo de Édipo nessa situação clínica. A travessia do Édipo pode ser bem-sucedida, como pode também sofrer significativos impasses.

Em termos gerais, esse processo comporta duas faces: o Édipo positivo e o negativo. Na primeira, o desejo da criança é dirigido ao genitor do sexo oposto, sua hostilidade sendo canalizada para o genitor do mesmo sexo, ao mesmo tempo em que ela se identifica com este. Na segunda, dá-se o contrário: o amor é endereçado ao genitor do mesmo sexo, a hostilidade da criança sendo dirigida ao genitor do sexo oposto, com quem ela se identifica. O processo de dissolução do Édipo incide de modo determinante sobre uma dessas duas faces, a criança tendendo a dirigir seu desejo amoroso em maior

intensidade a um dos genitores e a sua hostilidade para o outro com o qual paradoxalmente se identifica.

Em “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor”, Freud (1912/1996) investiga casos em que homens com a vida sexualmente ativa não conseguem consumir o ato sexual com mulheres que despertem neles sentimentos de admiração e afeição. Apesar de impotentes sexualmente para com elas, mostram-se extremamente vigorosos com outras mulheres cuja avaliação subjetiva, feita por eles, é de inferioridade e neutralidade afetiva. A este respeito, Freud sugere a existência de complexos psíquicos que atuariam de modo inibitório no inconsciente, determinando particular escolha de objeto sexual em que este precisa ser continuamente depreciado. Uma fixação incestuosa na mãe ou na irmã parece aqui desempenhar papel fundamental. Como consequência, a união necessária entre as correntes terna e sensual da vida psíquica não se realiza de modo eficiente.

Freud vincula o sentimento de ternura ao cuidado, amparo e consideração que a criança necessita obter do adulto, estando esse sentimento ligado à pulsão de autoconservação. Por sua vez, a sensualidade concerne ao erotismo infantil, que acaba por mesclar-se às relações de ternura, tornando-se parte essencial destas até o desfecho do Édipo, quando se dá uma separação mais sólida entre aspirações eróticas e ternas. Com a emergência da puberdade, essas duas correntes se unem por meio do renovado vigor da corrente sensual. Esta jamais deixa, no entanto, de inclinar-se aos caminhos primitivos de investimento nos objetos próprios ao “infantil”. Porém, a essa altura, se defronta com os obstáculos erigidos pela barreira do incesto, sendo redirecionada a outros objetos.

Esse redirecionamento nem sempre é bem-sucedido. O fator decisivo para seu fracasso é a captura inconsciente que a atração pelos objetos primários exerce no psiquismo, continuando a existir na mesma proporção do investimento erótico próprio aos primeiros anos de vida. Nesse caso, a totalidade da sensualidade permanece atada aos objetos e às fantasias incestuosas (Freud, 1912/1996, op. cit.). O amor torna-se concebível apenas no contexto de relações familiares ou amistosas, pois a convergência entre ternura e sensualidade acaba revelando-se “impossível, insuportável, intolerável” (Estellon, 2005, op. cit., p. 66 – Tradução nossa).

Em sua vertente mais profunda, a fixação edipiana aprisiona a sexualidade no universo dos laços familiares. Se a mãe, o pai, a irmã ou o irmão constituem-se como objeto de amor idealizado ao qual a renúncia é impossível, pode se estabelecer uma

clivagem radical entre as correntes terna e sensual. Por conseguinte, nas relações posteriores, quando o sujeito ama, não pode desejar; quando deseja, não pode amar. Mostra-se incapaz de realizar o ato sexual sempre que “um objeto, que foi escolhido com a finalidade de evitar o incesto, relembra o objeto proibido através de alguma característica, frequentemente imperceptível” (Freud, 1912/1996, op. cit., p. 188-189). Amar o objeto sexual seria equivalente a transgredir o interdito do incesto.

Assim, a depreciação do objeto sexual constitui uma medida protetora, mantendo a sensualidade afastada dos objetos de amor. Se habitualmente a supervalorização do objeto sexual é própria à relação amorosa, nestas circunstâncias ela permanece aprisionada ao objeto incestuoso e aos seus representantes, jamais sendo direcionada à pessoa com a qual o sujeito se dispõe à parceria sexual. Atrelada à condição de depreciação, a sexualidade pode se expressar livremente, com alto grau de prazer, mas permanece cristalizada nas metas sexuais perversas cuja realização só será, portanto, viável com um objeto depreciado.

Consideramos, entretanto, que a particularidade do processo edípico que permeia esse tipo de clivagem não se aplica aos *sex-addicts* – ponto que desejamos aqui ressaltar. De acordo com a argumentação que apresentamos no capítulo anterior, o funcionamento psíquico desses sujeitos se encontra situado aquém dessa lógica. Na simples clivagem entre ternura e sensualidade, o sexo, quando exercido de modo desenfreado, a despeito do prejuízo dos afetos na relação, permite o acesso à esfera do prazer e dos gozos sexuais. Isso é bastante distinto do quadro da adicção sexual, onde o apelo ao sexo tem caráter imperativo, coercitivo. Nele, o “encontro sexual” não apenas está clivado dos aspectos emocionais da relação, mas apresenta-se também estranhamente entravado.

Mostra Estellon (2014a, op. cit.) que a lógica dos parceiros “em série” na vida do *sex-addict* é ancorada em certas determinações inconscientes, relativas, muitas delas, ao registro edipiano. O autor questiona qual rosto se esconderia sob a máscara anônima da série interminável de parceiros sexuais. De quem o sujeito buscaria tornar-se violentamente independente? Para o autor, como pano de fundo da incapacidade de se vincular afetivamente ao parceiro estaria o apego fetichista a um objeto único e intocável, profundamente conservado. Desse modo, a dependência ao objeto da adicção sexual poderia ser entendida, dentre outros aspectos, como tentativa de se eximir da fixação extrema a um objeto de amor infantil, que hipoteca a vida amorosa do adulto.

Se a clivagem entre as correntes terna e sensual se revela como resposta possível frente a uma fixação incestuosa e infantil, confiscando os demais investimentos objetivos na vida adulta, no caso do *sex-addict* haveria também um aprisionamento a uma circunstância edípica precariamente elaborada, de cunho incestuoso. Mas qual seria a singularidade dessa precariedade nas adições sexuais? No nosso entender, aliada à clivagem entre ternura e sensualidade, haveria intensa fragilidade na operação do recalque das moções incestuosas – culminando na captura do sujeito por uma situação edípica originária, arcaica, cujo magnetismo e cujo poder de atração, como exploraremos a seguir, constituem obstáculo a uma efetiva separação dos primeiros objetos edípicos, barrando a abertura a novos investimentos objetivos.

Através da interiorização do interdito do incesto, o sujeito conquista progressiva autonomia em relação aos objetos parentais como objetos de desejo inconsciente. É nesse ponto de passagem que não somente o *sex-addict* – mas o adicto, em geral – parece sofrer importantes dificuldades. O desejo incestuoso é interdito, mas a barreira do recalque não vem a se consolidar suficientemente, de modo a permitir o efetivo acesso a novos objetos. E, mais significativamente, com a fragilidade do processo de interiorização da interdição, a instância egoica permanece em situação de permanente vulnerabilidade.

Sobre esta vertente de questões ligadas à travessia do Complexo de Édipo, indica Chabert (2014), com pertinência, que em muitos trabalhos dedicados ao campo dos chamados estados limites, o papel da dimensão edípica tende a ser negligenciado, como se não demandasse grande atenção para o entendimento dos fatores de determinação nessas situações clínicas. Para ela, os problemas referentes à constituição narcísica, à perda do objeto, à separação eu/não-eu – certamente de grande peso nos estados limites – são indissociáveis da problemática edípica. Nos “fronteiriços”, a travessia do Édipo comportaria certos “entraves”.

Isso resultaria, em grande parte, da precariedade do processo de triangulação edípica, em que a entrada do terceiro viria a limitar e organizar o gozo infantil. A interdição do desejo se relaciona rigorosamente com a entrada de um terceiro, vinculado à figura, à função paterna, colocando limites na relação primordial entre a mãe e a criança. “(...) De maneira geral, pode-se dizer que não há Édipo sem que um terceiro esteja presente, um terceiro que se oponha à realização dos desejos incestuosos” (Estellon, 2014a, op. cit. p. 94 – Tradução nossa).

Nesse sentido, pode-se dizer que o fronteiroço ascende ao Édipo, mas permanece fixado, de certo modo, em sua lógica primária, não fazendo bem a passagem ao seu desfecho, referente ao complexo de castração. Essa travessia vê-se emperrada em algum ponto, aspecto que nos leva a elaborar a noção de cena primitiva, como núcleo arcaico do complexo de Édipo. Como iremos argumentar, consideramos aí residir uma espécie de “chave” para a compreensão da singularidade do Édipo e de seus desdobramentos patológicos nos estados limites e, em especial, na adicção sexual.

### **III.2 – A dupla face da cena primitiva**

Segundo a lógica freudiana, a cena primitiva implica a descontinuidade entre sexualidade parental e infantil; ela instaura a diferença de sexos e de gerações, permitindo assim a elaboração da bissexualidade psíquica (Bertrand & Papageorgiou, 2010). É a cena fantasmática através da qual se organizam as moções pulsionais engendradas pela irrupção da enigmática sexualidade parental. É também um elemento primordial concernente à questão das origens e, conseqüentemente, à emergência e à produção das teorias sexuais infantis.

Para René Roussillon (2004b, op. cit.), a noção de cena primitiva mereceria ser retomada no panorama teórico e clínico da psicanálise contemporânea. Apesar de ser uma noção bastante utilizada, clássica, pouca atenção é dada ao papel fundamental que possui na estruturação psíquica. Ao ganhar estatuto nocional e não apenas o de uma fantasia isolada, essa noção é entendida como um “organizador” privilegiado na constituição da vida subjetiva.

Bertrand & Papageorgiou definem a expressão “cena primitiva” da seguinte forma: “A *Urszene* (cena primitiva, primordial, originária) designa a cena de relações sexuais dos pais (ou das figuras parentais), observada ou fantasiada, construída e interpretada pela criança em termos de violência exercida pelo pai. Representa um enigma, e gera grande excitação sexual” (2010, op. cit., p. 965 – Tradução nossa).

Apesar de não ter usado o termo *Urszene*, Freud (1900/2006, op. cit.), em *A interpretação dos sonhos* já ressalta o quanto a “observação” do coito parental, mesmo quando confinada ou restrita à fantasia, produz intensa angústia, pois acarreta uma excitação sexual que a criança não é capaz de dominar. “(...) O coito é compreendido pela criança como uma agressão do pai numa relação sadomasoquista; provoca uma excitação

sexual na criança e ao mesmo tempo fornece um suporte à angústia de castração” (Laplanche & Pontalis, 1982/2010, op. cit., p. 63). A experiência analítica levou Freud a conceder crescente importância à cena primitiva, conduzindo-o a afirmar que se trata de um elemento que raramente falta no arcabouço de fantasias inconscientes e que possivelmente está presente em todo ser humano, não apenas nos neuróticos.

É no caso do “Homem dos lobos” (1918 [1914]/1996) que a observação do coito parental é descrita por Freud com o termo *Urzene*. O infante que dormia na cama de seus pais teria sido, supostamente, testemunha de um coito *a tergo* entre eles. Freud infere essa cena a partir de dados estritamente clínicos, baseando-se no relato do paciente. Estaria em jogo no sujeito forte excitação sexual frente a uma cena demasiadamente estimulante e traumática, assim como intensa depressão, ligada ao sentimento de exclusão do enredo conjugal.

Nesse texto, Freud discute a questão da “verdade” da cena primitiva, se estaria em jogo a recordação de um acontecimento efetivamente vivido ou se estaríamos diante de pura fantasia. Em termos gerais, as conclusões que ele esboça giram em torno da seguinte conjectura: “trata-se realmente de uma cena observada, a partir de traços e de índices, mas que o psiquismo deve reconstruir como testemunha a evolução da teoria” (Bertrand & Papageorgiou, 2010, op. cit., p. 966 – Tradução nossa). Todavia, esses traços e índices não proviriam necessariamente do coito parental *stricto-sensu*, o que complexifica a questão. Na obra freudiana, esta estaria situada entre dois tempos:

(...) na primeira redação de O homem dos lobos (1914), em que ele insiste em provar a realidade da cena originária, acentua já o fato de que ela só é compreendida e interpretada pela criança *a posteriori* (*Nachträglich*) e, inversamente, quando sublinha o que nela entra de fantasias retroativas (*Zurückphantasieren*), afirma que o real forneceu, pelo menos, índices (ruídos, coito animal, etc.) (Laplanche & Pontalis, 1982/2010, op. cit., p. 63 – Grifos dos autores).

O ponto que nos interessamos aqui em elaborar é o seguinte: apesar de dar suporte à angústia de castração e propiciar a montagem de uma teoria sexual infantil, a carga excitatória em jogo na cena irrompe, desestabilizando a organização libidinal do infante. O exame do “Homem dos lobos” já sugere a dupla valência que a cena primitiva vem assumir na teoria psicanalítica: uma vertente estruturante e outra desestruturante (Bertrand & Papageorgiou, 2010, op. cit.).

O interesse da criança pelo coito parental é indissociável de suas experiências corporais pré-edípicas com o objeto primário, e de todo o conjunto de satisfações,

anseios e privações que daí resultam. A cena primitiva, em vista disso, corresponde ao momento crucial que determina a entrada do *infans* numa trama edípica.

Sustenta Roussillon (2004b, op. cit.) que a questão da cena primitiva tem especial relevo na problemática da dependência ao objeto, por se tratar de dimensão articulada não somente à diferença de gerações, dos sexos e da própria sexualidade (infantil/adulta), estando igualmente relacionada à matriz da atividade representacional. “(...) A dependência primeira, absoluta, incontornável é aquela do contexto de nossa concepção e de nosso nascimento: ter nascido de determinada mãe, de determinado pai, determinado casal, em determinado momento da história” (Roussillon, 2004b, op. cit., p. 421 – Tradução nossa).

Esta posição se baseia na visão segundo a qual essa cena teria papel organizador, o que se articula com a questão da representação do objeto ausente – questão que, como detalharemos adiante, foi profundamente trabalhada por André Green. A capacidade de estruturar a representação ou conjunto de representações do objeto é o que permite a regulação dos autoerotismos – a capacidade de a criança suportar e integrar tanto as pulsões sexuais quanto os afetos mobilizados pela ausência do adulto. Mais ainda, a representação do objeto ausente é a formação-pivô engendrada pela organização da cena primitiva.

O objeto ausente perceptivamente, mas presente em outro lugar, pode ser representado como “outro”, logo, totalmente perdido. Ou melhor, está perdido na realidade externa, ausente na esfera perceptiva – mas, ao ser representado é, de certo modo, reencontrado na psique. A dependência, de caráter patológico, tem a ver com a incapacidade de elaboração do luto referente à perda objetal.

Nessa direção, Roussillon (2004b, op. cit.) propõe a ideia de que a cena primitiva deve assumir uma forma transicional em que a criança simultaneamente está e não está presente na cena – ela não está presente fisicamente, mas está presente em pensamento. É imprescindível que o *infans*, em sua construção imaginativa, não esteja radicalmente ausente do pensamento do objeto, mesmo este estando em outro lugar e com um “outro”. A exclusão que a percepção da sexualidade adulta implica é apenas tolerável caso seja neutralizada por alguma modalidade de inclusão fantasística. “No mínimo, a curiosidade e o investimento da criança pelo “objeto-casal” supõe que o casal a observa, olha-a, que essa estrutura comporta um lugar que reflete parte da atenção que a criança lhe dirige,

que o investimento não está, no fundo, perdido” (Roussillon, 2004b, op. cit., p. 424 – Tradução nossa).

A cena primitiva serve como “organizadora” do processo identitário, quando opera não apenas a dialetização entre a alteridade da diferença dos sexos e de gerações, mas também a similaridade que deve ser refletida pelos objetos primários, à medida que estes espelham identificações. Trata-se de uma estrutura que envolve o encontro com a diferença, com o “outro” – outra geração, outro sexo, outras formas de prazer –, e também com o “mesmo”, o similar, o duplo. A dimensão transicional que a cena pode assumir evidencia o sucesso ou o fracasso da reflexividade, da possibilidade de a criança se assegurar narcisicamente no encontro com o outro.

Tanto o encontro com a diferença quanto o encontro com a similaridade só podem ser propriamente pensados numa relação dialética. Diferença sem similaridade aparece como algo intrusivo e estranho, empurrando o ego em direção à cisão, à fragmentação; similaridade sem diferença leva à confusão, seja na direção de uma adesividade engolfante, seja na direção de uma rejeição reativa.

Como havíamos antecipado, André Green (1980/1988, op. cit.) oferece preciosa contribuição para o avanço de nossa reflexão. Insiste que o complexo de Édipo deve ser mantido como matriz simbólica essencial do funcionamento psíquico, o que implica a constante referência a uma triangulação axiomática, mesmo em casos em que a regressão é dita pré-genital ou pré-edípica. O que está em jogo, sobretudo, é a concepção do Édipo como estrutura no psiquismo e não como mero estágio de desenvolvimento da libido. Em sua concepção, independentemente da estrutura psicopatológica, o sujeito sempre alcançaria o Édipo. E antes mesmo de ter a sua própria experiência subjetiva, a criança ocuparia lugar no Édipo dos pais. “Por mais evidente que seja que a relação principal do bebê é inicialmente com a mãe, a situação é triangular: o pai inscreve-se como figura de ausência” (Urribarri, 2012, p. 150).

O papel essencial do “pai” está relacionado com o lugar que este ocupa no psiquismo da mãe, em sua constelação de fantasias edípicas. Já no que concerne ao psiquismo infantil, “tudo o que antecipa a existência de um terceiro, cada vez que a mãe não estiver totalmente presente, (...) será, *après coup*, vinculável ao pai” (Green, 1980/1988, op. cit., p. 244 – Grifo do autor). O pai, terceiro da relação, situa-se entre a mãe e a criança desde a origem. Trata-se do “outro do objeto”, que poderá ou não assumir a função paterna no Édipo, que tem o seu ponto de partida nesse “triângulo aberto com o

terceiro substituível” (Urribarri, 2012, op. cit., p. 151). A função do “pai”, em termos gerais, diz respeito à boa ocupação do lugar de terceiro, o que dependerá, igualmente, do lugar que este ocupa no psiquismo da mãe.

Para Green (1980/1988, op. cit.), nesse esquema triádico originário, composto pelo infante e seus dois objetos primários, reside o elo que liga

a perda metafórica do seio, a mutação simbólica das relações entre prazer e realidade – erigidas *après-coup* como princípios –, a proibição do incesto e a dupla figuração das imagens da mãe e do pai, potencialmente reunidos na fantasia de uma cena primária hipotética e concebida fora do sujeito, e onde o sujeito se ausenta (...) (Green, 1980/1988, op. cit., p. 245).

Acrescenta ainda Green (1980/1988, op. cit.) que a cena primitiva constitui o núcleo da etapa que origina o Édipo, sobre a qual o complexo de castração deverá articular-se posteriormente. Se, em sua concepção, o Édipo permanece como referência estrutural indispensável para a organização psíquica, as suas condições de determinação devem ser procuradas especificamente na fantasia isomorfa a ele, a cena primitiva. O que importa não é o fato de o sujeito ter sido ou não testemunha de determinada contingência sexual entre os pais, mas precisamente o contrário, que a situação tenha se desencadeado em sua ausência e ele precise imaginá-la, construí-la no plano da fantasia.

Nessa construção, há o “reconhecimento de organizações triangulares, nas quais se inscreve um terceiro (...), onde existe separação primária e alteridade, mas não uma estruturação ou organização edípica (com reconhecimento estável da diferença entre sexos e de gerações)” (Urribarri, 2012, op. cit., p. 151). No caso dos fronteiros, o desafio principal seria o de transição do estado de “terceiridade” potencial ao de “terceiridade” efetiva. Nesses casos, haveria um empecilho no percurso entre a construção da cena primitiva e a consolidação do Édipo através do complexo de castração.

Para Figueiredo (2004), a dificuldade essencial nos casos limites estaria referida às questões de vida e morte, ser e não ser, em contraposição à importância da sexualidade, dos conflitos e da estruturação edípica nas neuroses e na perversão. “Trata-se, nos casos limites, de estruturações pré ou, mais precisamente, anti-edípicas” (Figueiredo, 2004, p. 506). A sexualidade recusada e rejeitada nesses casos seria aquela que existe como “princípio de diferenciação”, mesmo quando o sexo é exercido de forma promíscua e compulsiva.

Ao se dedicar à questão do complexo de Édipo em suas etapas originárias, Figueiredo (2006) encontra na obra de Melanie Klein subsídios fundamentais para a

elucidação do tema. Contudo, para ele, não se trata apenas de revisitar determinados conceitos, mas de repensar a teoria e a clínica psicanalíticas a partir deles, sem os restringir à sua descrição clássica. Para atingir tal objetivo, propõe uma releitura das noções de “*phantasia* inconsciente” e de “situação edípica”, reconfigurando-as profundamente e transpondo os limites inerentes ao sistema de pensamento kleiniano.

### **III.3 – Édipo originário: a *phantasia* inconsciente**

Para Decio Gurfinkel (2007), a obra de Melanie Klein pode ser considerada importante “figura de passagem” entre o modelo pulsional/intrassubjetivo e o modelo das relações de objeto/intersubjetivo, abrindo caminho para uma articulação entre ambos, ainda que esse “diálogo” não tenha sido efetivamente desenvolvido por ela. Através do minucioso estudo da questão da fantasia no seio das relações objetais, Klein manteve o acento preponderante nos fatores pulsionais e em seus derivados internos (o ódio, a inveja, a culpa, o amor, a gratidão e a reparação), e não na qualidade subjetiva da relação objetal propriamente dita.

Tendo isso em vista, Figueiredo (2009), seguindo os rastros de André Green, defende a riqueza do árduo, mas fértil, trabalho de interlocução entre paradigmas distintos na construção do saber psicanalítico. Na visão do autor, o psicanalista, em sua produção, deve encontrar um caminho que lhe possibilite integrar diferentes modelos teóricos sem aderir a uma opção exclusiva e excludente que o restrinja, por exemplo, ao modelo da pulsão *ou* ao da relação de objeto; do desejo ou do desamparo/dependência; da fantasia ou do trauma; do conflito ou do déficit; do intrapsíquico ou do intersubjetivo. Busca assim, em suas formulações, a escolha de uma lógica paradoxal, “substituindo o *ou* pelo *e* (...), mantendo a psicanálise aberta à criação e à invenção permanente” (Figueiredo, 2009, p. 9 – Grifos do autor).

Ao se dedicar a essa tarefa com rigor e empenho, o retorno que Figueiredo faz à obra de Klein pressupõe a utilização de ferramentas teóricas mais avançadas e matizadas, que o distanciam do universo estrito da teorização kleiniana original. Discutiremos inicialmente a releitura que ele propõe da noção de “*phantasia* inconsciente”, estofa imprescindível para a compreensão da situação triangular que precede o desencadeamento e a consolidação do Complexo de Édipo.

O termo “*phantasia* inconsciente” se refere, acima de tudo, aos correlatos subjetivos das pulsões. “Acredito que as *phantasias* operam desde o começo, assim como as pulsões, e constituem a expressão psíquica da atividade tanto das pulsões de vida quanto das pulsões de morte” – afirma Melanie Klein (1952/1984, p. 58 – Tradução nossa). Se na teoria freudiana, a pulsão é a força resultante de uma transposição psíquica da excitação somática, na teoria kleiniana a *phantasia* inconsciente é o elemento subjetivo análogo à emergência dessa força. É a “atividade psíquica que ocorre em profundos níveis inconscientes e acompanha todo impulso (...)” (Klein, 1959/1984, p. 251 – Tradução nossa). Nesta concepção, não existe processo psíquico que não seja acompanhado por uma camada de *phantasias* inconscientes.

Essas *phantasias* constituem os representantes psíquicos da força pulsional – tudo aquilo que se inscreve no psiquismo, se projeta em direção ao campo do sentido, mas não necessariamente vem a ser subjetivamente apropriado. São pensamentos em estado embrionário sem os quais nenhuma representação é desenvolvida. “O conceito de *phantasia* inconsciente com o seu notável hibridismo e heterogeneidade, reúne o mais somático e sensorial a uma possibilidade embrionária de sentido” (Figueiredo, 2006, op. cit., p. 133 – Grifo do autor). Incluem-se nesta constelação de elementos psíquicos, desde as mais remotas percepções, traços mnésicos e imagens, até os processos mais elaborados de representação.

“Nesta medida, situam-se em um plano de abstração diferente, e mais profundo do que qualquer fantasia — inconsciente ou consciente — que possa ser acessada e ter uma existência fenomênica reconhecível” (Figueiredo, 2006, op. cit., p. 129). As *phantasias* inconscientes, na concepção de Klein, não se reduzem à representação nem ao recalçamento, embora certamente estejam implicadas em ambos os processos. O fato é que nem sempre uma *phantasia* inconsciente vem a ganhar o estatuto de representação.

A partir dessa noção e de suas vicissitudes, Figueiredo delinea as condições que estabelecem a entrada ou não do sujeito no processo de triangulação edípica. Sustenta o autor que Melanie Klein, assim como Freud, é uma pensadora do mal-estar. A relação narcísico-dual que o bebê estabelece com seu objeto primário estaria longe de ser puramente idílica. A despeito de seu caráter onipotente, essa relação comporta frustrações e implica limites. O objeto primário, geralmente a mãe – e, inicialmente, o seio da mãe – apesar de constituir a principal fonte de gratificação para a criança, é também o cerne de irremediáveis frustrações. A indiferenciação entre mãe e bebê não é absoluta, pois

diversos fatores, subjetivos e objetivos, funcionam como uma espécie de “não mãe” aos olhos da criança – a mãe má, o pai, o ambiente, entre outros. Um obstáculo está sempre se insinuando, promovendo certa diferenciação.

Nesse contexto de restrição se originaria a “situação edípica”, expressão utilizada por Klein em 1926, situação que considera como estando associada desde o início da vida às experiências de impedimento a uma gratificação plena. Notadamente, ela precederia até mesmo o desencadeamento do Édipo precoce, o qual já se encontraria referido a uma entrada efetiva na triangulação, algo ainda não conquistado subjetivamente nessa etapa. Diversas conjunturas ilustram a situação edípica como, por exemplo, a impossibilidade de atender plenamente à voracidade infantil. No começo, ela é apenas uma *phantasia* inconsciente opaca, ininteligível, correlata às ausências, às faltas e insuficiências do objeto primário – sentidas ou imaginadas, que resultam em incômodos, pavores e dores para a criança. Há outras fontes e alvos de prazer para a mãe, e esse fato se impõe desde o começo.

Um terceiro elemento indefinido, objeto libidinal da mãe, ao ser de algum modo percebido, faz parte da realidade psíquica em formação da criança. Logo, estabelece-se uma situação triangular e obscura, pouco nítida, insipiente, que serve como condição de possibilidade da relação diádica, impedindo que esta recaia numa atração fusional. Dessa forma, o lugar de terceiro estaria aberto desde a instauração da situação edípica, muito antes de o complexo de Édipo se desencadear plenamente. Paradoxalmente, ele sustenta e viabiliza a onipotência narcísica primordial da unidade mãe-bebê, pois, a função do “terceiro” serve aqui como condição do “segundo” e do “primeiro” na díade primordial, provendo sustentação.

Ao se interrogar sobre o que poderia ser uma adequada ocupação do lugar de terceiro, em oposição à ausência de instalação da função paterna, propõe Figueiredo (2006, op. cit., p. 142) que na antessala do Édipo, “mas já no contexto de uma situação edípica, o ‘pai’ limita, permite e protege a relação diádica e o narcisismo de origem”. Impede assim que *phantasias* inconscientes de uma relação dual-narcisista exclusiva e excludente permaneçam intactas, imperando de modo ilimitado. E, mais significativamente, serve como estopim de construção da cena primitiva por parte do *infans*. Mesmo quando é um terceiro elemento mal percebido, mal delimitado, o pai já figura como firme ameaça à relação dual, constituindo “o ingrediente decisivo da cena

primária original *phantasiada*, derivada das privações (...)” (Figueiredo, 2006, op. cit., p. 139 – Grifo do autor).

### III.4 – A violência da cena primitiva

Ao avaliar as possíveis evoluções da conjuntura precursora do Édipo, Figueiredo (2006, op. cit.) mostra que existem formas constitutivas, defensivas e desestruturantes da situação edípica primária. Formas que devem ser distinguidas e examinadas separadamente. Ao centrar-se sobre o que poderia ser caracterizado como má evolução dessa experiência subjetiva, o autor nos remete à noção kleiniana de “casal combinado”. A princípio, o objeto e “o outro do objeto” são *phantasiados* como fundidos, estando assim amplamente indiferenciados, permanecendo na condição de objetos parciais. Trata-se de figuras onipotentes, confundidas, que se cronificam em uma cena primitiva rudimentar, origem de angústias catastróficas.

Segundo André (1995/1996, p. 77), a noção kleiniana de “casal combinado” oferece uma aproximação possível do caráter sexual parcializado da cena primitiva em sua dimensão arcaica: “um momento selvagem, próximo da indiferenciação; turbilhão, borrasca que arrebata os contornos, (...) – sendo a combinação a de penetrações múltiplas e difíceis de atribuir ao que ainda não constitui verdadeiramente um casal de parceiros”. Nessa *phantasia*, a mãe e o “pai” (objeto ainda indefinido) – o “não mãe”, o “outro”, “o outro do outro” – unem-se em intercurso contínuo e violento. Essa fantasia elementar provém de diversas circunstâncias ligadas à dependência incontestável do bebê e às inevitáveis frustrações advindas de sua relação com o objeto primário.

Conforme assinala Cardoso (2002, p. 56), nessa concepção proposta por Melanie Klein, a cena primitiva “é fantasiada também como uma destruição mútua” e, dessa forma, “o pênis contido no interior da mãe representa o pai e a mãe reunidos em uma só pessoa, e esta combinação assume uma significação particularmente temível e ameaçadora”. O caráter violento da cena é decorrente do mecanismo de projeção. A violência resultante da imensa voracidade do bebê, de sua resposta emocional às privações, é projetada na *phantasia* de intercurso brutal e agressivo do casal combinado. “Assim, o momento mais agudo do sadismo é atingido quando este é dirigido para a cena do coito dos pais” (Cardoso, 2002, op. cit., p. 56).

Contudo, ressalta Figueiredo (2006, op. cit.) que na cena fantasiada não há a percepção de um coito *stricto-sensu* entre a mãe e um homem, pois o casal combinado na *phantasia* torna-se um objeto único, completo, autossuficiente. Estabelece-se assim interessante paradoxo: trata-se de uma interação sexual violenta, desordenada, em que seus participantes estão confundidos, tornados “*um*”, objeto singular que assume caráter de “estranheidade” para o ego. Todavia, se estamos falando em interação, esta pressupõe no mínimo dois personagens em jogo.

Esse ponto é incompreensível sem considerarmos o aspecto de indiferenciação tanto sexual quanto geracional em vigor no intercurso aqui em questão. O masculino e o feminino não estão propriamente separados simbolicamente, assim como a abissal distância, em todos os sentidos possíveis – subjetivo, cronológico, físico –, entre o casal parental e a criança, não é efetivamente reconhecida em termos representacionais. “Na cena primária primordial (...) cria-se o objeto todo-poderoso, protetor absoluto e terrorífico, detentor de todos os atributos e capacidades, o interior da mãe com um pênis interno” (Figueiredo, 2006, op. cit., p. 139).

Figueiredo (2004) dedica particular atenção à tese de Phyllis Greenacre em que a cena primitiva, seja ela observada, inferida ou imaginada, tem efeitos bem distintos conforme a etapa de constituição psíquica do infante. Antes de seu ingresso efetivo na triangulação, a cena tem notável dimensão traumática,

seja porque impõe ao bebê uma experiência de exclusão radical (nem ao menos compreende o que se passa, mas “vê” os pais em um estreito, intenso e violento conluio que o deixa de fora e desamparado), seja porque o sobrecarrega com uma excitação intolerável de caráter libidinal e, principalmente, agressivo (Figueiredo, 2004, op. cit., p. 510).

A dimensão traumática advém justamente da impossibilidade de exercer o papel de observador na cena, de ocupar o lugar de terceiro. Ou a criança está totalmente fora, inexistente como objeto de investimento dos pais, vivenciando a exclusão como puro aniquilamento, ou passa a estar totalmente dentro, sendo literalmente um dos participantes da cena. A vivência de absoluta exclusão, sem espaço para a mínima inserção no enredo conjugal, assim como a de inclusão desenfreada, sem os limiares salutares de uma consistente separação do casal parental, estabelece o solo traumático cujas repercussões na constituição narcísica tendem a ser desastrosas.

Uma das saídas forjadas pelo psiquismo é a construção de uma organização narcísica da personalidade na qual o reconhecimento da diferença e da alteridade

permanece esmaecido. Por conseguinte, prevalecem as relações diádicas narcisistas (simbióticas) ou monádicas (esquizoides), decorrentes da rejeição da relação triangular iminente. Isso incrementa os processos de idealização e de arrogância defensivas, assim como o de persecutoriedade intensa, propiciando o inexorável ataque aos processos de pensamento e a emergência daquilo que Figueiredo (2006, op. cit., p. 142) denomina “ódio à realidade”.

Esse ódio não está referido à realidade propriamente dita, mesmo porque não há como se fazer contato direto com esta, mas sim, à realidade da própria *phantasia*, que é a expressão em estado bruto da situação edípica: “o maior dos sofrimentos parece ser justamente levar em conta as *phantasias* inconscientes que criam e sustentam uma cena primária intolerável” (Figueiredo, 2006, op. cit., p. 142). A impossibilidade de eficaz ingresso na triangulação torna o sistema egoico extremamente suscetível à violência que essa *phantasia* veicula, dando margem a defesas radicais contra ela – defesas mais primitivas que o recalçamento, que atacam ou neutralizam a capacidade imaginativa do sujeito, acometendo o funcionamento psíquico enquanto tal. Uma das formas mais exuberantes desses mecanismos resultaria na invasão e inundação das *phantasias* no território egoico, levando a um extravasamento de seus elementos por meio de violentas passagens ao ato.

“Nas estruturas não neuróticas, as forças pulsionais destrutivas visam particularmente à cena primitiva, objeto de ataque, de desligamento, de negativização, de alienação” – escrevem Bertrand & Papageorgiou (2010, op. cit., p. 967 – Tradução nossa), em consonância com a hipótese de Figueiredo. Para corroborar esse postulado, as autoras mencionam as noções de bi-triangulação (Donnet e Green), de autoengendramento e Anti-Édipo (Racamier), e a proposição de Bion de ataque aos laços, que pode se estender ao desligamento da cena primitiva, afetando de modo profundo as associações representativas e o pensamento. Notadamente, essas noções também serviram, em maior ou menor grau, como auxílio teórico para a releitura que Figueiredo propõe da problemática edípica em Melanie Klein.

Na adicção sexual, a espetacular esfera de atuação no campo da sexualidade, em total detrimento da capacidade erótica de metaforização, nos remete a uma exteriorização de elementos, condizente com a hipótese de ataque à cena primitiva na condição de *phantasia* inconsciente. A “fantasia arcaica” de uma cena primitiva onde o sujeito experimenta as intensidades excitatórias elevadas de uma interação violenta, confusa,

entre personagens mal delimitados, em vez de ser elaborada e integrada ao mundo representativo, é exteriorizada através de inúmeras passagens ao ato, cuja conotação sexual é explicitamente semelhante à da fantasia recusada.

### **III.5 – Impacto da cena primitiva**

As fantasias que habitam a vida subjetiva fornecem sentido e valor afetivo às experiências de que são correlatas. Tendo isso em vista, o ataque ao “fantasiar” gera efeitos extremamente nocivos ao psiquismo, já que as capacidades de sonhar, imaginar e desejar tornam-se inibidas, empobrecidas e, em última instância, destruídas. É o que se observa claramente na adicção sexual. Isso possivelmente acusa um aprisionamento a esta infeliz circunstância psíquica: o sujeito está confinado a um intercurso violento no qual está, ou completamente excluído, incapacitado de existir narcisicamente na relação objetual e moldá-la simbolicamente a seu favor, ou se encontra terrivelmente incluído, numa posição de vítima ou agente da violência incestuosa, impossibilitado de fazer parte dessa relação como terceiro observador. Cabe ressaltar que o significado do termo “incestuoso” nesse panorama está atrelado à extrema dificuldade de separação intrapsíquica e afastamento da sexualidade das figuras parentais.

Para Chabert (2014, op. cit.), o vazio representativo usualmente encontrado em sujeitos fronteiros não seria um fator constitutivo, mas procederia de um enfraquecimento severo da atividade fantasística, matriz das representações e de seus afetos correspondentes. Esse vazio serviria justamente como contraponto defensivo de um excesso aniquilador que provém de determinadas “fantasias” – fantasias arcaicas, diríamos nós, à luz da contribuição de Klein – e suas cargas excitatórias, principalmente a da cena primitiva.

Ao invés de se ver excluído do intercurso parental e colocado numa posição exterior, protegida, o sujeito se percebe “dentro” da cena, atribuindo a si próprio um lugar ativo nos movimentos incestuosos da relação sexual que se desencadeia. Se Chabert (2014, op. cit.), em seu exame, atribui ao “excesso de inclusão” o caráter traumático da cena, pensamos que essa dimensão da inclusão irrestrita e “ativa” é apenas uma parte do problema, não podendo de modo algum ser destacada como única vertente da questão.

No que concerne à complexidade do tema e no extremo oposto do “excesso de inclusão”, Green (1980/1988, op. cit.), ao descrever o complexo da mãe morta, oferece

pertinente ilustração de uma situação cujo teor de exclusão absoluta do enredo conjugal causa prejuízos inestimáveis à elaboração da cena primitiva. O traço essencial do complexo em questão não é a perda real do objeto materno, mas a presença totalmente desinvestida deste na relação, por estar ele próprio absorto em luto. A mãe se deprimiu por uma razão ou outra, podendo ser grande o número dos motivos. De objeto vivo e fonte de vitalidade, ela passa a ser uma figura distante, inexpressiva e quase inanimada.

O súbito e violento desinvestimento do objeto materno leva à constituição da entrada de um terceiro, “outro do outro”, a ser vinculado posteriormente à figura paterna. O objeto indefinido do luto da mãe e o “pai” condensam-se para a criança, criando um Édipo precoce, por meio de uma cena primitiva onde o *infans* está, no plano da fantasia, radicalmente excluído do intercuro que se desencadeia entre a mãe e o “pai”. “(...) É na hora do encontro de uma conjuntura e de uma estrutura que põe em jogo dois objetos, que o sujeito vai se confrontando com os traços mnêmicos relacionados com o complexo da mãe morta” (Green, 1980/1988, p. 257-258).

Assinala Urribarri que, em “A mãe morta”, texto no qual descreve a situação acima referida, Green nos oferece um

escrito iluminador da triangularidade no funcionamento não-neurótico, que estabelece uma relação do trauma narcísico com o fantasma da cena primitiva: a impossibilidade de realizar o luto da mãe morta é inseparável da impossibilidade de renunciar ao objeto incestuoso (conservado através de um “amor gelado”) (Urribarri, 2012, op. cit., p. 152).

O confronto com a cena primitiva é descrito como capaz de ocasionar tamanho trauma narcísico, pois nela o infante experimenta a medida da distância abissal que o separa da mãe, assim como a sua impotência para reavivá-la. O *infans* adquire assim a capacidade de se abstrair da realidade afetiva de maneira repentina e inexplicável. O desinvestimento, agora por parte da própria criança, não é apenas afetivo, mas também de ordem representacional. A queda retumbante que sofre de seu pedestal narcísico resulta em extrema fragilização da confiança em si e no outro e, por conseguinte, na perda de sentido do laço objetal (Estellon, 2014a, op. cit.).

No campo da sexualidade a perda de sentido decorrente dessa vivência traumática faz desmoronar a construção simbólica do seio materno, “cujo prazer é a causa, a finalidade e a garantia” (Green, 1980/1988, op. cit., p. 250). Essa situação inibidora do trabalho metaforizante do autoerotismo repercute numa segunda frente de defesas. Entre elas, interessa-nos uma em particular: “a excitação auto-erótica instala-se pela procura de

um prazer sensual puro, prazer de órgão no limite, sem ternura, sem piedade, que não necessariamente é acompanhado de fantasias sádicas, mas permanece marcado por uma reticência a amar o objeto” (Green, 1980/1988, op. cit., p. 250).

Há dissociação precoce entre ternura e sensualidade, entre afetividade e corpo sensorial. Isso potencialmente acaba por culminar no bloqueio dos sentimentos em relações objetais posteriores que envolvam aproximação sexual. “O objeto é procurado pela sua capacidade de desencadear o gozo isolado de uma zona erógena ou de várias, sem confluência num gozo compartilhado por dois objetos mais ou menos totalizados” (Green, 1980/1988, op. cit., p. 250). O objeto sexual reduz-se a um objeto parcializado, anônimo e desumanizado. No pano de fundo disto, estaria o aprisionamento do sujeito a uma vertente inicial do Édipo, em que o trauma narcísico consecutivo aos primeiros confrontos com a triangulação atua de modo devastador no curso das relações objetais posteriores.

Podemos questionar até que ponto esse paradigma introduzido por Green não se aplica também a outras contingências particulares do encontro objetal *que não se reduzem* à descrição do complexo da mãe morta. O apelo desmedido ao prazer sensorial da sexualidade, dissociado do amor objetal e da construção de sentido, não viria responder ao fracasso de elaboração da cena primitiva, onde o sujeito experimenta de formas variadas e singulares as intensidades excitatórias do excesso de exclusão ou do excesso de inclusão?

### **III.6 – Um Édipo à beira dos limites**

O fracasso de elaboração da cena primitiva, concomitante à precariedade de instauração da triangulação edípica, culmina, em última instância, na fragilidade da interdição dos desejos incestuosos, exigindo o esboço de outras saídas para a dissolução do Édipo.

A este respeito, afirma Chabert (2014, op. cit.) que, em configurações fronteiriças, o estabelecimento precário de “diques psíquicos” não dá suporte ao isolamento do Édipo em sua dupla vertente libidinal e agressiva. As proibições permanecem sem estável interiorização, fazendo com que os impulsos incestuosos e assassinos permaneçam invasivos no plano intrapsíquico. Um movimento maciço de “contrainvestimento” faz-se

necessário para lutar contra a excitação e a angústia que a dupla ameaça incestuosa/agressiva engendra.

Esses contrainvestimentos afetam essencialmente a realidade externa: a realidade interna, muito excitante, muito sem restrições, que não encontrou vias psíquicas suficientemente reguladoras, deve ser neutralizada de maneira drástica com a finalidade de que as representações e, sobretudo, os afetos que lhe são vinculados voltem para um grau de excitação suportável (Chabert, 2014, op. cit., p. 100 – Tradução nossa).

As formulações de Chabert nos permitem sustentar a seguinte hipótese: na adicção sexual, esse “contrainvestimento” de uma realidade interna demasiadamente excitante e sem contenções se apresentaria *não apenas* através do apelo desmedido ao sexo e aos excessos hedonísticos, *mas, principalmente*, através de progressiva adesão a situações de risco, onde a busca irrefreável e descomedida por atividades sexuais coloca o sujeito frequentemente “no limite” do perigo, sendo este significativo fator de excitação. “Em uma sexualidade arriscada e controlada, ela pode ser colocada sob a égide do perigo, consoante com o ambiente perigoso da primeira infância, mas aqui, é o próprio sujeito que lança mão do risco com a finalidade de controlá-lo (...)” – pontuam Blanchard & Decherf (2002, op. cit., p. 67). Mas, de que modo isso ocorre?

No que tange a essa *jouissance* mortífera, o *sex-addict* pode, por exemplo: desfazer-se totalmente do uso do preservativo, com a finalidade de potencializar o prazer e o contato físico com o parceiro, expondo-se deliberadamente a graves doenças sexualmente transmissíveis; consumir drogas diversas, lícitas ou ilícitas, que atuam no organismo intensificando as sensações experimentadas, impedindo-o de avaliar certos riscos vitais; buscar práticas sexuais mais pesadas – sadomasoquismo, *fist-fucking*, *bondage*, urofilia, escatofilia, etc. –, algumas delas podendo resultar em profundas lesões corporais; colocar-se em situações e lugares de risco, ao não medir esforços e projetar-se num movimento desenfreado de conquista, abordando pessoas anônimas sem qualquer tipo de cautela ou precaução; ultrapassar os limites do organismo, não respeitando as necessidades básicas de sono e de alimentação, chegando frequentemente a estados de extrema exaustão física e esgotamento psicológico; entre outras circunstâncias que implicam reais ameaças à preservação de sua integridade física e psíquica.

Consideremos então neste ponto o retraimento absoluto da relação objetal implicado nos casos de adicção sexual, em que o parceiro sexual não é investido em sua condição de objeto alteritário, mas, ao mesmo tempo, é procurado incessantemente para

uma interação sexual, esta assumindo progressivamente proporções radicais e perigosas. O paradoxo dessa busca sem limites tem como uma de suas bases a dimensão desestruturante da cena primitiva, o que nos parece de especial importância como elemento de determinação na gênese da sexualidade adictiva.

De acordo com Christian Gérard (2010), o caráter organizador da cena primitiva depende de um preâmbulo, a inscrição do sujeito no sistema de triangulação precoce, precursor de simbolizações primordiais. As triangulações precoces são pré-requisitos necessários, não suficientes por si só, mas que condicionam a elaboração do “enigma” ao qual a cena primitiva confronta o sujeito, permitindo-lhe, em *après-coup*, acessar a conflitualidade edipiana.

Segundo Bertrand & Papageorgiou (2010, op. cit.), quando se trata de estruturas não neuróticas, os obstáculos em torno da cena primitiva e o seu potencial desorganizador estão plenamente em vigor. Em análise, esses pacientes demonstram notória dificuldade em historicizar o seu percurso objetal, colocar em perspectiva seus desejos e em poder articulá-los com diferentes momentos de sua história. Os impasses e lacunas na narrativa desses sujeitos levam, de fato, a uma interrogação mais rigorosa sobre esse aspecto da questão. O poder desorganizador da cena viria do “enigma” que ela representa, da incapacidade do infante de lhe atribuir sentido?

O *sex-addict*, em seu comportamento, parece exteriorizar compulsivamente aquilo que em outras circunstâncias se apresentaria prioritariamente através do enigma, da fantasia e do investimento na relação objetal. Ao praticar o sexo de modo desenfreado, desumanizado e arriscado, é como se não houvesse uma representação da cena primitiva regendo e organizando o seu mundo interno, mas sim uma *apresentação* incessante da mesma no mundo externo, sob a forma de sucessivas atuações. O sujeito se entrega a múltiplas façanhas sexuais, de modo totalmente parcializado e fragmentado, onde não há investimento no laço objetal, apenas uma troca limitada aos aspectos vorazes, práticos e concretos da sexualidade. É como se não houvesse enigma, apenas literalidade.

Assinala Jacques André (1995/1996, p. 77) que, em seu cenário mais elaborado e reformulado, “a fantasia é conjuntamente submetida à dominação masculina, fállica, e ao componente sádico: um homem penetra/invasa uma mulher”. Os casos que estamos examinando parecem estar aquém dessa “tradução” subjetiva, da possibilidade de adquirir uma significação e, portanto, remetem a outro tipo de violência.

### III.6.1 – O extremo do “sexual”: extremo do risco

Estellon (2012) articula a problemática da adicção sexual à noção de *extremo*, concernente não apenas, do ponto de vista fenomenológico, à questão das condutas de risco, mas, em primeiro lugar, a um modo particular do funcionamento psíquico. A noção de extremo, segundo o autor, convoca a ideia de um limite além do qual alguma coisa se rompe ou se quebra. “Do ponto de vista da psicopatologia da vida cotidiana, a transgressão brinca com esse limiar, no sentido de que desafia esse limite” (Estellon, 2012, op. cit., p. 109 – Tradução nossa). O autor retoma a etimologia latina do termo “risco”, que remete ao verbo “*resecāre*”, cujo significado é literalmente “cortar”. A cronificação da sexualidade adictiva leva o sujeito a não conseguir mais satisfazer-se com as práticas e vivências habituais, conduzindo-o à busca de sensações mais puras e mais fortes. Logo,

o medo, a atração pelo desconhecido, a excitação mórbida, o desejo de descoberta e de exploração, a aspiração mortífera, são estados (...) que procedem de movimento transgressivo, suscetíveis de colocar o sujeito em situações extremas de sua vida cotidiana (Estellon, 2012, op. cit., p. 109 – Tradução nossa).

Para Deloupy & Varescon (2007), essa propensão ao risco deve ser considerada uma modalidade de dependência, concomitante e subjacente aos casos de adicção sexual. No circuito repetitivo da sexualidade compulsiva, há quase sempre um vivido profundo de vazio e de depressão abissal. A “caça” por potenciais parceiros e os riscos implicados vêm tentar injetar vida e ânimo num sujeito profundamente embotado afetivamente. O colorido da vida e das relações permanece sem força, sem vigor, o que parece ser contornado apenas transitoriamente, quando ele se entrega à “adrenalina” e à excitação da perspectiva de concretizar alguma situação sexual almejada.

A exposição ao risco não se reduz a um simples obstáculo a ser ultrapassado, uma experiência circunstancial a ser vivida, mas constitui verdadeiro estilo de vida, impondo-se como necessidade imprescindível para vários sujeitos inseridos nesse contexto. Em outras palavras, a questão da tomada de riscos seria, de certo modo, uma dimensão intrínseca à problemática da adicção sexual, apresentando-se de formas e graus variados nos *sex-addicts*. Inspirando-se no trabalho de David Le Breton, “*Passions du risque*”, Deloupy & Varescon indicam: “A tomada de riscos teria por função encontrar um limite psíquico, onde os limites simbólicos se fazem ausentes. Trata-se (...) de tornar a ameaça

de morte potencialmente acessível mas, em última instância, evitando-a, tomando as precauções usuais” (Deloupy & Varescon, 2007, op. cit., p. 119-120 – Tradução nossa).

Todavia, muitas vezes essa circunstância atinge proporções mais radicais e perigosas. O sujeito se inscreve em outra relação com o risco, na qual as precauções são significativamente reduzidas, tendendo a ficar à mercê da sorte ou da casualidade. A partir desse momento, está “além da simples tomada de risco; a metáfora do contato com a morte é levada mais próxima ao último limite” (Id., ibid., p. 120 – Tradução nossa). Quando isso se apresenta, estamos diante de uma “conduta ordálica”, própria ao registro do “extremo”.

De acordo com Charles-Nicolas & Valleur (1996), o comportamento ordálico seria o engajamento repetitivo do sujeito em circunstâncias possivelmente mortais. No caso da sexualidade, esta pode adquirir o valor de “conduta ordálica” principalmente no contexto de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis. A prática do *bareback*, sexualidade voluntariamente não protegida entre duas ou mais pessoas que consentem, conscientes ou não dos riscos infecciosos a ela ligados, torna-se uma figura emblemática desse panorama onde exigências sexuais imperiosas, múltiplos parceiros e uma espantosa erotização do perigo levam a crescentes tomadas de risco.

Mostra Estellon (2012) que o *bareback*, termo cujo significado é literalmente “montar” ou “cavalgar” sem a sela, é cada vez mais frequente no meio dos *sex-addicts*, especialmente no universo homoerótico masculino. O malefício mais notável que envolve é o da propagação ilimitada de doenças graves como a AIDS, além de outras como sífilis, hepatite b, etc. – doenças que podem se tornar fatais se não forem detectadas a tempo e devidamente tratadas. Indo na contramão de práticas sexuais qualificadas de “higiênicas” ou de “sexualidade *kleenex*”, a troca ilimitada de substâncias corporais como a saliva, o sangue e, sobretudo, o esperma, durante a cópula torna-se condição *sine-qua-non* para a fruição de qualquer prazer sexual (Estellon, 2012, op. cit.).

Apesar da conotação de servidão aos imperativos da adicção, a adesão a essas práticas comporta também o sentido de *status* social nos meios obscuros de encontros homoeróticos. “Nessa visão, os resistentes são aqueles que correm riscos e que não têm medo de ‘não se proteger’ durante a copulação” (Estellon, 2012, op. cit., p. 113 – Tradução nossa). Muitas vezes apresentado por seus adeptos como a “sexualidade dos resistentes”, o *bareback* aparece como resposta consciente e militante aos axiomas da saúde totalitária (Estellon, 2012, op. cit., p. 113– Tradução nossa).

O sujeito precisa, desesperadamente, confrontar e desafiar as regras impostas socialmente, em nome de uma afirmação não apenas da própria sexualidade, mas antes e primordialmente, a serviço de uma afirmação narcísica, urgentemente necessária. “Nessa inversão lógica (...), proteger-se de um vírus mortal se torna macabro, enquanto se expor ou se expor demais torna-se o epítome da coragem e da resistência” (Estellon, 2012, op. cit., p. 114 – Tradução nossa).

Essa conduta ordálica, transgressiva, segundo Deloupy & Varescon, “aparece sobre uma dupla vertente na sexualidade dos *barebackers*: transgressão em relação aos tipos de parceiros, mas também em relação ao tipo de sexualidade” (2007, op. cit., p. 119 – Tradução nossa). As autoras se centram aqui não nas motivações conscientes dessas atividades, mas nos fundamentos inconscientes das mesmas – o que, evidentemente, complexifica e enriquece a discussão.

Em diferentes relatos clínicos, a transmissão do vírus HIV emerge no discurso dos *barebackers* como equivalente à procriação. Se a reprodução não é permitida entre eles, ao menos a transmissão do vírus o é. Transmissão que, curiosamente, serve como representante simbólico, no discurso desses homens, do tornar-se pai ou mãe, padrinho ou madrinha, da doença que os estigmatiza. Isso posto, dois pontos de vista precisam ser levados em conta: o do sujeito que corre o risco de ser contaminado e não consegue ter relações protegidas; e o do sujeito já contaminado que não se preocupa com a prevenção do parceiro, aspecto pouco abordado na literatura sobre o tema.

De acordo com Deloupy e Varescon (2007),

Todos manifestam certa inquietude com a ideia de contaminar um de seus parceiros. Eles insistem sobre o fato de que os lugares e os *sites* de encontros que frequentam impõem toda evidência de um estatuto sorológico positivo e a vontade de não utilizar o preservativo (Deloupy & Varescon, 2007, op. cit., p. 124 – Tradução nossa).

No que se refere a essa característica que as autoras tratam como um “aspecto egocêntrico da sexualidade” (Deloupy & Varescon, 2007, op. cit., p. 124 – Tradução nossa): o sujeito não tem a intenção deliberada de contaminar o parceiro, mas não leva essa questão em consideração quando busca encontros sexuais anônimos. O que ele não admite é o uso do preservativo, argumentado como algo que impossibilitaria a relação sexual. Mais precisamente, não conseguiria manter fisicamente a relação ao usá-lo.

Nesse ciclo de dependência, perpetuam-se comportamentos onde risco e sexualidade tornam-se indissociáveis. A utilização do preservativo, para esses homens,

“viria, de fato, romper com a ideia de uma intimidade que eles criaram e que seria necessária para se atingir o prazer, (...) a fusão procurada na relação sexual” (Deloupy & Varescon, 2007, op. cit., p. 123 – Tradução nossa). Qualquer tipo de prevenção se apresenta para eles como ruptura em sua expressão sexual, o preservativo aparecendo como freio à liberdade procurada. “A troca de fluídos corporais aparece como elemento fundamental do erotismo no *bareback*. Troca essencial, pois é o sinal, a prova de uma fusão com o outro, onde o preservativo se apresenta como uma barreira” (Id., *ibid.*, p. 125 – Tradução nossa).

Relacionar-se sem proteção constituiria assim uma relação mais íntima com alguém, onde haveria comunicação completa, sem obstáculos ou impedimentos para o corpo do outro.

### **III.6.2 – Diluição das fronteiras**

Catherine Breton (2005) assinala a ambiguidade e a dimensão inconsciente dos desejos que residem na base dos comportamentos de não prevenção. Em sua experiência clínica, ela trabalhou predominantemente com sujeitos soropositivos em atendimentos ambulatoriais, onde a relação entre sexualidade, excesso e morte propiciou reflexões muito pertinentes. Para a autora, a questão da prevenção no meio homossexual masculino deve ser abordada de forma matizada, já que, em sua apreciação, não devemos falar em “homossexualidade”, mas em “homossexualidades”.

Apesar da meta consciente de encontrar outras pessoas, enfatiza Breton (*Ibid.*) que, nas áreas de “*cruising*”, esses sujeitos vão encontrar, paradoxalmente, a si mesmos através da relação. “O outro na relação sexual não é um outro, mas uma projeção de si mesmo. E não existe prevenção do sujeito quando não há um outro, quando ele está apenas consigo próprio” (Breton, 2005, op. cit., p. 99 – Tradução nossa). Nos locais de encontro, muitos vislumbram a almejada possibilidade de extinguir momentaneamente os limites entre si próprios e o outro, reconstituindo-os apenas após o contato íntimo com o parceiro.

Quando sentimentos de vazio se tornam extenuantes, devoradores, insuportáveis, o impulso que surge é o de “partir para a caça”, o de procurar uma re-asseguração no contato com o outro – que, nesse caso, é um “outro” similar. O coito não apenas preencheria, mas “criaria” o sujeito, em vias de desintegração narcísica. Com o olhar e o

sexo do outro, ele poderia ter certeza de si próprio. Desse modo, esses sujeitos precisam recomeçar inúmeras vezes uma relação física com alguém para ter certeza de sua própria identidade, de sua própria existência.

“Trata-se literalmente de uma necessidade do pênis e não de um desejo (...): nessa sexualidade em espelho, eles demandam a realidade anatômica do sexo (...)” (Breton, 2005, op. cit., p. 101 – Tradução nossa). Nos *backrooms*, acrescenta a autora, há uma dupla atitude, ativa e passiva, onde todas as posições remetem a uma condição indefinida, masculina e feminina, sem clara delimitação. Nesses espaços, as “relações” são permeadas por um interdito não abertamente declarado, mas absolutamente imperativo: o interdito da palavra. “Muitos relataram que caso falassem, deveriam ir-se embora do lugar” (Id., *ibid.*, p. 100 – Tradução nossa).

Em sua experiência clínica, Breton (*Ibid.*) veio frequentemente a se deparar com uma circunstância psíquica específica: para esses homens, era extremamente difícil conceber uma origem fundamentada num casal parental, não havia em seu mundo interno uma clara inscrição psíquica dessa relação parental. No decorrer do tratamento, em sua memória do *infantil*, muitos têm acesso à existência de uma relação primitiva e simbiótica com a figura materna: “relação simbiótica extremamente mortífera com a mãe, que eles tentam repetir numa relação sem limites com o outro e ainda sem preservativo, num encontro necessariamente efêmero, mas destrutivo” (Id, *ibid.*, p. 102 – Tradução nossa).

Em termos gerais, o que se apresenta em muitos casos é um pai intensamente desvalorizado, enfraquecido, seja aos olhos do sujeito, seja, supostamente, aos olhos da mãe. A constatação tardia de um terceiro elemento na díade primordial vem acompanhada de sentimentos extremos de aflição e desamparo, resultantes de uma ferida narcísica insuportável associada a sentimentos de exclusão do enredo libidinal e conjugal. Pode-se observar que o sujeito “vive”, de algum modo, os extremos da inclusão e da exclusão, onde não há meio-termo, ambos coexistindo em sua história relacional: ou está engajado em uma relação sem limites, destrutiva, com a figura materna, afogado em extrema confusão de papéis; ou se encontra radicalmente isolado, excluído dos movimentos amorosos e sexuais do casal parental.

Nesse fracasso de elaboração da triangulação edípica, Breton (2005, op. cit.) vislumbra a origem da sexualidade compulsiva e o posterior aprisionamento do sujeito aos imperativos dessa modalidade de adicção. E é também nesse fracasso edípico que ela

vai situar a “fantasia” singular que permeia a vida desses sujeitos, de que eles seriam os reis absolutos da sexualidade.

À medida que o outro na relação sexual existe predominantemente em sua materialidade corporal e não em suas demandas subjetivas e desejantes, dificilmente a prevenção entra em jogo, pois um “corpo sem rosto” – e, aparentemente, sem alma, sem psique – dificilmente poderia ser atingido por um vírus mortal. Nessa lógica tortuosa, um corpo que serve como máquina sexual, “máquina de gozo”, não receberia nem transmitiria o vírus HIV ou qualquer outra doença sexualmente transmissível. Qual dano ou prejuízo um corpo sem alma poderia sofrer ou causar?

A concretude e a literalidade da busca sexual no *sex-addict* mascaram as profundas fendas no processo de constituição dos objetos internos – seja a representação do objeto paterno, seja a do objeto materno, seja a de si próprio como sujeito desejante e separado dos objetos primários fundamentais.

Conforme exploramos neste capítulo, a construção da cena primitiva, etapa precursora de consolidação do Édipo, é o vivido subjetivo crucial onde reside a base para que o sujeito possa não apenas figurar, mas estabelecer os contornos e a elaboração dos papéis sexuais e de seu próprio lugar no feixe de relações que se estabelecem entre o eu e o outro. Com a ausência de uma construção simbólica crível e estruturante, ele precisa encontrar outros meios para fazer frente à violência que o confronto incestuoso e ilimitado com os primeiros objetos veio a suscitar em seu psiquismo.

A busca irrefreável e imprudente do *sex-addict* na realidade externa serviria justamente como o caminho possível de “contrainvestimento” de uma realidade interna caótica e traumática. Caminho singular que, inevitavelmente, termina assumindo viés profundamente mortífero.

Como lembra Chabert (2014, op. cit.), o emaranhado de excitações que o complexo de Édipo falha quanto a prover contenção invade precisamente o espaço psíquico, pois suas potenciais expressões são regidas por balizas fracas e flutuantes. A sobrecarga pulsional empurra o sujeito às passagens ao ato, sendo poderosa em suas sanções: devido à valência incestuosa, a sexualidade toma outra direção, caótica e irrestrita, a violência se apoderando do aparelho psíquico, colonizando o superego do mesmo modo que as outras instâncias. O sujeito torna-se ao mesmo tempo juiz e vítima de si próprio, no sentido de que não há referência interna consistente a um terceiro que interdita – agente instaurador da lei. Na ausência de limites internos bem estabelecidos, o

sujeito precisaria testar, de modo desesperado e extremo, os limites da realidade externa, se colocando em situações onde a dor e o prazer sexual atingem intensidade máxima, a sexualidade assumindo, mais do que nunca, viés eminentemente destrutivo.

Ao repudiar o “outro”, à medida que repudia a si próprio, o *sex-addict* esforça-se ativamente para não despertar o seu desejo, tentando assim escapar da ameaça de se ver passivamente como seu objeto. Está aí o paradoxo: a sedução que exerce é radicalmente parcial, não pode ser estendida ao conjunto de sua subjetividade, nem à do parceiro. Ele busca apenas fragmentos do outro, à medida que lhe oferece apenas fragmentos de si próprio. A fusão de corpos que procura na relação sexual não se transpõe em uma verdadeira relação de intimidade com o parceiro.

Desse modo, lampejos de “adrenalina”, onipotência e euforia ao “partir para a caça”, mesclados com sentimentos de terror e decadência após esgotar-se nos mares revoltos do sexo anônimo, estritamente carnal, formam o fervilhante caldeirão que ameaça consumir de vez o *sex-addict*. Exaurindo os limites, negligenciando as fronteiras, choca-se com o gozo, absoluto e irrestrito. Aprisionado a um vivido arcaico de “violência sexual”, onde fantasias edípicas imperam de modo ilimitado, onipotente e devastador, ele permanece condenado à colocação em ato de uma cena sexual sem clara demarcação entre seus personagens.

## Considerações Finais

O nosso objetivo na presente tese foi realizar uma investigação teórica aprofundada do quadro da adicção sexual, examinando os fatores psíquicos implicados em sua gênese, fenomenologia e dinâmica de funcionamento.

Em busca de um solo epistemológico para a nossa pesquisa, fizemos inicialmente uma incursão ao território da Psicopatologia, com o intuito de reconstruir o percurso de emergência da concepção de adicção sexual nesse importante âmbito do saber. Notadamente, é nele que se proliferam estudos pormenorizados e discussões mais detalhadas acerca desse tema. A compreensão psicopatológica da adicção sexual não é linear. Apesar das divergências e da presença de diferentes perspectivas, a descrição sintomatológica do quadro, em especial, parece não variar muito, sendo, em sua essência, bastante similar à descrição de outros quadros de adicção. Os parâmetros essenciais girariam em torno dos constructos da perda de controle do comportamento sexual e da continuação deste, apesar de suas consequências nocivas (Goodman, 1992).

Em seguida, buscamos na obra freudiana subsídios para uma abordagem psicanalítica da adicção sexual, concentrando-nos, primeiramente, nas noções de “intoxicação libidinal” e de “compulsão à repetição”. A primeira, própria às neuroses atuais, é paradigmática de uma vertente desestruturante, excessiva e não mentalizada da vida sexual. Já a última, referente ao segundo modelo pulsional, *tourmant* realizado por Freud em 1920, nos oferece os fundamentos de análise do espectro de respostas defensivas elementares frente à ação do traumático no funcionamento psíquico. As categorias de “excesso” e de “compulsão” impuseram-se assim em nossa investigação como operadores metodológicos essenciais. Em sua dinâmica de funcionamento, a adicção sexual não pode ser confundida com um simples e excessivo exercício da sexualidade, mas traz, em sua base, a dimensão de “compulsão”, de resposta defensiva que é acionada frente à insistência de um excesso pulsional, correlativo aos limites egoicos de ligação, simbolização e representação de determinados elementos “intraduzíveis”.

Analisamos, a partir desse ponto, o entrecruzamento dos quadros da adicção sexual e da perversão, examinando com o devido rigor seus pontos de convergência e divergência, especialmente através da contribuição de Joyce McDougall (1995/1997) – buscando, em última instância, diferenciar os dois registros, elucidando a singularidade de cada um. Mostramos como, apesar de eventuais semelhanças no que concerne à

economia psíquica, ou seja, aos aspectos quantitativos da vida sexual, os aspectos *qualitativos* que caracterizam a adicção sexual e a perversão são distintos.

Na perversão sexual ou “neossexualidade”, o imperativo que comanda o ato sexual é revestido de significações inconscientes altamente especializadas, tendo estreita relação com vivências traumáticas específicas da história progressa do sujeito. O ato sexual está permeado de significado, de sentido simbólico, a despeito do caráter compulsivo que possa vir a assumir. A adicção sexual ou “neonecessidade”, em seu sentido estrito, não pressupõe a execução de um roteiro fixado e particularizado para o exercício da vida sexual. Ocorreria justamente o contrário, pois, neste caso, a prática sexual se desvencilharia progressivamente de coordenadas simbólicas significativas.

A constatação de haver tal empobrecimento do erotismo e da fantasia nos levou a investigar as relações entre corpo sensorial e autoerotismo. Vincent Estellon (2002) situa o núcleo do problema da adicção sexual em um estágio arcaico de constituição do corpo erógeno, aquele que precede a consolidação do autoerotismo. Os acidentes e traumatismos na constituição desse estágio conduzem à dominância de expressões rudimentares e estritamente sensoriais das moções sexuais, mais próximas de uma “autossensualidade”. Trabalhamos, então, a concepção de Pierre Fédida (1990/1991) sobre a existência de um autoerotismo sem Eros, no qual sensações corporais são buscadas e exploradas com pouca ou nenhuma dimensão simbólica. O funcionamento “auto” nesse caso em hipótese alguma se concilia à modulação engendrada pela circulação de Eros. Estellon (2002) define o *sex-addict* precisamente como “adicto do corpo sensorial”. Nele, os processos de pensamento ficam esmaecidos em benefício da sensorialidade periférica. Na base dessas manifestações, vigora uma lógica regressiva onde o sujeito responde a uma situação psíquica adversa refugiando-se no campo limitado das sensações corporais e em suas variações.

Trabalhamos, a partir daí, as contribuições de René Roussillon (2004a), pois na visão deste autor a possibilidade de o infante experimentar o prazer de encontro com o objeto primário permite a passagem do prazer autossensual, predominantemente sensorial, para o prazer autoerótico. Se esse encontro não abranger minimamente uma dimensão prazerosa, resultante da constituição de um laço suficientemente seguro com o objeto, prazeres primitivos tendem a permanecer com escassas possibilidades de integração psíquica, ameaçando o princípio prazer-desprazer que rege o psiquismo. Mas

qual seria o estatuto dessa modalidade de prazer sexual que não se integra psiquicamente, que não se conforma à regência do princípio de prazer?

Seguimos, então, Roussillon (2004b) que distingue o “prazer-descarga” da satisfação subjetiva que resulta do prazer de encontro com o objeto. O prazer ligado à descarga pulsional não produziria necessariamente o sentimento de satisfação, o qual dependeria do compartilhamento de afeto, de partilha do prazer. As formas alienantes de dependência estariam relacionadas às formas de prazer sem compartilhamento. Nelas, o excessivo recurso ao “prazer-descarga” não chega a se transpor em trabalho de Eros.

Exploramos igualmente as noções de função objetualizante e desobjetualizante de André Green (1986/1988) e, a partir delas, sustentamos que o fato de o *sex-addict* buscar inúmeros parceiros sexuais em curto intervalo de tempo não poderia estar ancorado nos esforços de ligação das pulsões de vida. Essa busca pelo objeto sexual contrariaria o estabelecimento de vínculos e compartilhamento de prazer, sendo, *paradoxalmente*, expressão sinuosa da função desobjetualizante. O prazer buscado não desemboca aqui em satisfação subjetiva, permanecendo restrito ao domínio de um autoerotismo sem trabalho de Eros, ou seja, sem objetualização, de acordo com o sentido que Green confere a essa noção.

Dedicamo-nos, assim, aos aspectos relativos à relação *eu-outro* na adicção sexual onde há um funcionamento em “*zapping*”, o sujeito deslocando seus investimentos freneticamente, passando de um objeto para outro, rejeitando qualquer possibilidade de estabilidade relacional (Estellon, 2012). O parceiro sexual, ao mesmo tempo drasticamente desinvestido em seus aspectos afetivos e subjetivos, é desesperadamente procurado para uma interação sexual. Procuramos fundamentar teoricamente a singularidade dessa dinâmica particular e paradoxal de relação objetal.

Na busca insaciável do *sex-addict*, não haveria integração de suas experiências na memória psíquica. O sujeito que tem numerosos encontros por semana é, muitas vezes, incapaz de lembrar os primeiros nomes e até mesmo os rostos de seus parceiros, como se estes fossem objeto de um processo psíquico assemelhado à anulação retroativa (Estellon, 2015). Restam apenas impressões, resquícios de sensações. Apesar da precariedade dos laços associativos, pensamos haver algo de uma mínima conquista do objeto sexual, o *sex-addict* sabendo seduzir e se conectar com o outro anônimo.

A questão da conquista/sedução do objeto resultou em nosso interesse pela contraposição estabelecida por Alberto Eiguer (2010) entre adicção sexual e libertinagem.

Ao exercer intensa sedução do objeto, o libertino, diferentemente do adicto, estaria mais implicado no processo de conquista do que na prática sexual propriamente dita. Em seu projeto hedonista, cultiva o prazer em seus aspectos qualitativos. Não obstante a desconsideração dos códigos e convenções sociais, o libertino obedece a parâmetros internos bem estabelecidos, sendo movido por desejos apropriados subjetivamente. Todavia, quando em situação de crise, ele se vê empurrado rumo a uma sexualidade indiferenciada e insípida, a relação sexual se reduzindo a uma interação vazia. À medida que perde as rédeas de sua busca sexual, o libertino se assemelha, de certo modo, ao *sex-addict* – constatação que leva Eiguer (2010) a afirmar que a adicção sexual seria uma forma extrema e frustrada de libertinagem.

Quanto à especificidade da conquista do objeto na adicção sexual, nos mostrou acertadamente Estellon (2015) que a sedução que o *sex-addict* exerce comporta valência agressiva, muito mais implícita do que explícita, posto que, habitualmente, o sujeito não impõe, no sentido de forçar, suas demandas sexuais a ninguém. Não há aqui violência sexual exercida contra o parceiro. Porém, outro tipo de violência estaria em jogo: a violência do esquecimento, do desinvestimento. Neste caso, o parceiro se reduz a um fornecedor involuntário de cuidado para um corpo em estado de demanda urgente de estimulação erógena. A redução do outro ao estatuto de “objeto-prótese” nos fez examinar qual seria o verdadeiro estatuto da busca do *sex-addict*. O que ele buscaria ao dirigir-se a inúmeros corpos sem rosto e sem identidade?

Atravessado por expectativas contraditórias em relação ao objeto, sugere Eiguer (2010) que o *sex-addict* depositaria inconscientemente grandes expectativas no encontro com o outro, utilizando, de forma tortuosa e radical, o exercício compulsivo da sexualidade para aceder a um ideal inalcançável de relação. Nessa mesma direção, Estellon (2011) afirma que o *sex-addict* procuraria inconscientemente o amor. Assombrado por angústias relacionais de abandono e intrusão, ele forjaria em suas práticas compulsivas uma espetacular estratégia fóbica, que lhe permite afastar-se do encontro com o outro, tornando inviável a possibilidade do laço afetivo. Abandonando seus parceiros, o *sex-addict* se distanciaria do temido risco de sofrer com a perda do amor.

Considera igualmente Jacques André (1995/1996) que a labilidade das relações amorosas e sexuais, a frequente redução do objeto amoroso ao estatuto vago de “parceiro”, constituem compensação extrema para a angústia de perda do amor do objeto. Contudo, essa lógica do “abandonar para não ser abandonado”, “desinvestir para não ser

desinvestido”, “não amar para não sofrer posteriormente com a perda do amor” nos parece bem distinta do que pensamos estar na base da extrema precariedade e crueza das manifestações relacionais na adicção sexual. O que efetivamente nos chama a atenção é a lógica da alternância de uma posição subjetiva, onde, *ao desconsiderar seus objetos sexuais, o sujeito se defende do confronto com uma situação de passividade perante o encontro do outro*. Mas, qual seria o teor dessa passividade?

Jacques André (1995/1996) propõe as diferentes configurações da psicosexualidade que concernem ao que ele considera como a feminilidade da vida psíquica: o estado de desamparo do bebê em relação ao adulto; a posição sexual feminina; a submissão ao tratamento psicanalítico; e, por fim, o amor objetal. Todos esses casos pressuporiam uma posição feminina, passiva, que o sujeito se veria convocado a ocupar. Aliás, no que tange ao desamparo infantil, a passividade estaria além de uma convocação, pois se trata de uma condição constitutiva do sujeito, sendo, na verdade, o grande protótipo da feminilidade. André (Id., *ibid.*) retoma a segunda teoria da angústia em Freud (1926/1969), propondo que a angústia de perda do amor seria a retranscrição de um estado infantil de desamparo. Isto porque com a perda do investimento e do interesse do outro, o *infans* se veria entregue ao próprio caldeirão pulsional, à turbulência excitatória que o habita internamente. Estar desamparado é estar “sem ajuda”, sem recursos, sem a possibilidade de escapar do perigo de colapso intrapsíquico.

A angústia de perda do amor é uma angústia sinalizadora, um “anteparo” estruturante, que vem a proteger o sistema egoico de uma perda ainda iminente. Na adicção sexual, a grandiosa esfera de atuação e empobrecimento da vida relacional, *não* nos pareceu uma possível resposta para a angústia de perda do amor, mas, justamente, um recurso substitutivo que vem a suplantar essa angústia sinalizadora – que, nesses casos, desafortunadamente, não pôde se constituir. Mostramos como o apelo incessante ao sexo, ao “outro” anônimo, vem substituir a constituição da angústia-sinal, sendo o caminho possível encontrado pelo sujeito para tentar remediar uma situação avassaladora de desamparo, protótipo de radical passividade perante o outro interno/externo – que, conforme tivemos a oportunidade de argumentar, embasados na teoria da sedução generalizada desenvolvida por Jean Laplanche (1987/1992) tem, como é sabido, sua origem no confronto originário entre a criança e o adulto sedutor.

Como ilustração do impasse vivido pelo *sex-addict*, elaboramos o material relativo ao filme *Shame* (McQueen, 2011), que retrata a história de Brandon, jovem e bem-

sucedido executivo, cuja vida é corroída pelo ímpeto desenfreado ao sexo, tornando-o impossibilitado de alcançar uma verdadeira relação de intimidade com as pessoas com quem exerce suas práticas sexuais. Quando Brandon tenta estabelecer relação significativa, do ponto de vista afetivo, com uma mulher, Marianne, ele se vê impossibilitado de consumir o ato sexual. O “desencontro” entre Brandon e Marianne nos pareceu emblemático da impossibilidade de o *sex-addict* se engajar em um verdadeiro “encontro sexual”, onde se tornaria possível experimentar os prazeres e afetos humanizantes da sexualidade, dividindo-os com um “outro”. Antes de temer se vincular afetivamente a Marianne, Brandon foi incapaz de responder à sua solicitação desejante: uma mulher com um rosto, uma história, uma subjetividade.

Vimos a questionar se o “encontro sexual” propriamente dito não poderia também ser considerado como uma das expressões que desvelam a dimensão do “feminino” na vida psíquica, pois se encontrar sexualmente com alguém, antes de implicar uma entrega afetiva, pressupõe a submissão, em maior ou menor grau, aos anseios desejantes do outro, bem como uma abertura à própria interioridade – aos abismos, conflitos e angústias que permeiam e inflamam toda formação desejante. Propomos então que, antes de recusar a feminilidade do amor objetal, o *sex-addict* recusa a feminilidade que o “encontro sexual” implica. Ele exerce práticas sexuais com inúmeras pessoas, mas não se encontra sexualmente, de fato, com ninguém.

Nessa recusa da alteridade – do outro, do desejo e, do próprio inconsciente –, vimos que o sexo assume viés narcísico e patológico, o sujeito buscando na relação objetal a contenção narcísica que não pôde ser interiorizada em etapas iniciais de seu desenvolvimento psíquico (Blanchard & Decherf, 2002). A relação sexual se torna uma busca desenfreada de “existência”, de re-asseguração de si. O não estancamento de feridas narcísicas aliena o sujeito em modalidades profundamente solitárias de obtenção do prazer sexual, mesmo quando acompanhado.

Entretanto, apesar desse “fechamento”, o apelo desmedido ao sexo anônimo não deixa de ser a retranscrição de um profundo e sufocado apelo ao outro, da tentativa de neutralizar o estado de desamparo no qual o sujeito se encontra submerso. Para fundamentar esse ponto, utilizamos a concepção de intersubjetividade da pulsão, proposta por Roussillon (2004a). Longe de constituir apenas um imperativo de descarga, a força pulsional comporta mensagem subjetiva, que é dirigida fundamentalmente a outro-sujeito, com a potencialidade de ganhar forma e significação.

No último capítulo de nossa tese, exploramos a essencial e inescapável dimensão do complexo de Édipo nas determinações da adicção sexual. Partindo das contribuições de Freud (1912/1996), vimos que reside precisamente no abandono problemático do Édipo o núcleo do impasse vivido por sujeitos cuja vida amorosa ou sexual permanece travada, como se estivesse “hipotecada” pelo valor persistente e invasivo dos primeiros objetos de investimento edípiano (Estellon, 2014a). Inicialmente, analisamos o processo de clivagem entre ternura e sensualidade na teoria freudiana, onde o sujeito só consegue exercer plenamente sua sexualidade com objetos depreciados afetivamente.

Sustentamos que a particularidade do processo psíquico que permeia esse tipo de clivagem não pode ser totalmente estendida para a compreensão da adicção sexual onde o próprio “encontro sexual” não é plenamente exercido. Contudo, ao indicar que a fragilidade da operação do recalque das moções incestuosas estaria na base da dissociação entre “amor” e “sexo”, Freud (1912/1996) não deixou de nos auxiliar na abertura da outra via de elaboração que propusemos para a situação clínica da qual nos ocupamos. Sugerimos que o exercício compulsivo da sexualidade teria como um de seus fundamentos o aprisionamento do sujeito a uma circunstância edípica precariamente solucionada, de cunho incestuoso. Porém, ressaltamos o significado especial que assume o termo “incestuoso” neste caso.

Qual seria a singularidade do Édipo na adicção sexual? Inspirados em algumas formulações de André Green (1980/1988) a propósito dessa questão nos estados limites, defendemos que o *sex-addict* ascende ao Édipo, mas permanece retido em suas etapas originárias, não fazendo bem a passagem para a sua “dissolução”, referente ao complexo de castração. Algo se mantém emperrado nessa travessia, constatação que nos conduziu a realizar uma análise depurada da noção de cena primitiva – pois, como argumentamos, nela parece residir a chave para a compreensão do Édipo e seus patológicos desdobramentos na situação clínica à qual nossa pesquisa foi dedicada.

Nos escritos freudianos, a cena primitiva designa a fantasia em que a criança observa o coito de seus pais, por ela interpretado como ato de violência exercido pelo pai. A criação dessa fantasia oferece suporte para a elaboração de teorias sexuais infantis, mas a carga excitatória em jogo no confronto com a cena estremece a organização libidinal do infante. Para Green (1980/1988), a cena primitiva constitui o núcleo primário que origina o Édipo, sobre o qual o complexo de castração virá posteriormente se articular. É nessa construção fantasística que o *infans* entra numa trama edípica ao atribuir como motivo da

ausência do objeto primário a presença de um terceiro objeto, “outro do outro”, que será vinculado, *a posteriori*, à figura paterna. Todavia, nem sempre o lugar de terceiro é efetivamente reconhecido e consolidado em termos representacionais. No caso dos fronteirços, um dos principais desafios seria o de efetuar a transição do estado de “terceiridade” potencial para o estado de “terceiridade” efetiva (Urribarri, 2012).

Seguimos as indicações de Luis Claudio Figueiredo (2006) que, inspirando-se na noção de “casal combinado” de M. Klein, propõe que a cena primitiva, em sua dimensão arcaica de *phantasia inconsciente*, abarca extrema confusão de papéis onde o objeto primário e um “terceiro” (objeto ainda indefinido) encontram-se fundidos, unidos em violento intercurso, permanecendo na condição de objetos parciais. Trata-se de figuras onipotentes, indiferenciadas, cristalizadas em uma cena primitiva rudimentar, origem de angústias catastróficas.

Entretanto, Figueiredo (2004) não encerra aí a questão, trazendo à tona matizes adicionais, ao concentrar-se na tese de Phyllis Greenacre na qual o confronto com a cena primitiva, antes do ingresso efetivo do *infans* na triangulação, apresenta notável dimensão traumática. Isto porque a criança ainda não possui os recursos internos para separar simbolicamente os personagens em jogo na cena, vivendo, no plano da fantasia, os extremos da inclusão ou da exclusão no que diz respeito aos movimentos sexuais e amorosos do casal parental. Ou a criança está totalmente fora, inexistente como objeto de investimento dos pais, vivendo a exclusão como puro aniquilamento, ou passa a estar totalmente dentro, sendo literalmente um dos participantes da cena.

Um dos possíveis mecanismos de defesa contra a violência dos excessos de inclusão ou exclusão é o ataque à realidade da própria fantasia, afetando de modo profundo as associações representativas e os processos de pensamento (Figueiredo, 2006). Em vez de ser integrada ao mundo representativo e simbolizada, a fantasia da cena primitiva é veementemente atacada, tendo seus elementos exteriorizados através de sucessivas passagens ao ato.

Defendemos a hipótese de que a espetacular esfera de atuação na adicção sexual, em total detrimento da capacidade erótica de metaforização, teria como um de seus fundamentos o ataque à cena primitiva na condição de fantasia arcaica. A conotação sexual das passagens ao ato, nesses casos, é explicitamente semelhante à da fantasia recusada. Confinado a um intercurso violento, sem clara delimitação entre o eu e o outro, o *sex-addict* ficaria condenado a colocar em ato na realidade externa o conteúdo que a

cena primitiva precariamente engendra. Nessa cena originária, estaria ele ou completamente excluído, incapacitado de existir narcisicamente na relação objetal e moldá-la simbolicamente a seu favor, ou terrivelmente incluído, numa posição de vítima ou agente da violência incestuosa, impossibilitado de fazer parte dessa relação como terceiro observador.

A não elaboração do Édipo no universo psíquico do *sex-addict* é decorrente, em grande parte, da violência excitatória da cena primitiva, levando a um movimento maciço de contrainvestimento de uma realidade interna demasiadamente excitante e perigosa. Na adicção sexual, esse contrainvestimento defensivo não se dá apenas através do apelo incessante ao sexo anônimo, mas se apresenta também por meio de progressiva adesão do sujeito a situações de risco extremo, colocando em séria ameaça a sua integridade física e psíquica. Na ausência de limites internos bem estabelecidos, ele precisaria testar os limites da realidade externa, confrontando-se ao risco de vida.

Nesse registro do “extremo” no qual o extremo do sexual conduz ao extremo do risco, trabalhamos principalmente o exemplo do *bareback*, sexualidade voluntariamente não protegida entre duas ou mais pessoas que consentem, conscientes ou não dos riscos da contaminação infecciosa (Estellon, 2005). A fusão com o outro, incessantemente procurada na relação sexual onde qualquer tipo de prevenção funciona como barreira à intimidade física almejada, expressaria as profundas fendas no processo de constituição dos objetos internos no *sex-addict* – seja a representação do objeto paterno, seja a do objeto materno, seja a de si próprio como sujeito desejante e separado dos objetos primários fundamentais.

## Referências

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, Third Edition. Washington, DC: American Psychiatric Association, 1980.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Third Edition, Revised*. Washington, DC: American Psychiatric Association, 1987.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fourth Edition*. Washington, DC: American Psychiatric Association, 1994.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fourth Edition, Text Revision*. Washington, DC: American Psychiatric Association, 2000.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition*. DSM-V. Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.
- ANDRÉ, J. (1995) *As origens femininas da sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- \_\_\_\_\_ (2001) Entre a angústia e o desamparo. In: *Ágora* (Rio J.), vol. 4, nº 2.
- \_\_\_\_\_ (2008) O acontecimento e a temporalidade. O après-coup no tratamento. *Ide*, 31 (47), 139-167.
- \_\_\_\_\_ (2011) Les 100 mots de la sexualité. “*Que sais-je?*”. Paris: P.U.F.
- \_\_\_\_\_ (2013) La sexualité masculine. “*Que sais-je?*”. Paris: P.U.F.
- BERTRAND, M.& PAPAGEORGIOU, M. (2010) Argument: Scène primitive. *Revue française de psychanalyse*, 2010/4 Vol. 74, p. 965-968.
- BLANCHARD, A-M. & DECHERF, G. (2002) Sexualité narcissique, sexualité génitale. *Le Divan familial*, n. 9, 2002/2, p. 61-70.
- BRETON, C. (2005) La transmission sexuelle du VIH, figure de la transgression? Interview Marie-Claire Célérier, *Champ psy*, nº 38, 2005/2, p. 93-107.
- CARDOSO, M.R. (2002) *Superego*. São Paulo: Escuta.
- CARDOSO, M. R. (2005) A servidão ao “outro” nos estados limites. In: CARDOSO, M. R. & GARCIA, C. A. *Entre o eu e o outro*. Espaços fronteiriços. Curitiba: Juruá, 2010, p. 17-27.
- CARNES, P. *The sexual addiction*. Minneapolis: Compcare Publications, 1983.
- \_\_\_\_\_ *Out of shadows: understanding sexual addiction*. Minneapolis: Compcare Publications, 1992.
- CHABERT, C. Édipe aux frontières. In: ESTELLON, V. *Actualité des états limites*, ERES, “*Le Carnet psy*”, 2014, p. 91-107.
- \_\_\_\_\_.; CIAVALDINI, A.; JEAMMET, P. & SCHENCKERY, S. (2006) *Actes et dépendances*. Paris: Dunod, 2006.

CHARLES-NICOLAS, A. & VALLEUR, M. (1996) Du sens dans la prise de risque: les conduites ordaliques, *Neuro-Psy*, 8 (11), p. 324-330.

COLEMAN, E. Sexual compulsion vs. sexual addiction: the debate continues. *SIECUS Report*, v. XIV, no.6, p. 7-11, 1986.

DELOUPY, J. & VARESCON, I. (2007) Le bareback, un corps à corps énigmatique. *Psychotropes*, 2007/1, Vol. 13, p. 115-129.

EIGUER, A. (2010) *Psychanalyse du libertin*. Paris: Dunod.

ESTELLON, V. (2002) “De l’angoisse à l’orgasme. La métaphore auto-érotique en défaut dans la sexualité addictive”. *Cliniques méditerranéennes*, n° 65, 2002/1, p. 183-202.

\_\_\_\_\_ (2003) “Sexualité auto-calmante et effacement de l’autre: les sacrifices d’Eros”. *Psychiatrie française*, n° 2, v. 34, 2003, p. 167-184.

\_\_\_\_\_ (2005) “Sexualités précaires et précarité sexuelle”. *Cliniques méditerranéennes*, n° 72, 2005/2, p. 63-79.

\_\_\_\_\_ (2010) “Sexualités limites”. *Perspectives Psy*, v. 49, 2010/4, p. 285-289.

\_\_\_\_\_ (2011) Sex-addictions ou libéralisme sexuel? In: Cupa, D., Parat, H. & Chaudoye, G. (Org.). *Le sexuel, ses différences et ses genres*. (p.127-140). Paris: EDK.

\_\_\_\_\_ (2012) Sexualités extrêmes. Les sexualités mélancoliques. In: Marty, F. & Estellon, V. (Org.). *Cliniques de l’extrême*. (p. 109-129). Paris: Armand Colin.

\_\_\_\_\_ (2014a) *Les sex-addicts*. “Que sais-je?”. Paris: P.U.F.

\_\_\_\_\_ (2014b) Des dépendances sexuelles à la sexualité addictive. In: *Cliniques*, 1/2014 (n°7), p. 150-167.

\_\_\_\_\_ (2015) Sexe-addiction ou la quête compulsive de la petite mort. In: *Études sur la mort*, 1/2015, (n°147), p. 109-124.

FÉDIDA, P. (1990) Auto-erotismo e autismo: condições de eficácia de um paradigma em psicopatologia. In: FÉDIDA, P. *Nome, figura e memória: a linguagem na situação psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 1991, p. 149-170.

FERRAZ, F. (2010) *Perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

FIGUEIREDO, L.C. (2004) Os casos-limite: senso, teste e processamento de realidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 38, n.3, p. 503-519.

\_\_\_\_\_ (2006) A clínica psicanalítica a partir de Melanie Klein. *Jornal de Psicanálise*. São Paulo, v. 39, n. 71, dez. 2006.

\_\_\_\_\_ (2009) A Psicanálise e a clínica contemporânea. *Revista Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*, Porto Alegre, n.07, Jan/Fev/Mar 2009. Disponível em: <http://www.revistacontemporanea.org.br/site/wp-content/artigos/artigo202.pdf> . Acessado em dezembro de 2016.

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (E.S.B.)*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

(1950 [1892-1899]) “Extratos de documentos dirigidos a Fliess”

(1894) “Rascunho E.”. Vol. I, p. 235-241.

(1897) “Carta 79”. Vol. I, p. 323-324.

- (1895) “Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada ‘neurose de angústia’”. Vol. III, p. 91-115.
- (1898) “A sexualidade na etiologia das neuroses”. Vol. III, p. 251-270.
- (1900) *A interpretação dos sonhos*. Vol. IV-V.
- (1905) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Vol. VII, p. 119-231.
- (1912) “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor” (Contribuições à Psicologia do amor II). Vol. XI, p. 181-195.
- (1917) “Conferência XXIV – O estado neurótico comum”. Vol. XVI, p. 379-392.
- (1918 [1914]). “História de uma neurose infantil”. Vol. XVII, p. 15-129.
- (1926) “Inibições, sintomas e ansiedade”. Vol. XX, p. 81- 171.
- (1930) “O mal-estar na civilização”. Vol. XXI, p. 67-148.
- \_\_\_\_\_ *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- (1915) “Pulsões e destinos da pulsão”. Vol. I, p. 133-173.
- \_\_\_\_\_ *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- (1920) “Além do princípio de prazer”. Vol. II, p. 123-198.
- \_\_\_\_\_ *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- (1924) “O problema econômico do masoquismo”. Vol. III, p. 103-124.
- GARCIA-ROZA, L. A. (1984) *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- GÉRARD, C. “Les triangulations précoces”. Un préalable à la scène primitive. *Revue française de psychanalyse*, 2010/4 Vol. 74, p. 1125-1139.
- GIUGLIANO, J. R. A psychoanalytic overview of excessive sexual behavior and addiction. *Sexual addiction & Compulsivity*, 10, p. 275-290, 2003.
- GOODMAN, A. Sexual addiction: designation and treatment. *Journal of sex and marital therapy*, vol. 18, no.4, p. 303-314, 1992.
- GREEN, A. (1980) A mãe morta. In: GREEN, A. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988, p. 239-273.
- \_\_\_\_\_ (1986) “Pulsão de morte, narcisismo negativo e função desobjetalizante”. In: GREEN, A. (Org.) *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta, 1988, p. 59-68.
- \_\_\_\_\_ (1988) *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.
- \_\_\_\_\_ (1996) Has sexuality anything to do with psychoanalysis? *International Journal of Psycho-Analysis*, 76, p. 871-883.
- \_\_\_\_\_ (2000) *Time in psychoanalysis: some contradictory aspects*. London: Free Association Books, 2002.
- GURFINKEL, D. (1993) “Introdução a uma abordagem psicanalítica da questão das drogas na adolescência”. In: RAPPAPORT, C. R. *Adolescência: abordagem psicanalítica*. São Paulo: EPU, p. 131-174.
- \_\_\_\_\_ (2007) Adicções: da perversão da pulsão à patologia dos objetos transicionais. *Psyche* (São Paulo), São Paulo, v. 11, n. 20, p. 13-28, jun. 2007.

- \_\_\_\_\_ (2011) *Adicções*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- JEAMMET, P. “Abordagem psicanalítica dos transtornos das condutas alimentares”. In: URRIBARRI, R. (Org.). *Anorexia e bulimia*. São Paulo: Escuta, 1999.
- KAFKA, M.P. Hypersexual disorder: a proposed diagnosis for DSM-V. *Archives of Sexual Behavior* (2010) 39, p. 377-400.
- KARILA, L.; WÉRY, A.; WEINSTEIN, A.; COTTENCIN, O.; PETIT, A.; REYNAUD, M. & BILLIEUX, J. Sexual addiction or hypersexual disorder: different terms for the same problem? A review of the literature. *Current Pharmaceutical Design*, Vol. 20 (25), p. 4012-4020, 2014.
- KLEIN, M. (1926) The psychological principles of infant analysis. In: KLEIN, M. *Love, guilt and reparation and other works 1921-1945*. New York: The Free Press, 1984, p. 128-138.
- \_\_\_\_\_ (1952) The mutual influences in the development of ego and id. In: KLEIN, M. *Envy and gratitude and other works 1946-1963*. New York: The Free Press, 1984, p. 57-60.
- \_\_\_\_\_ (1959) Our adult world and its roots in infancy. In: KLEIN, M. *Envy and gratitude and other works 1946-1963*. New York: The Free Press, 1984, p. 247-263.
- KRAFFT-EBING, R.V. (1892 [1886]) *Psychopathia Sexualis: With special reference to contrary sexual instinct: a medico-legal study*. Authorized translation of the seventh enlarged and revised German Edition, by Charles Gilbert Chaddock, M.D. Philadelphia: The F.A. Davis Company, Publishers, 1916. The Medical Bulletin Printing House, 1916.
- LAPLANCHE, J. (1987) *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- \_\_\_\_\_ (1993) *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- \_\_\_\_\_ & PONTALIS, J.-B. (1982) *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- MCDUGALL, J. (1978) *Plea for a measure of abnormality*. New York: Brunner/Mazel Publishers, 1992.
- \_\_\_\_\_ (1982) *Theaters of the mind: illusion and truth on the psychoanalytic stage*. New York & London: Routledge, 2012.
- \_\_\_\_\_ (1995) *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MCQUEEN, S. “Shame”. Produção: Iain Canning & Emile Sherman. Reino Unido, 2011.
- MORELLINI, A. (2008) “Addictions sexuelles: où commence la pathologie?”. *Perspectives Psy*, v. 47, 2008/1, p. 38-44.
- ORFORD, J. Hypersexuality: implications for a theory of dependence. *British Journal of Addiction*, 73 (1978), p. 299-310.
- \_\_\_\_\_ *Excessive appetites: a psychological view of addictions*. New York: John Wiley & Sons Ltd., 1985.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde; 10ª revisão (CID 10). 2ª ed. São Paulo: EDUSP; 1995, v.1. Disponível em:

<<http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/cid10.htm>> Acessado em outubro de 2016.

PIRLOT, G. (2006) *Perversions et addictions: les affinités sélectives*. In: AÏN, J. (Org.). *Perversions, aux frontières du trauma*. Toulouse: ERES, “Hors Collection”.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. (1998) *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ROUSSILLON, R. (2001) “L’objet, l’expérience de satisfaction et l’intelligibilité”. *Revue française de psychanalyse*, v. 65, 2001/4, p. 1379-1387.

\_\_\_\_\_ (2004a) “La pulsion et l’intersubjectivité”. *Adolescence*, n°50, 2004/4, p. 735-753.

\_\_\_\_\_ (2004b) “La dépendance primitive et l’homosexualité primaire en double”. *Revue française de psychanalyse*, v. 68, 2004/2, p. 421-439.

SCARFONE, D. (2005) *As pulsões*. São Leopoldo: Editora Unisinos.

STOLLER, R. (1975) *Perversion: the erotic form of hatred*. 2012. Nova Iorque: Pantheon.

URRIBARRI, F. André Green: o pai na teoria e na clínica contemporânea. *Jornal de Psicanálise*. São Paulo, v. 45, n. 82, jun. 2012.